



Teixeira Ribeiro escreveu sobre Vasco Gonçalves: a 1.ª edição do livro está esgotada

O livro de Vasco Gonçalves

O livro de Vasco Gonçalves, «Discursos, Conferências de Imprensa, Entrevistas», que há dias surgiu nas livrarias, constitui sem dúvida um acontecimento da maior importância na actividade editorial portuguesa, com profundas repercussões na vida política nacional. O livro apareceu e logo desapareceu, pois se esgotou rapidamente. Estamos, porém, em condições de informar que deve surgir em breve a segunda edição, enquanto paralelamente está a ser preparada uma edição popular, de que serão distribuídos gratuitamente alguns exemplares a cooperativas agrícolas, sindicatos e outras organizações populares.

A importância histórica e política deste livro é analisada e explicitada, com indiscutível autoridade, pelo vice-primeiro-ministro do V Governo, prof. Teixeira Ribeiro na introdução da obra, a qual com o título «Um Livro Importante», reproduzimos, com autorização do autor e do editor nas páginas centrais de hoje.

Inglaterra: Callaghan favorito

LONDRES, 17 — (R.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros James Callaghan era hoje o favorito para se tornar o próximo primeiro-ministro da Grã-Bretanha depois de Harold Wilson ter anunciado ontem a sua surpreendente intenção de se demitir.

Wilson, que chefia o Partido Trabalhista há 13 anos, quase oito dos quais como primeiro-ministro, declarou que permanecia no cargo até o seu sucessor ser conhecido.

(Mais noticiário na pág. 13)

Prioridade em Espanha para a liberalização

MADRID, 17 (FP) — Parece afastada a ameaça de crise ministerial imediata depois de um almoço de «explicação» que reuniu na segunda-feira, à volta de Carlos Arias Navarro, os principais ministros, entre eles os elementos reformadores, como Manuel Fraga, Iribarne, ministro do Interior, e José Maria de Areilza, ministro dos Negócios Estrangeiros.

Segundo fontes chegadas à presidência, os ministros examinaram a situação, sobretudo à luz dos acontecimentos de Vitoria, e teriam decidido nova ordem de prioridades, e na medida do possível, a aceleração do conjunto das reformas de liberalização.

A cabeça das prioridades, teriam sido colocadas a reforma do sistema sindical e a situação económica. Os ministros teriam concluído que o actual sistema sindical vertical já não corresponde às necessidades presentes, conforme o demonstra a situação social.

VASCO LOURENÇO NA CARREGUEIRA

SPÍNOLA TENTOU ADIANSTAR-SE AO 25 DE ABRIL

«O ex-general Spínola, com um determinado grupo de indivíduos, pretendeu adiantar-se ao 25 de Abril, forjando, de facto, um golpe de Estado para que as moscas mudassem mas o resto continuasse tudo exactamente na mesma» — afirmou o brigadeiro Vasco Lourenço, falando esta manhã aos jornalistas no decurso de uma visita ao Destacamento da Serra da Carregueira (R.I.O.C.).

A pergunta do «D.L.» sobre possíveis comentários a fazer a documentos que foram ontem publicados em vários jornais, focando o 16 de Março, o comandante da Região Militar de Lisboa disse:

«Eu não li suficientemente bem tudo o que saiu. No entanto, a maior parte do que li, nem

mostrou de facto uma coisa: que o ex-general Spínola e um determinado grupo pretendia adiantar-se ao 25 de Abril.»

E a seguir Vasco Lourenço declarou:

«Ainda bem que o 16 de Março não tem falhado, ao que nós assistíamos era a um golpe de Estado sem um mínimo de um programa político. Quando se diz que havia dois programas, não é exacto: nunca houve dois programas. O único programa que veio a ser aprovado foi efectivamente o que saiu à luz do dia em 25 de Abril de 1974, e que tem como base um documento aprovado na reunião de Cascais de 5 de Março e assinado por 110 de cerca de 180 elementos que estavam presentes

nessa reunião.»

Prosseguindo as suas declarações sobre o 16 de Março, o comandante da R.M.L. adiantou que «está claro que houve a tentativa de aproveitar o movimento e também uma espécie de corrida profissional».

«Havia dois grupos» — prosseguiu — «que inclusivamente tinham estado na origem de reivindicações profissionais no Movimento e houve uma tentativa de ultrapassagem e de fazer um golpe de Estado e abortar o Movimento que se veio de facto a dar no dia 25 de Abril.»

A presença de Spínola na Presidência da República foi também comentada por Vasco Lourenço, que a esse propósito disse:

«Na altura da crise Palma

Carlos, o Spínola voltou ao ataque. Pretendeu modificar novamente o programa do Movimento que tinha sido dado a conhecer em 25 de Abril de 1974 e parece que não há dúvidas de que todo o Povo português o aprovou no dia 1 de Maio. Spínola tentou modificá-lo, com a ajuda de alguns políticos — alguns que mais tarde vieram a gritar bem alto, «Aqui d'el-rei que nos querem tirar as eleições» — e tentou prolongar o período até às eleições para a Constituinte para dois anos. Tentou concentrar o poder nele e no Primeiro-Ministro. Tentou, de facto, transformar o 25 de Abril num golpe de Estado para manter o regime fascista na mesma,

Continua na pág. 20

Construção civil pode ir para a greve

Num momento em que a luta reivindicativa dos enfermeiros ainda não encontrou solução definitiva, novo conflito a nível nacional se avizinha, desta vez na construção civil, sector que abrange meio milhão de trabalhadores.

Na realidade, os sindicatos do sector estão na disposição de decretar greve geral, caso a portaria de regulamentação do trabalho para a construção civil, pendente no Ministério de Tomás Rosa, não seja publicada até ao dia 22 deste mês.

A decisão foi tomada numa reunião efectuada no Porto na passada sexta-feira, com a presença de 33 sindicatos e federações, e vem na sequência de uma série de sondagens junto dos trabalhadores, em que ficou patente a intenção de não permitir alterações ao projecto de portaria, nomeadamente no que respeita às tabelas salariais.

A questão foi objecto de uma conferência de Imprensa, esta manhã, onde foram revelados os dados do problema.

A Comissão Negociadora do Contrato — na proposta apresentada no Porto salienta a necessidade de estabelecer um prazo até ao dia 21 para «se fazer uma boa dinamização no Norte». Como afirmou um dirigente sindical, o País não é

Lisboa, Setúbal e o Sul. Essa dinamização está a ser concretizada através de plenários.

Um elemento da Federação do Norte, referindo-se aos resultados dos plenários, disse: «Os trabalhadores manifestaram-se dispostos a defender a portaria tal como está. No entanto, há uma zona que nos preocupa bastante. É a zona de Bragança. Os trabalhadores ainda não se aperceberam das vigarices do patronato. E porquê? Porque as liberdades, neste caso, as sindicais estão como antes do 25 de Abril».

Os membros da Comissão Negociadora relataram todo o seu processo de luta que se iniciou em 15 de Maio de 1975, quando entregaram o projecto de Contrato Colectivo de Trabalho (vertical) às Associações patronais. Salientaram a recusa do patronato em sentar-se à mesa das negociações. Nos diversos contactos estabelecidos com o Ministério do Trabalho, o secretário de Estado, Marcelo Curto desempenhou um papel importante. Primeiro porque, no início do processo «criticou as entidades patronais». Depois começa a dar o dito por não dito.

«O secretário de Estado concordou em que o contrato saísse por via administrativa e mais tarde seguiram-se as cenas tristes de desinformação feitas através da televisão. Os representantes do Ministério do Trabalho, para manipular a opinião pública contra nós chegaram a dizer na televisão que o aumento da massa salarial implicaria uma despesa de 12 milhões de contos. O que é mentira» — acentuou um elemento da comissão negociadora.

Os representantes dos trabalhadores sublinharam também que as actas assinadas pelo Primeiro-Ministro em S. Bento, na altura da greve, continuam válidas. Que tudo estava pronto para sair no dia 24 de Novembro. O Primeiro-Ministro davia também «deu o dito por não dito». Acrescentaram ainda que todas as diligências feitas pela C. N. para se avistar com o Primeiro-Ministro, desde há três meses, têm sido baldadas. Do gabinete do almirante Pinheiro de Azevedo responderam que «o sr. Primeiro-Ministro tem uma agenda muito sobrecarregada».

Perguntam os trabalhadores: «Será que um Contrato Colectivo de Trabalho que abrange 500 mil trabalhadores da construção não é importante?

Assaltantes de banco mataram um polícia no Porto

PORTO, 17 — Esta manhã, pouco depois das 9 horas, um grupo de meliante tentou assaltar a Agência do Banco Pinto Magalhães, sita na Via Rápida, zona industrial desta cidade. O polícia que ali se encontrava de guarda, José Fernando da Rocha, de 44 anos, foi abatido a tiro.

Segundo informações que nos foram prestadas, a tentativa de assalto ter-se-ia dado 10 minutos após a abertura da agência, na qual de momento, se encontravam apenas oito funcionários e três clientes. Três indivíduos saíram de um automóvel escuro que parou nas imediações, ouvindo-se de imediato a detonação de tiros disparados pela polícia, a título intimidatório, ao ver-se agarrado por um dos assaltantes, rapaz novo que por sua vez disparou dois tiros de revólver, conforme nos contou um dos funcionários do B. P. M.. Os outros dois assaltantes que se preparavam para entrar na agência puseram-se entretanto em fuga.

Continua na pág. 20

Nacional

Política de A a Z

O CASO VÍTOR LOURO

Não é o caso sabermos se o eng. Vítor Louro, secretário da Estruturação Agrária, no dia 5 passado, em Évora, pronunciou ou não certas frases. Não que as frases que lhe são atribuídas não tenham importância e não tenham significado político. Nem nos propomos fazer um inquérito espelinho, nem queremos assumir precipitadamente o papel de juízes. Queremos comentar o que se passou a partir do «caso Vítor Louro». Não é a «suspensão» do secretário de Estado que criticamos. Talvez a suspensão tenha contribuído para despoletar a situação. Para além de Vítor Louro, muito para lá das suas frases possíveis ou impossíveis, ditas ou imaginadas, está a presença de um «partido político» no Governo, a proximidade das «eleições legislativas», a evolução política no campo das forças democráticas e progressistas favoráveis à Reforma Agrária. Mário Soares, apesar de favorável, dentro e fora do P. S., tem-se mantido na linha de cobrir a actuação do ministro Lopes Cardoso. Prejudicar, irremediavelmente, as relações, já tão precárias, entre o P. S. e o P. C. P. no quadro regional alentejano, criar um novo problema relativo à presença de militantes comunistas no Governo, atacar a política da Reforma Agrária são os verdadeiros objectivos da operação em curso. O empolamento que lhe deu alguma imprensa, a carga de reacção e de deusdedita animosidade que veio à superfície, devem prevenir-nos quanto à lisura de intenções dos defensores da «ordem» e da paz nos campos, cuja exaltada indignação já o notou o ministro Lopes Cardoso — contrasta com o silêncio de «antigamente». Silêncio de complicitade com a exploração sem limites, com o desamparo terrível, a que estavam condenados os camponeses do Ribatejo e do Alentejo.

O CASO GOMES MOTA

O secretário de Estado da Cooperação, dr. Gomes Mota, apresentou o seu pedido de demissão. Despede-se do Governo após uma missão a Moçambique na qual não obteve os resultados programados, nem sequer a esperada audiência. O homem da missão não terá a ver com as qualidades do homem, mas tem que ver com a condução geral da política de «descolonização» e com o planeamento da «política de cooperação» com as Nações africanas. Tristemente se verifica que os resultados alcançados não são positivos, que as perspectivas que se nos oferecem não são favoráveis. Perdemos a iniciativa, primeiro. Perdemos a autoridade, depois. Concretamente: a política seguida em relação à Angola veio prejudicar todo o quadro das nossas relações com os outros territórios ex-coloniais, veio mostrar aos africanos que boa parte do nosso anti-imperialismo se cifrava em doces afirmações sem consequências práticas. Demos aos africanos a imagem da hesitação em opções fundamentais da nossa própria política. Demos-lhe a impressão de que a «descolonização» era um complemento de uma política defensiva, e não um elemento fundamental de estratégia da nossa própria libertação.

O «caso Gomes Mota» previne-nos para outros insucessos. Em qualquer país um membro de um Governo não se arrisca ao inóxito de uma negociação que não foi devidamente preparada. Em Portugal, nesta improvisação em que andamos, os ministros viajando muito, expõem-se imenso e encarregam-se, frequentemente, de actividades exploratórias, comerciais e propagandistas, que deveriam ser a tarefa de um pessoal adequado e especializado.

TRIUNFALISMO POLÍTICO

Uma excepção da nossa vida política tem sido o «triunfalismo». Excepção feita de algumas exposições sobre a situação económica e financeira; ouvimos perorar, em tom triunfal, das relações internacionais, da cooperação, da «aliança Povo-M. F. A.», da «irreversibilidade do processo», etc. Parece urgente reduzir o tom, descer à terra. Parece urgente na acção e no discurso adoptarmos padrões de maior rigor e uma linguagem de maior responsabilidade. O País tem direito à verdade. O País está cansado de «triunfalismos». É preciso fazer a pedagogia das dificuldades. Uma Revolução é sempre difícil. A transformação de uma sociedade que estagnou meio século sob um regime de opressão e de demissão cívica, é trabalho para gente que se disponha a verter sangue, e até lágrimas. A frase é de um conservador inglês. Poderia servir de lema a muitos revolucionários portugueses.

AS BRUXAS E O QUOTIDIANO

Não acreditamos nas virtudes e poderes das bruxas. Mas elas existem, dizia um irmão ibérico, homem de génio e de experiência. Veja-se como, entre nós, proliferam os caçadores de bruxas. Todos os dias surgem novos «mistérios» a despropósito de tudo. No quotidiano inserem-se novas preocupações: o «golpe», o «contragolpe», a «intriça», a «manobra». Estamos no domínio da intoxicação que é um campo privilegiado para a espionagem, o secretismo, a insinuação, a facada. Nos bastidores sabe-se tudo. As revelações quotidianas surgem, na sua aparente espontaneidade, como bem orquestradas provocações. Conhecem-se os nomes dos provocadores, conhecem-se os salões e os bares onde se fabricam e desfazem as glórias nacionais, onde se promovem e aniquilam homens políticos, esperanças de estadistas, hipóteses de chefes. Cenários de decadência e práticas já de corrupção envenenam os bastidores da vida política portuguesa. É tempo de acabar com a intoxicação. É tempo de acabar com o «comércio dos segredos». É tempo de arejar os ministérios, as repartições, os palácios; de limpar salões e bares; de impor na vida pública a verdade a que temos direito. A verdade que não deverá ser uma palavra de ordem política, mas uma regra moral da vida quotidiana. É uma opção: ou a verdade revolucionária... ou a intoxicação reacçãoária. Querem escolher?

Greve dos enfermeiros dominou plenário do Conselho de Ministros

Uma greve «particularmente censurável e ilegítima, pela natureza especial dos interesses e valores que põe em causa e em risco» — eis como o Conselho de Ministros, ontem reunido em S. Bento na residência oficial do Primeiro-Ministro, qualificou a paralisação de trabalho no referido sector. Aliás o problema dominou boa parte da atenção do plenário, fixando-se um prazo a partir das 9 horas de hoje para o ministro Rui Machete «tomar as medidas que a lei faculta para assegurar o normal funcionamento do sector da Saúde», caso os trabalhadores não retomassem o trabalho, e encarando-se a medida excepcional da «requisição cívica».

Lê-se no relato oficial da sessão:

«O Conselho de Ministros ouviu uma exposição do ministro dos Assuntos Sociais relativa à grave situação no sector da saúde Pública, resultante da greve dos enfermeiros.

«O Governo constatou com apreensão a existência de uma situação com tendência para degradar-se com sérias crises para a Saúde Pública.

«O Conselho tomou conhecimento de situações e acontecimentos que ultrapassam o normal exercício da suspensão do trabalho.

«É o caso de actos de reacção física e psicológica sobre trabalhadores dispostos à prestação normal do trabalho e ainda actos de inutilização ou neutralização de meios de intervenção terapêutica.

«É justificado o receio de que a situação criada possa vir a determinar casualmente a perda de vidas por falta de intervenção adequada.

«O exercício do direito à greve no âmbito dos Serviços Públicos, por não ter sido ainda legalmente regulamentado, não é lícito.

«A greve dos enfermeiros é particularmente censurável e ilegítima, pela natureza especial dos interesses e valores que põe em causa e em risco.

«A natureza ilícita dessa greve não pode deixar de ter consequências, mormente num momento em que o Governo está particularmente empenhado em criar condições de estabilidade social com vista à realização em clima de liberdade e ordem do próximo acto eleitoral.

«Nestas condições, a fim de assegurar o normal funcionamento do sector da Saúde Pública, face às justas manifestações de indignação da generalidade da população, dado o tempo já decorrido desde o início da paralisação do trabalho e a aceleração dos factores de degradação da situação própria das greves no sector da Saúde, o Conselho de Ministros deliberou:

«(1.º) Autorizar o ministro dos Assuntos Sociais a tomar as medidas que a Lei faculta para assegurar o normal funcionamento do sector da Saúde se os trabalhadores não retomarem o trabalho até às 9 horas de hoje, quarta-feira.

«(2.º) Autorizar o ministro dos Assuntos Sociais a impedir a partir das 7 horas a acção de piquetes tendente a limitar a liberdade de trabalho dos enfermeiros.

«(3.º) Reconhecer que, no caso de a partir das 9 horas se não encontrar normalizada a prestação de trabalho, se torna necessária a medida excepcional de requisição cívica, prevista na lei.

«(4.º) Autorizar os ministros competentes a efectivar essa medida.

«Destas deliberações foi dado conhecimento aos trabalhadores por intermédio dos seus representantes.»

Noutro passo o texto menciona a exposição feita pelo ministro Rui Machete sobre «a situação grave existente em alguns estabelecimentos hospitalares e serviços de Saúde, em resultado da greve dos enfermeiros». O titular da pasta dos Assuntos Sociais «referiu ainda a audiência concedida ao princípio da tarde de hoje» (ontem) às direcções dos quatro sindicatos, ou sejam os do Norte, Centro, Sul e Madeira, a pedido das mesmas, e na qual foi informado de que aqueles sindicatos renunciaram ao endurecimento da greve, regressando à forma inicial, praticada na passada sexta-feira, mantendo todavia a proposta salarial formulada no dia 11-3-76.

«O ministro informou ainda que, a agravar-se a falta de unidades a dispensar aos doentes, terão de ser encaradas formas de mobilização que garantam o funcionamento dos serviços hospitalares e da Saúde.»

LISBOA E A ÁGUA

Depois de ouvir uma exposição do ministro da Cooperação, Vítor Crespo, sobre os trabalhos da delegação portuguesa que recentemente se deslocou a Moçambique «e os esforços empreendidos (...) com vista à resolução dos assuntos da comunidade portuguesa residente naquele país», o Conselho passou ao problema dos preços de venda de água ao consumidor na área da capital, decidindo-se pela criação da Região de Saneamento Básico de Lisboa, a institucionalizar mediante estudo da E. P. A. L. que se prolongará, no máximo, até 15 de Abril próximo. Até à definição da política de preços deverá o Estado suportar um subsídio por metro cúbico da ordem dos 4500.

O Conselho aprovou seguidamente um projecto de decreto-lei do M. N. E. estabelecen-

do uma reserva substitutiva nas restrições do art.º 3.º do Decreto-Lei n.º 43 201 relativo ao Estatuto de Refugiado.

Entretanto, e sob proposta do M. E. I. C. um novo diploma estabelece alterações à fixação da hora legal (que tem que ver com a população trabalhadora e escolar). Assim, ela passará a ser, no território do Continente, a do meridiano de Greenwich (tempo universal, T. U.) no período compreendido entre as 0 horas T. U. do último domingo de Setembro e as 0 horas T. U. do último domingo de Março seguinte. Desde as 0 horas T. U. desse dia até às 0 horas do último domingo de Setembro seguinte a hora correspondente ao T. U. será aumentada de 60 minutos. Em 1976 a hora legal manter-se-á sem alteração até à 1 hora de 26 de Setembro, instante em que será atrasada de 60 minutos.

NECESSIDADES HABITACIONAIS

Depois de debruçar-se sobre outros assuntos de menor importância, o Conselho aprovou uma proposta do Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção para criação de Institutos Públicos Imobiliários Regionais, sob a forma de empresas públicas, que deverão, entre várias coisas, inventariar e perspectivar as necessidades habitacionais, a satisfazer pela construção de novos fogos, e determinar as respectivas características, com atenção também aos programas de habitação social. Estes Institutos Regionais serão coordenados e impulsionados por um Instituto Imobiliário Nacional, a criar em simultâneo.

INTERVENÇÃO NOS TÊXTEIS

Decisão crucial é a de intervir no sector dos têxteis (algodão, fibras artificiais e sintéticas, lanifícios, malhas e confecções), que ocupa um quarto de milhão de trabalhadores, exporta 15 milhões de contos anuais e representa um valor acrescentado bruto da ordem dos 25 por cento do total

das indústrias transformadoras (e aproximadamente 9 por cento do P.N.B.).

Para socorrer esta actividade industrial é criado um Gabinete de Intervenção no Sector Têxtil (G.I.S.T.) directamente dependente do Ministério da Indústria e Tecnologia. Missão: promover a reestruturação do sector mediante acções pontuais que vão da utilização máxima dos recursos produtivos à busca de novos mercados, sem esquecer a melhoria da qualidade dos bens produzidos.

Um outro sector crítico, afectado de recessão, é o do mercado automóvel, para o qual é criada uma comissão (Comissão para o Sector Automóvel) com o objectivo específico de «definir as condições de fabrico de viaturas em Portugal» e tomar medidas adequadas.

OUTROS DIPLOMAS

Enfim, o Conselho aprovou um projecto de decreto-lei do Ministério da Justiça extinguindo a enfiteuse relativa a prédios urbanos, «ficando o enfiteuta investido na titularidade do direito de propriedade plena do prédio», e um outro do mesmo Ministério prevendo diversas medidas relativas à construção clandestina, uma das quais é esta: os Municípios passam a poder tomar posse administrativa dos terrenos, «por meio simples e expedito», logo que se iniciem quaisquer trabalhos ou obras tendentes ao loteamento ilegal, «de modo a garantir com mais eficácia a não construção desses trabalhos».

Por último o Conselho nomeou comissões administrativas, com a seguinte constituição, para três empresas: Sociedade Portuguesa de Petroquímica (eng. Fernando de Almeida, eng. Vítor Martins Coimbra e dr. Waldemar Neves), Amoníaco Português, S.A.R.L. (dr. António Nunes das Neves, eng. Vasco Ribeiro e eng. Rui Navarro Lobo) e Nitratos de Portugal, S.A.R.L. (eng. João Edward Clode, eng. José Fernandes Vasconcelos Pinheiro e eng. técnico João Manuel Alves Narciso).

Lopes Cardoso comenta afirmações de Sá Carneiro

«O dr. Sá Carneiro tem com certeza muitas dúvidas e confusões no seu espírito; basta ouvi-lo falar» — afirmou o ministro da Agricultura e Pescas aos jornalistas ontem à tarde em S. Bento, à entrada para a reunião do Conselho de Ministros.

Lopes Cardoso respondia a uma pergunta que lhe foi posta a partir de questões levantadas por Sá Carneiro no domingo passado em Santarém, durante um comício. Levantara o secretário-geral do P. P. D. as questões de saber «se as fabulosas somas destinadas à agricultura foram efectivamente utilizadas para a Reforma Agrária ou para os mercenários estrangeiros» e ainda «se o Ministério da Agricultura tem capacidade para fazer desocupar as propriedades indevidamente ocupadas».

O titular do M. A. P. comen-

tou: «O dr. Sá Carneiro assume as responsabilidades das declarações que prestou. Das duas, uma: ou ele tem conhecimento do facto, e, como cidadão, como responsável político, tem a obrigação de clarificar as suas afirmações, apresentar provas daquilo que afirma e exigir o correspondente procedimento ou, então, está simplesmente a desempenhar o papel de mais um boateiro neste país o que é extremamente grave para o secretário-geral de um partido que tem um representante no Ministério da Agricultura e Pescas como secretário de Estado do Fomento Agrário. Se o Partido do dr. Sá Carneiro tem conhecimento dessas coisas e atendendo a que tem um membro no Ministério da Agricultura, é perfeitamente irresponsável que, pelas vias normais e competentes, não o faça che-

gar ao ministro e utilize isso para uma propaganda eleitoral barata.»

Quanto à questão de «saber se o M. A. P. tem capacidade para fazer desocupar propriedades indevidamente ocupadas», que o secretário-geral do P. P. D. levantou, Lopes Cardoso admitiu que o seu Ministério experimente certas dificuldades no que respeita à resolução do problema. E, na oportunidade acusou Sá Carneiro de não contribuir com as suas palavras e posições para «criar um clima favorável à resolução desses problemas» e, antes, contribuir para «criar um clima de instabilidade, de conflito e de confrontações no país, que talvez lhe sirvam a ele, como conservador e homem de direita que é, mas que não servem a uma democracia, nem o socialismo, nem a revolução no nosso país.»

post scriptum

«Ajudem-me a tirar o meu filho da Mitra»

Com as minhas mágoas de mãe venho contar isto: O meu filho está com catorze anos e só na segunda-classe. Há quatro anos que tive de o internar na Mitra, porque não o podia ter comigo pois sou pobre, vivo só e estou doente. Ele esteve para entrar para a Casa Pia, mas nunca conseguiu. A minha mágoa é muito grande, pois sempre que vou vê-lo venho de lá a chorar. Peço que façam um apelo para que me ajudem a tirar o meu filho dali e interná-lo num sítio um pouquinho melhor. Vejam se alguém me pode valer à minha dor.

Felismina R.A. dos Santos — Odivelas

«DL» — *Juntamente com a carta, entregue pessoalmente na nossa Redacção, vinha a foto do filho: um rapaz bonito e de olhar triste, que a miséria obrigou a viver na Mitra desde os nove anos de idade. E ainda documentos da Previdência e papéis que provam que a mãe, com baixa há dois anos, recebe 18\$80.*

Auxiliem-se os que necessitam

No passado dia 9 de Março, falou perante as câmaras da RTP o dr. Rui Machete, ministro dos Assuntos Sociais, onde abordou vários assuntos relacionados com o seu Ministério.

Entre outros, falou de alguns problemas que afligem o Governo, no que diz respeito aos retornados.

Disse o sr. ministro que há retornados que vieram apenas com a roupa que tinham vestida no momento da fuga. Certíssimo. Mas esqueceu-se de informar os telespectadores (que necessitam, mais do que nunca, que lhes seja dita toda a verdade) que muitos houve que tudo ou quase tudo trouxeram. Que foram enviando os seus haveres quando desconfiaram que, na «árvore das patacas», estava a entrar o bicho.

Auxiliem-se os que necessitam, isso é justo; agora tomar-se o termo retornado, na generalidade, por necessitado... mais devagar.

Disse o sr. ministro que o retornado devia estar em igualdade com os portugueses que, no «puto» (termo muito empregado pelos que fizeram a sua vida nas ex-colónias quando se referiam à metrópole) sempre viveram.

Apoiado. Mas parece-me que não é bem isso que se está a passar, por exemplo, no que diz respeito ao pagamento do selo de circulação automóvel.

Por que razão ficam os retornados isentos da compra do selo? Continuamos a ver os «VZ» a circular, sinal evidente que têm dinheiro para pagar a gasolina ao preço que está (ou será paga com o dinheiro do IARN?). Uns poderão andar em trabalho; e os outros? Os primeiros já têm possibilidade de subsistir; e os segundos? Possivelmente com os dinheiros dos subsídios do IARN. Nesse caso, essa importância estará a fazer falta a alguns bem necessitados.

Parece-me que a importância devida para circulação dos veículos automóveis considerados de pequena cilindrada está ao alcance de todos os que deles se servem para trabalho. Como o retornado não pode vender o seu carro (na generalidade de grande cilindrada) no espaço de dois anos, creio que uma simples declaração ao Ministério respectivo, informando que a viatura com determinada matrícula não circulará nas estradas por falta de proventos compatíveis com o referido pagamento, posterior inquérito e deferimento ou não, resolveria o assunto. Agora generalizar-se...

Antes de se emanarem leis que abranjam retornados no geral, devam fazer-se inquéritos correctos e conscientes e saber-se das carências de uns e das abastanças de outros, pois haverá, de certo, muitos portugueses do «puto» bem mais necessitados do que muitos retornados.

Manuel de Almeida — COIMBRA

Cruzes gamadas à escolha

Sou beirão e ao ver no «DL», que leio assiduamente, uma notícia dos «Viriatos», devorei-a e foi motivo para desta vez me resolver a gastar alguns minutos a escrever-vos mais alguma coisa sobre isso.

No dia de Carnaval, estando de férias em Viseu, deparou-se-me, em pleno Rossio, um lindo espectáculo. O mesmo vendedor ambulante da vossa notícia, mas muito mais recheado... À volta da sua banca, a freguesia e curiosos (como eu, aliás) abundavam. Espanto tive quando vi todo aquele «recheio», pois além do que referiam no vosso jornal, também abundavam os «tais» emblemas do ELP (Águeda? Porto?), Mocidade Portuguesa, PDC e «crachats» da DGS (leia-se Pidel), além de gravuras metálicas representando os srs. Galvão de Melo, Freitas do Amaral e um bispo que não identifiquei (que trabalho daria...). Também havia postais. Quanto a cruzeiras gamadas, os modelos eram mais de dez.

A uma pergunta de um possível comprador, o vendedor responde: «Do MDLP já não tenho, já os vendi todos».

Mas não fica por aqui. O incrível é que além de tudo isto, também Salazar e Marcelo Caetano estavam representados, em emblemas dourados e em alto relevo, o primeiro de perfil e o segundo de frente. Poses habituais...

Entretanto, o vendedor explicava este ou aquele pormenor da «alta qualidade» da sua mercadoria...

Comentários, agora cada leitor fará os que quiser, lá só à surrelfa porque mais não é permitido.

Perguntei ao polícia em serviço ali em frente, no Banco de Portugal, qual era a sua atitude perante aquilo. «Se calhar podem vender, não sei».

José Rodrigues — LISBOA

Proliferação nuclear

Trinta anos ou quase após o fim do plano Marshall, os Estados Unidos descobrem com desagrado que os países europeus atingiram a maioridade. Passou o tempo em que eles compravam mísseis e aviões americanos. Calculadoras também conforme os desejos do Departamento de Estado. A Europa oferece hoje ao mercado internacional materiais que os Estados Unidos não podem ou não querem importar, quer se trate de aviões. Concorde como de fabricas de enriquecimento ou novo tratamento de combustíveis nucleares. O controlo total da transferência das tecnologias avançadas foge a Washington, que acidentalmente ataque europeu à sua posição de monopólio.

Se os argumentos e colóquios que se opõem à entrada em acção do Concorde parecem de pouco peso, os que surgiram com o objectivo de evitar a proliferação nuclear, merecem maior atenção. Países como a Coreia do Sul,

a Índia, o Paquistão, a Argentina, o Egipto ou Israel, terão atingido maturidade política suficiente para dispor dos meios da dissuasão atómica? E grande a tentação que as potências nucleares têm, de considerar que mais vale representar o papel de polícia internacional do que contar com a sabedoria das nações.

No entanto, os Estados Unidos não têm ilusões. Eles sabem, tal como o governo francês, que a longo termo a proliferação das armas nucleares é provavelmente inevitável.

Mas, para eles, quanto mais tarde melhor: não têm o ponto de vista demasiado fatalista de Paris. A França e a Alemanha deveriam pois, tal como os outros países exportadores de petróleo, abster-se de vender fabricas de tratamento e enriquecimento que permitam obter combustível nuclear. Os Americanos têm algumas razões para insistir, mas fazem-no com a sua força de po-

tência a sua habitual falta de habilidade, e as suas motivações têm ideias pré-concebidas.

Tanto em Washington como em Moscovo, ninguém, de resto, pôs até agora o problema da proliferação na sua totalidade. Como o átomo tanto serve para fabricar electricidade como bombas, o problema da multiplicação das armas atómicas é indissociável da disseminação das centrais assim como da continuação de negociações sobre o desarmamento. As nações exportadoras de centrais nucleares estão constantemente a convencer os países pobres em carvão e em hidrocarbonetos, e até países tão ricos em petróleo como o Irão e a Arábia Saudita, a converterem-se à electricidade nuclear. Que os países hoje conquistados para essa ideia e ainda por cima preocupados em se familiarizar com novas técnicas não queiram contentar-se em gastar as suas divisas, não é mais do que uma

repetição da história passada.

Em lugar de vender petróleo bruto, os países produtores preferem hoje refiná-lo antes de o exportar. Se amanhã esses mesmos países construírem centrais nucleares, desejariam enriquecer eles próprios o combustível e tratá-lo.

A única maneira de impedir que o urânio enriquecido e o plutónio também não sejam utilizados para fins militares e tornar inúteis as bombas atómicas.

As potências nucleares não poderão ganhar em todas as frentes. Ou o desarmamento será geral e a proliferação de armas nucleares jugulada, em Moscovo e Washington continuarão, sob a capa de um desarmamento parcial, a aperfeiçoar as suas novas armas, e numerosos países construirão centrais nucleares a fim de poder ascender à tecnologia e ao Poder.

© LE MONDE

Os chineses e o seu método de previsão de sismos

YVONNE REBEYROL

Liu Ying-Yung, chefe da delegação chinesa à Conferência da Unesco sobre a avaliação e diminuição dos riscos sísmicos, declarou que o seu país estava pronto a cooperar em toda e qualquer organização internacional que se propusesse melhorar a previsão dos tremores de terra.

Desde há alguns anos que se diz nos meios sismológicos que os chineses conseguiram por várias vezes prever sismos de magnitude superior a 5. Estes rumores fizeram sorrir. Mas depois, duas delegações de geofísicos (uma americana em 1974 e outra francesa em 1975) foram à China, e a incredulidade deu lugar ao espanto. Nem tudo é claro mas é cada vez mais difícil negar em bloco os êxitos reivindicados pelos chineses no domínio da previsão dos tremores de terra. Segundo uma estatística chinesa, em trinta e uma previsões feitas durante o período 1970-72, dezoito foram exactas, sete duvidosas e seis falsas.

Os chineses preocupam-se há milénios com os sismos, alguns deles extremamente violentos e destruidores que de vez em quando se dão no seu território. A China tem mesmo o recorde do sismo mais terrível de todos os que se conhecem: oitocentos mil ou um milhão de mortos em 1556, no Shensi. Foram os dois tremores de terra de magnitude 7,1 e 7,3, que ocorreram a 7 e 22 de Março de 1966 no Hopei, a uns 300 quilómetros, a sudoeste de Pequim, que marcaram o ponto de partida da intensificação dos trabalhos sobre a previsão dos sismos. Os chineses nunca tornaram público o número das vítimas ou a extensão dos prejuízos de 1966, tal como os dos sismos ocorridos depois desse ano. Mas os tremores de terra de 66 foram suficientemente graves para que a protecção contra os sismos fosse colocada entre os objectivos prioritários da República Popular da China.

Enquanto que nos Estados Unidos um terço das somas consagradas à investigação sismológica foi atribuída em 1974 aos problemas parassísmicos e só um sexto à sua pre-

visão. Aham-na mais rendível. Como a maioria das casas são toscamente executadas em pedra e cal ou em barro, é impensável reconstruí-las no imediato segundo técnicas parassísmicas. A única maneira de proteger as vidas humanas é fazer evacuar a tempo as casas perigosas.

Os chineses fizeram da investigação sismológica um trabalho da massas. Com efeito, ao lado dos institutos de investigação e dos especialistas (actualmente dez mil incluindo o pessoal administrativo) que dispõem de duzentos observatórios principais e de trezentos regionais, sem contar as estações instaladas pelas fabricas e pelas minas, há mais de cem mil amadores operários, camponeses, professores, alunos, telefonistas, meteorologistas, etc. — que se iniciaram, a níveis diferentes, nos rudimentos da sismologia. Para mais, há uma educação intensiva (filmes, exposições, cartazes, motícias, boletins radiofónicos) que sensibiliza o conjunto da população para os riscos sísmicos. Constituíram-se, pois, redes de observadores que vigiam os instrumentos, e assinalam tudo o que parece anormal. Em 1970 foram reagrupados sob a direcção do Secretariado Sismológico de Estado.

O COMPORTAMENTO DOS ANIMAIS

A investigação chinesa sobre as previsões sísmicas não descarta coisa alguma. Por um lado regista os sinais clássicos e aceites pela comunidade científica de todos os países: a sismicidade e a estrutura da geologia regional e locais, a actividade microsísmica, as deformações do solo, o aumento ou diminuição do nível de água dos poços, a riqueza em radon, da água, as variações locais do campo magnético e da resistividade do solo, a variação do relatório da velocidade das ondas «P» e das ondas «S». Por outro lado regista os sinais negligenciados ou até postos de parte pelos sismólogos clássicos, em especial os

comportamentos anormais dos animais (ratos, cobras, aves de capoeira, cães, etc.), que, ao que parece, permitem prever os sismos no tempo e no espaço. É provavelmente o número incrível das observações recolhidas que permite prever com o êxito que os chineses reivindicam, os tremores de terra. Mas também é preciso ter em conta a disciplina da população que, em conjunto, obedece às ordens de evacuação e não protesta em caso de fracasso da prevenção, e ainda da enorme proporção de camponeses em relação a cidadãos.

A delegação chinesa à conferência da Unesco, revelou as etapas da previsão do violento sismo de Liaoning a 4 de Fevereiro de 1975 (600 quilómetros a nordeste de Pequim).

Desde 1970 que a Conferência Nacional para o Trabalho Sismológico decidiu pôr a província do Liaoning em grande vigilância. Para começar, os especialistas compilaram dados conhecidos dos tremores de terra do passado e fizeram levantamentos das falhas principais, medidas de nivelamento e de magnetismo, e puseram sismógrafos no local. Ao fim de quatro anos, as informações assim recolhidas mostravam que as condições geológicas e sismológicas de um sismo destruidor estavam reunidas no Sul do Liaoning.

De meados de 1973 a Outubro de 1974, estações fixas vigiavam mais ainda as deformações da topografia e as variações do campo magnético, e os observadores amadores observaram minuciosamente todos os sinais considerados premonitórios. Ao mesmo tempo, a actividade sísmica multiplicava-se por cinco no Sul do Liaoning, de tal modo que logo em Junho de 1974, calculava-se um sismo no Sul da província para daí a um ou dois anos.

Em meados de Dezembro de 1974, observaram-se na região outros sinais premonitórios: comportamentos anormais dos animais (entre outros cobras que saíam dos buracos), lamas e bolas de água em poços cujo nível se modificou, modifi-

cação nos solos. E um primeiro tremor de terra de intensidade 4,8 deu-se 70 quilómetros a norte de Haicheng.

A partir desse momento foi dito à população que se preparasse — realizaram-se mesmo algumas «manobras sísmicas»

e as instalações importantes, tais como minas, fabricas, lagos de barragens, foram aprofundadas e eventualmente reforçadas. Os sinais intensificaram-se, e novas fontes surgiram do solo, enquanto as deformações verticais da topografia, após terem-se acelerado, diminuíram bruscamente de intensidade.

Em Janeiro de 1975, intensificou-se mais ainda a vigilância, e a população foi prevenida daquilo que as famílias deviam fazer a fim de limitar as perdas em vidas humanas. No início de Fevereiro, as vacas, os cavalos, os cães e os porcos começaram a ter comportamentos estranhos. Vinte e dois poços tornaram-se artesianos, e houve modificações no solo. Por fim, foram registados pequenos tremores de terra na região, no entanto conhecida como quase completamente assísmica.

A 4 de Fevereiro, ao meio dia e 30, teve-se a certeza de que estava iminente um violento sismo. Às 14 horas a população recebeu ordem de abandonar as casas e construir cabanas-abrigo. De tirar os doentes dos hospitais, de reunir os carros, de formar equipas médicas, de vigiar os edifícios importantes.

Nesse mesmo dia, às 19 horas e 36, deu-se um grande sismo de intensidade 7,3. Segundo os próprios chineses, os estragos materiais foram enormes: 90 por cento das casas de certas localidades foram destruídas, mas as vítimas, cujo número nunca veio a lume, teriam sido raras.

O método de previsões sísmicas parece pois ter êxito na China. Mas pode perguntar-se se ele será utilizável nos sistemas de sociedades (industriais ou em vias de desenvolvimento) fundamentalmente diferentes do modelo chinês.

© Le Monde

Nacional

PUB

SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO CENTRO

Praça dos Restauradores, 78 - 3.º
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos das alíneas b) e c) do Art.º 31.º dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato no pleno gozo de todos os seus direitos sindicais para a Assembleia Geral Ordinária a realizar no auditório do Centro de Formação do Entroncamento, em 27 de Março corrente, pelas 13.30 horas, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS:

- 1) Apreciação, discussão e votação do «Relatório e Contas» do exercício de 1 de Maio a 31 de Dezembro de 1975.
- 2) Apreciação, discussão e votação do «Orçamento para 1976».

NOTA: — Os trabalhos terão início à hora acima marcada, com a presença de qualquer número de sócios, conforme os nossos estatutos.

Lisboa, 16 de Março de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Joaquim Gouveia

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 33.º n.º 1, alínea b) dos Estatutos convocam-se os sócios deste Sindicato para a Assembleia Geral Extraordinária a realizar no dia 23 de Março de 1976, pelas 21.00 horas na «VOZ DO OPERÁRIO» — Rua da Voz do Operário, em Lisboa — com a seguinte ordem de trabalhos:

PREVIDÊNCIA

Lisboa, 12 de Março de 1976.

Pe'l'O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Carlos Videira Santos
(Secretário)

MINI-FÉRIAS NO ALGARVE 850\$00—4 DIAS

PÁSCOA — DE 15 A 18 DE ABRIL — 5.º A DOMINGO

VIAGEM EM PULLMAN DE LUXO
PARTIDA ASSEGURADA

Repouso e distração na Aldeia das Açoteias
Viagem, alojamento e pequenos-almoços 850\$00
Viagem com tudo incluído 1600\$00
Preços especiais para crianças

Na noite de sábado haverá um animado baile!

Importante — As inscrições são limitadas

Sinalize com 25 %. Pague o restante até 12.4

É MAIS U

CIRCUITO «BV» «BOA VIAGEM-AQUATUR»

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS, 54-D
(Metro Roma ao lado do Teatro Maria Matos)
T. 89 10 10 - 89 10 19

Melo Antunes voltou da Polónia

Cooperação económica vai aumentar

O importante a assinalar é que, tanto há uns meses atrás como agora, não houve da par-

te da Polónia qualquer intuito, tanto directo como indirecto, de interferir nos nossos assuntos internos — declarou o major Melo Antunes, ministro dos Negócios Estrangeiros, à sua chegada ontem a Lisboa de uma visita oficial de três dias à Polónia. E desenvolveu: «Há compreensão, há espírito de amizade para com os portugueses, há um grande interesse por tudo o que se passa em Portugal e isso mesmo a nível de opinião pública (tive oportunidade de constatar) mas sempre com grande respeito por tudo o que os portugueses decidem».

«Simplesmente — prosseguiu Melo Antunes — aquilo que melhor serve os interesses da Polónia, como aquilo que serve os interesses de toda a Europa e até do Mundo, é um desenvolvimento efectivamente democrático em Portugal, a impossibilidade do regresso ao fascismo e, se possível, um avanço da sociedade portuguesa num sentido progressista. E nisso também nós estamos interessados».

Referindo-se às relações com a Polónia marcadas pela visita a Portugal no ano passado de Edward Gierek, primeiro secretário do Comité Central do Partido Operário Unificado Polaco e intensificadas pela retribuição por parte de Costa

Gomes, Presidente da República, com a visita à Polónia, Melo Antunes referiu como pontos relevantes das conversações desenvolvidas durante três dias as encomendas polacas aos nossos estaleiros navais, a indústria química, as pescas e a troca comercial de bens de consumo. «A Polónia — concluiu Melo Antunes — sempre com respeito pelo princípio fundamental da não ingerência nos assuntos internos de outros países pode contribuir, também, para um desenvolvimento equilibrado das relações luso-polacas e, mesmo, para a estabilização da vida portuguesa».

Instado a pronunciar-se sobre a possibilidade de um encontro para breve com o seu homólogo da República Popular de Moçambique, Joaquim Chissano, Melo Antunes desmentiu estar até à data algo marcado para tempos próximos uma visita à União Soviética, a convite de Gromiko. Sem data marcada ainda, espera-se que seja anunciada após a sua viagem à Suécia.

COMUNICADO LUSO-POLACO

No final das conversações ocorridas entre Melo Antunes, o seu homólogo polaco Stefan Olszowski, Edward Gierek e Henryk Jablonski, este último

presidente do Conselho de Estado, foi emitido um comunicado conjunto.

Nas traves mestras do seu articulad salienta-se ser vontade de ambos os países «aproveitar ao máximo as possibilidades oferecidas» para a cooperação económica «pelo acordo assinado em 14 de Maio de 1975 sobre o desenvolvimento das trocas comerciais, da navegação marítima e da cooperação económica, industrial e técnica e bem assim pelo acordo de cooperação no domínio da indústria de construção naval, assinado em 16 de Junho de 1975».

Exprimiram ainda as duas partes envolvidas nas conversações «a necessidade de intensificar os esforços para o desanuviamento no domínio militar, os quais completariam, reforçariam e estimulariam o avanço político». Neste sentido, para a consolidação de desanuviamento na Europa, «teriam grande importância — sublinha o comunicado — progressos sensíveis nas conversações acerca da redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central».

Melo Antunes faria ainda um convite a Stefan Olszowski, ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, para visitar oficialmente Portugal.

DIA DO TEATRO AMADOR



21 DE MARÇO

MERCADO DO POVO

Av. Brasília — Belém — Lisboa

PROGRAMA

EXPOSIÇÃO: «Panorama do Teatro Amador depois de 25 de Abril de 1974»

As 11 horas — Espectáculo de Fantoques e Marionetas dedicado às crianças pelo Centro de Cultura e Recreio de Ferreira do Zêzere.

As 15 horas — Espectáculo pelo Grupo de Intervenção Cultural «A Plebe» com «A Mãe», de Brecht-Gorki.

As 17 horas — Colóquio sobre Teatro Amador.

As 21 horas — Espectáculo pelo SATI-Saltimbancos Teatro Independente com «Súplica da Cananeia» e «Auto da Lusitânia» de Gil Vicente.

ENTRADA LIVRE.

POR UM TEATRO AMADOR VIVO, INDEPENDENTE, AO SERVIÇO DO POVO E DA CULTURA POPULAR

EMPRESA DE PUBLICIDADE SEARA NOVA, S. A. R. L.

Rua Luciano Cordeiro, 103-1.º — LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Senhores Accionistas da Empresa de Publicidade Seara Nova, S.A.R.L., para uma reunião da Assembleia Geral Ordinária, na sede da empresa, Rua Luciano Cordeiro, 103-1.º, em Lisboa, no dia 31 de Março de 1976, pelas 21 horas, sendo a seguinte a Ordem de Trabalhos:

1. — Discutir e votar o Balanço e Contas da Empresa, o Relatório da Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao Exercício de 1975;
2. — Apreciar e deliberar quanto a aspectos comerciais e administrativos da vida actual da empresa;
3. — Apreciação e deliberação sobre uma proposta da Administração para a necessidade da constituição de procuradores da Empresa;
4. — Fixação da remuneração dos corpos gerentes.

Lisboa, 10 de Março de 1976.
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Manuel Marques do Carmo Mendes Tengarrinha

CIRCUITOS



SEMPRE «BOA VIAGEM»

Autocarros de luxo
ALMOÇOS REGIONAIS
21/3 — Quinta da Granja, no Carregado
4/4 — Adega do Zé da Ricarda-Vidigueira
18/4 — Pousada dos Loios Évora
18/4 — Rest. «Samar» S. Martinho do Porto

SERRA DA ESTRELA
Sábado e Domingo
P. 7.30 h.

Magnífico itinerário com jantar e alojamento nas Termas de Monfortinho
700\$00 ou 1.200\$00

PELA PÁSCOA
ALGARVE E HUELVA
3 dias — 16 a 18 de Abril

BADAJOS E CÁCERES
2 dias — 17 e 18 de Abril

MINHO E GEREZ
3 dias — 16 a 18 de Abril

ALGARVE — 2 DIAS
17 e 18 — Pedras d'el Rei

NAZARÉ
17 e 18 de Abril p. 15 h
com grandioso baile

MINI-FÉRIAS
4 dias — 15 a 18 de Abril
Aldeia das Açoteias

SERRA DA ESTRELA
2 dias — 17 e 18 de Abril

PASSAPORTES
Normais ou urgentes
com a maior eficiência

Peça programas detalhados
Informações e inscrições

AQUATUR

Av. Frei Miguel Contreiras, 54-D
Ao lado do Teatro Maria Matos
Tels. 89 10 10 - 89 10 19

COPABA

Cooperativa
Distribuidora
de Bacalhau,
S.C.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA AVISO CONVOCATÓRIO

Nos termos da convocatória da Assembleia Geral Ordinária da COPABA Cooperativa Distribuidora de Bacalhau, S.C.A.R.L., para o dia 31 de Março de 1976, pelas 21 horas, na sede da empresa, Rua Luciano Cordeiro, 103-1.º, em Lisboa, sendo a seguinte a Ordem de Trabalhos:

1. — Discutir e votar o Balanço e Contas da Empresa, o Relatório da Administração e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao Exercício de 1975;
2. — Apreciar e deliberar quanto a aspectos comerciais e administrativos da vida actual da empresa;
3. — Apreciação e deliberação sobre uma proposta da Administração para a necessidade da constituição de procuradores da Empresa;

Lisboa, 10 de Março de 1976.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Eng.º Joaquim Manuel Gaspar de Barros

Por BRITES, VAZ & IRMAOS, L.D.A.

S. R.

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/56653, arquivado 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Lagoa, de uma linha aérea a 30 kV com 239 m do poste n.º 29 da linha para Lagoa ao Posto de Transformação de Torrinhã.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 8 de Março de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

byly
DESODORIZANTE

Com uma a duas aplicações nas axilas e nos pés está protegida para uma semana... experimente...

Suspensão de Vítor Louro desencadeia reacções

• "Completa falsificação", diz o P.C.P.

O secretário de Estado da Reestruturação Agrária, eng. Vítor Louro, foi ontem suspenso do exercício das suas funções por decisão do Primeiro-Ministro. A suspensão corresponde a uma proposta feita pelo ministro da Agricultura, eng. Lopes Cardoso, e foi tomada depois de ouvido o Conselho da Revolução sobre uma questão em debate desde 6 do corrente, um dia depois de Vítor Louro ter tido uma reunião em Évora com trabalhadores e técnicos agrícolas locais, e proferido afirmações sobre que correm versões contraditórias. Uma versão, fundada em declarações de um técnico agrícola participante da reunião, tem alimentado nos últimos dias intensa campanha contra o secretário de Estado ora suspenso por parte de forças políticas de direita e respectivos órgãos de informação. Segundo esta versão, Vítor Louro terá feito declarações consideráveis como incitamentos à violência. Segundo a generalidade dos trabalhadores agrícolas que estiveram na reunião, Vítor Louro apenas falou da necessidade de defender a reforma agrária. Terão os próprios trabalhadores, numa última hipótese que chegaram à alusão da violência como último recurso. A suspensão mantém-se enquanto se proceder a inquérito. O inquérito ficará a cargo da Procuradoria Geral da República.

REACÇÕES

A suspensão de Vítor Louro suscitou uma reacção muito viva por parte de trabalhadores agrícolas em inúmeros pontos do Alentejo e do Ribatejo. Em Alpiarça, A-dos-Cavos, Salvaterra de Magos, Coruche e

Couco, por exemplo, ontem à tarde e em sinal de protesto, o trabalho agrícola parou. A movimentação mais viva registou-se na primeira daquelas localidades, onde o próprio comércio aderiu à paralisação do trabalho e cafés e tabernas encerraram mais cedo. Os trabalhadores agrícolas de Alpiarça concentraram-se junto ao Município e percorreram as ruas da vila numa manifestação de descontentamento. Ajuntaram-se depois frente ao clube local «Os Aguias», houve uma sessão, e foi aprovada uma moção manifestando o «veemente protesto contra a suspensão do secretário de Estado da Reestruturação Agrária, eng. Vítor Louro, e contra o encerramento do Centro de Reforma Agrária de Coruche». Eram entre mil e quinhentos e dois mil manifestantes, e uma delegação deslocou-se depois a Santarém para avistar-se com o governador civil. Seis cooperativas de construção civil do concelho promoveram uma reunião de trabalhadores para debate da questão. A Câmara Municipal do concelho subscreveu as posições afirmadas pelos trabalhadores manifestantes.

Em Évora, realizou-se ontem à noite uma reunião no C.R.A. local, estiveram presentes cerca de quatro dezenas de pessoas, todas testemunhas presenciais do encontro do passado dia 5 com Vítor Louro, e, entre eles, cerca de uma dezena de técnicos. No final, todos os presentes subscreveram, «por sua honra», uma declaração assegurando que, na referida reunião, o secretário de Estado da Reestruturação Agrária não proferiu qualquer incitamento à violência. A declaração está a recolher mais assinaturas.

UMA COMUNICAÇÃO DO SINDICATO

Chega-nos entretanto uma comunicação do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Évora datada do dia 12. Dizia isto: «A reacção, os grandes latifundiários, e capitalistas, todos os reacçãoários atacam a Reforma Agrária diariamente. As suas organizações e partidos políticos — E.L.P., M.D.L.P., C.D.S., P.P.D., A.O.C., M.R.P.P. e C.A.P. — os seus jornais

«Tempo», «Barricada», «A Luta», «O Dia», «Expresso», «Povo Livre» — e outros meios de comunicação colaboram activamente na vasta campanha contra a Reforma Agrária. O secretário de Estado da Reestruturação Agrária é agora o último alvo escolhido pelos fascistas. A vinda do eng.º Vítor Louro a Évora, onde a Reforma Agrária, o seu avanço e consolidação é pretexto para nova campanha de calúnias e boatos. O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do distrito de Évora e todos os trabalhadores sabem que «A Luta» e «O Dia» mentem. O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Évora, porque esteve presente na reunião pode testemunhar que o secretário de Estado da Reestruturação não fez nenhuma das afirmações que esses jornais lhe atribuem. Defendeu, isso sim, intransigentemente a luta dos trabalhadores rurais, dos pequenos e médios agricultores, dos seareiros e rendeiros pela defesa das conquistas alcançadas com a Reforma Agrária».

UMA NOTA DO P.C.P.

«A Comissão Política do Comité Central do P.C.P. não po-



Eng. Vítor Louro

de deixar de manifestar a maior surpresa e preocupação pela suspensão de um membro do Governo, no caso concreto um filiado no P.C.P., sem que se conheça outra matéria acusatória além de uma campanha da imprensa reacçãoária — lê-se entretanto numa nota difundida esta manhã pelo S.I.P. do P.C.P., tornando pública a posição deste partido perante a decisão do Primeiro-Ministro tomada ontem.

O P.C.P. denuncia «a operação provocatória e caluniosa lançada pelo jornal «A Luta» contra o secretário de Estado da Reestruturação Agrária, e depois prosseguida por outros jornais reacçãoários» e diz que ela faz parte da campanha da reacção contra a Reforma Agrária e dos planos da direita e do imperialismo para «destabilizar» a situação política em Portugal.

«As palavras atribuídas a Vítor Louro pelo jornal «A Luta» são uma completa falsificação — diz a nota do P.C.P. — «Todos os trabalhadores que ouviram o secretário de Estado são unânimes em declará-lo. Mas — acrescenta — a calúnia volta-se já contra os caluniadores. O P.C.P. espera que aos caluniadores sejam exigidas responsabilidades de acordo com as leis vigentes».

SOARES E A CIMEIRA

Se Sá Carneiro quisesse "até tínhamos metido uma cunha"

«Nós até tínhamos metido uma cunha junto dessas personalidades para elas o receberem» — afirmou ontem Mário Soares, referindo-se à posição de Sá Carneiro e do P. P. D. sobre a Cimeira Socialista do Porto. Mário Soares fez estas declarações à partida para Paris, onde se deslocou para assistir ao lançamento do seu novo livro «Portugal, que Revolução?»

«Se ele tem sido discreto, se nos tem dito: bem, eu gostaria de apresentar cumprimentos a essa gente, que eu até sou simpaticante deles ou qualquer coisa desse género, nós até tínhamos metido a cunha» — acrescentou o «leader» do Partido Socialista, que a seguir acentuou: «Fizemos o mesmo com pessoas que até já fizeram parte do seu Partido, como o prof. Emídio Guerreiro, antigo secretário-geral, que foi ao nosso comício. Apareceu lá e nós tivemos muito gosto em que ele estivesse em convi-

vência ali connosco. O mesmo aconteceria se fosse o dr. Sá Carneiro a ter pedido para lá ir. Agora está a bater com o pé no chão, e a dizer «eu é que sou», quando ninguém o reconhece — e isso francamente é ridículo.»

O secretário-geral do P. S., depois de criticar as pressões feitas pelo Partido Popular Democrático junto de Embaixadas estrangeiras, de forma a contrariar a vinda de delegações ao nosso país, para assistirem à Cimeira Socialista, referiu que a realização daquela importante reunião «contribuiu extraordinariamente para o desenvolvimento das relações de Portugal com a Europa».

«Também veio mostrar» — acrescentou — «que o nosso país tem hoje uma grande estabilidade, pois é evidente que, se estivessemos aqui com perigo de qualquer natureza ou perturbações da ordem pública ou qualquer outra coisa, eles não viriam cá».

Sá Carneiro em Bona

Sá Carneiro, secretário-geral do P. P. D., enceta amanhã mais uma visita à Alemanha Federal, desta feita a convite do próprio Governo de Bona. É acompanhado por Jorge Correia da Cunha, regressando a Lisboa no próximo sábado.

Observadores interrogam-se sobre o alcance deste novo período de Sá Carneiro à R. F. A., dias depois de a «eminentia parda» de Helmut Schmidt, Willy Brandt, ter presidido no Porto à Cimeira Socialista.

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados a participar nas seguintes reuniões:

LISBOA: 19 de Março às 20.30 horas, no Instituto Superior Técnico (ao cimo da Alameda D. Afonso Henriques), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — Lei dos Despedimentos (discussão do Decreto-Lei n.º 84/76, que pretende roubar o que os trabalhadores conquistaram com a sua luta, como por exemplo a Adenda do CCT/Fabricantes de Material Eléctrico, e abre a porta aos despedimentos colectivos).
- 2 — Lei da Greve (discussão do Projecto s/a Lei da Greve fabricado pelo D. R. O. T. do Ministério do «Trabalho», que pretende limitar uma conquista dos trabalhadores portugueses alcançada ainda durante o regime fascista).
- 3 — Previdência (Quem é que deve gerir a Previdência? Os trabalhadores, que são os únicos que descontam para ela, ou o Estado?).
- 4 — Horário de Trabalho (Trabalhar mais para quem? Para nós ou para os patrões?).

BARREIRO: 24 de Março às 20.30 horas, no Sindicato dos Ferroviários do Sul (R. Conselheiro Serra Moura, 68-1.º, Dt.º).

MOSCAVIDE: 31 de Março às 20.30 horas, na Cave da Igreja de Moscavide.

A Ordem de Trabalhos destas reuniões é a seguinte:

- 1 — Lei da Greve
- 2 — Lei dos Despedimentos
- 3 — Horário de Trabalho

SETUBAL: 20 de Março às 15 horas, no INATEL (Ex-FNAT)
SANTARÉM: 20 de Março às 15 horas, na Casa do Campino (Feira Nacional de Agricultura).

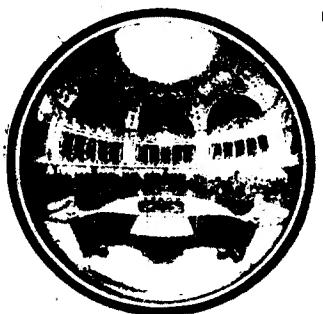
A Ordem de Trabalhos destas duas reuniões é a seguinte:

- 1 — Orçamento do Sindicato p/1976
- 2 — Previdência

COMPARECE!

ESTÃO EM PERIGO AS NOSSAS CONQUISTAS!
Lisboa, 16 de Março de 1976

A DIRECÇÃO



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

Uma vitória da esquerda

Deputados do P. S., P. C., M. D. P. e «independentes» aplaudiram ontem, de pé, a aprovação do texto que reconhece às Forças Armadas «a missão histórica de garantir as condições que permitam a transição pacífica e pluralista da sociedade portuguesa para a democracia e para o socialismo». Das bancadas da direita, P. P. D. e C. D. S., o mais profundo silêncio. Trata-se de mais uma achega para uma Constituição que as forças reacçãoárias começam a «engolir» com dificuldade e a tentar contestar ainda antes da sua aprovação final, tal como à noite os deputados José Luís Nunes (P. S.) e Vital Moreira (P. C. P.) salientaram no colóquio da Aula Magna da Reitoria.

Na votação desta disposição, o P. P. D. absteve-se, apesar de pela boca de Jorge Miranda, ter sido o partido que mais lutou para que ela não fosse aprovada, enquanto o C. D. S. votou cla-

ramente contra, «lamentando a sua aprovação pela Assembleia Constituinte». Para José Luís Nunes, «leader» do P. S., acabava de ser aprovado um dos textos «mais importantes da Constituição».

O texto aprovado fora objecto de uma proposta de substituição do P. P. D., na qual, mais uma vez — conforme sublinhou o «leader» do P. S. — era retirada da Constituição a palavra «socialismo». Por outro lado, numa proposta de aditamento ao preceito transcrito no início desta crónica, o P. P. D. incluía o «respeito da Constituição da lei e da disciplina». À volta da palavra «disciplina» desenvolveu-se uma larga polémica, com repetidas intervenções de José Luís Nunes, que ontem deve ter batido o seu «record» de citações... O deputado socialista pelo Porto evocou afirmações de Sá Carneiro nos Altos Estudos Militares, para depois

acusar o P. P. D. de «um militarismo de tipo novo», de «procurar desnacionalizar as Forças Armadas». O aditamento proposto foi também estrondosamente derrotado. Efectivamente, o pépêdista Jorge Miranda fez ontem figura de advogado de causas perdidas, enquanto a unidade P. S.-P. C. P.-M. D. P. deu à votação um carácter inofensivo de vitória da esquerda. O facto permitia a Vital Moreira, do P. C. P., afirmar que ela constituía um avanço relativamente ao texto da Plataforma Constitucional M. F. A.-Partidos.

No período antes da ordem do dia, a tónica foi a guerra P. S.-P. D. As hostilidades, cujo início pode ser marcado com a intervenção de José Luís Nunes na passada semana, prometem continuar. Encarregou-se ontem de conduzir a batalha o «pê-esse» pelos Açores Jaime Gama. Começando pelos incidentes

registados no Porto por altura da realização da cimeira socialista, Jaime Gama, depois de afirmar que «o P. P. D., em virtude das suas transformações internas é uma força política em manifestação de declínio» consideraria: «O Partido Popular Democrático tem uma visão turística da social-democracia». E mais adiante: «O combate feito pelo P. P. D. ao Partido Socialista processa-se exactamente nos moldes do combate feito pelos partidos conservadores e democratas cristãos aos partidos sociais democratas na Europa do Norte».

A intervenção de Jaime Gama foi acompanhada de várias manifestações de «impaciência» vindas da bancada pépêdista, com relevo para um jovem deputado de barbas que mais tarde entraria também em «conflito» com José Luís Nunes e Vital Moreira.

F. T.



A GRANDE LINHA DE GUERLAIN, para a beleza da mulher, apresenta: «EMULSION D'AMBROISIE», «SUPERNOURRISSANTE2», «CRÈME POUR LE COU», «GELÉE NETTOYAGE», «LOTION AROMATIQUE»; todos os dias, limpar, tonificar, proteger e nutrir. Este é o programa GUERLAIN que prolonga o aspecto jovem e saudável

PUB

Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos e Metal-Mecânicos do Distrito de Leiria

VIEIRA DE LEIRIA

MOÇÃO

Delegados Sindicais, reunidos em assembleia na sua sede, apoiam a justa luta dos trabalhadores da Tomé Féteira, repudiam veementemente a forma reacçãoária como foram recebidos no Ministério do Trabalho, P. S. P. e exigem o cumprimento imediato da Portaria em vigor.

SAUDAÇÕES SINDICAIS.

Pel'A DIRECÇÃO
Gualter Roque

AA

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

manicuras, pedicuras, esteticistas, massagistas, sauna, boutique e um simpático serviço de refeições ligeiras e cafetaria

E UM CABELEIREIRO PARA AS SENHORAS QUE TÊM POUCO TEMPO E QUE QUEREM GASTAR POUCO DINHEIRO

Pr. Marnhes de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23
LISBOA

OFICINA DE AUTOMÓVEIS

SERVIÇOS RAPIDOS

MANUTENÇÃO E REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS DE MARCAS POPULARES

MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L.

Av. 24 de Julho, 52
LISBOA

TEL. 66 77 94 / 8

Nacional

Que vamos fazer do cinema nacional?

Segundo tudo leva a crer, o Conselho de Ministros vai debruçar-se, muito em breve, sobre o Anteprojecto de Diploma de Reestruturação da Actividade Cinematográfica, cujo texto se encontra elaborado. Na base deste anteprojecto esteve (está) um grupo de trabalho composto por representantes de alguns sectores do ramo cinematográfico e que foi constituído na sequência de uma proposta da comissão administrativa nomeada para o Instituto Português de Cinema. Há que notar a heterogeneidade deste grupo de trabalho, em cuja for-

mação se descortinam duas correntes: os que defendem a prática das unidades de produção integradas no IPC, e os que contestam essa prática. Daí, talvez, a agora denunciada ambiguidade deste documento que, segundo o que conseguimos apurar, move contra ele a maioria dos profissionais do ramo que vêem no referido texto qualquer coisa muito semelhante ao Projecto de 71, ou seja, um franco retorno às coordenadas que durante a vigência do regime fascista mantiveram o cinema nacional como um apêndice ignóbil do Mi-

nistério da Informação e Turismo e um dependente paupérrimo dos circuitos da distribuição.

COM AS CORES DA DEMOCRACIA

Claro que na forma mais aparente, o referido anteprojecto procura jogar com a cobertura conveniente da ideia democrática. Propõe-se, com muita habilidade, a saída de um estado de influências e critérios injustos — os do fascismo — para um regime de livre exercício e necessária autenticidade.

Antes do mais e para que tal forma correspondesse a uma realidade global da actividade cinematográfica e não à simples opção de um grupo ocluso, seria frutuoso (e honesto), submeter o texto do anteprojecto a um amplo debate público que permitisse corrigir os desvios ora visíveis. A verdade é que isto não se fez. Os mais interessados na reestruturação deste importante veículo da cultura nacional — os trabalhadores do cinema e o público que paga e que portanto consumirá o produto do sector — não foram consultados. O texto enferma, logo à partida, deste mal basilar pouco consentâneo com a realidade democrática que se pretende deixar intacta: a sua feitura, confeccionada no «segredo dos deuses», não pode corresponder — e era imperioso que correspondesse — à confiança do sector e do público.

QUE PATRIMÓNIO?

A ideia inicial deste anteprojecto de diploma, consubstanciava-se na «constituição de um património cinematográfico nacional e independente». Hoje verifica-se que o seu articulado se desvinculou dessa ideia. Porque para além do «tom» formal, em que se invoca um novo futuro para o cinema português, localizamos dados que negam uma orientação que fuja ao tipo de orientação do antigamente: 1) Confere-se ao Estado, qualquer que seja a forma por este assumida, a possibilidade de intervenção absoluta no sector; 2) retira-se autonomia administrativa, financeira e cultural ao órgão coordenador da actividade, ou seja, ao Instituto Português de Cinema; 3) alimenta a dependência do ramo cinematográfico na sua generalidade em relação à distribuição, não corrigindo os critérios elitistas do sector comercial; 4) define em moldes pouco claros a participação dos trabalhadores no controlo da actividade.

O ERRO PELO ERRO

Argumenta-se muito com a necessidade da apresentação deste anteprojecto para correcção dos erros do processo praticado pelo Instituto Português de Cinema com as chamadas «Unidades de Produção». Ninguém vai agora contestar que não houve erros — sinceramente custa-nos a crer que já se tivesse levado a cabo em Portugal, hoje e ontem, algum processo onde não fosse preciso rectificar, rever, modificar, alterar linhas de conduta ou propor mudanças de critério. Mas a contestação ao funcionamento do IPC tem outras causas que não a mera — e nesse caso positiva — verificação e contenção de possíveis erros. Nós sabemos o que ela pretende atingir.

Entretanto e pelo que ficou exposto, parece-nos que o que se está a passar, se olharmos bem a letra do anteprojecto de diploma agora em causa, é procurar-se, ingenuamente (ou talvez não), responder a erros facilmente rectificáveis — onde os houve — com um erro muito maior e dificilmente desmontável no futuro. Mais: enquanto os erros de que falam os contestários do programa do IPC — e fala-se muito mais nos erros hipotéticos do que nas contravenções reais — não traíram a linha estrutural daquilo que se pretendia fosse um novo cinema português, o erro que pode constituir o anteprojecto tal como se encontra redigido, vai afectar profundamente e de maneira quase radical o funcionamento da actividade, com o prejuízo inerente dos seus trabalhadores e do público a quem se dirige.

JOSUÉ DA SILVA

MEIC—Secretaria de Estado da Administração Escolar

AVISO

CONCURSO PARA PROFESSORES DO ENSINO SECUNDÁRIO E CICLO PREPARATÓRIO

Em conformidade com a legislação vigente, inicia-se em 17 de Março novo concurso para a colocação de candidatos a docentes no Ensino Preparatório e Secundário.

- Os interessados preencherão um impresso que lhes será fornecido nas direcções dos distritos escolares, cujas moradas se indicam, neste anúncio.
- Estes impressos deverão ser remetidos para o Apartado n.º 3182, Lisboa-3, por correio registado com aviso de recepção, até 23 de Março inclusivo.
- Os impressos deverão ser acompanhados de requerimento, em papel selado, de admissão ao concurso e do qual deverão constar: nome do candidato, filiação, idade do candidato e data de nascimento, morada, habilitações literárias, número do bilhete de identidade e arquivo emissor.
- Além da documentação referida em 2 e 3 deverão os candidatos apresentar, ainda, os seguintes documentos:
 - Certidão comprovativa das habilitações literárias de que o candidato é portador, ou declaração feita pelo mesmo, em papel selado, sob compromisso de honra e com assinatura reconhecida, na qual se indique a data em que as habilitações foram adquiridas;
 - Para os candidatos que já concorreram a qualquer das fases do concurso realizado em 1975 a nível da Comissão Central de Colocações, declaração, sob compromisso de honra, de que não obteve qualquer colocação;
 - Relativamente aos professores das ex-colónias, declaração comprovativa de que se encontram inscritos no Quadro Geral de Adidos, ou, para os agentes de ensino que hajam prestado serviço docente em estabelecimento oficial do oficializado, nas ex-colónias, no ano lectivo de 1973/74 ou no de 1974/75 e não puderam, entretanto, inscrever-se no Quadro Geral de Adidos, desde que sejam prestadores de qualquer uma das habilitações próprias ou específicas ou de quaisquer outras não inferiores às mínimas previstas no n.º 2 do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 409-A/75, de 5 de Agosto, documento comprovativo do ensino docente prestado nas ex-colónias no ano lectivo de 1973/74 ou no de 1974/75;
 - Declaração, autenticada com o selo branco, passada pelos estabelecimentos de ensino, comprovativa do tempo de serviço prestado.
- São dispensados de apresentação do requerimento de admissão ao concurso e da respectiva documentação, à excepção da declaração prevista de que não obtiveram qualquer colocação, os candidatos que se habilitaram a uma das fases do concurso realizado a nível da Comissão Central de Colocações, desde que aquela documentação se encontre nesta arquivada.
- Os candidatos que hajam sido admitidos ao anterior concurso realizado a nível da Comissão Central de Colocações e tenham, entretanto, adquirido nova habilitação académica, deverão comprová-la, por certidão a apresentar naquela Comissão ou por declaração feita em papel selado sob compromisso de honra e com assinatura reconhecida.
- Os candidatos indicarão no impresso acima referido, dezasseis preferências de estabelecimento de ensino ou localidade.

- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE AVEIRO — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 180
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE BEJA — Edifício das Repartições Públicas
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE BRAGA — Largo do Rouso da Sé
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE BRAGANÇA — Av. 25 de Abril
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE CASTELO BRANCO — Praça D. Leonor
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE COIMBRA — Serões de Castro, 159, 3.º
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE EVORA — Praça do Sertório
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE FARO — Largo do Mercado, 1, 1.º Esq.
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DA GUARDA — Rua Dr. Manuel Anriaga
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE LEIRIA — Rua Dr. Magalhães Pessoa
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE LISBOA — Rua Acácio Paiva, 23, Alvalade
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE PORTALEGRE — Rua General Lacerda Machado
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DO PORTO
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE SANTAREM — Largo Cândido dos Reis, 3, 2.º
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE SETUBAL — Rua Jorge de Sousa, 12, 1.º
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE VIANA DO CASTELO — Rua Manuel Espregueira, 6
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE VILA REAL — Largo dos Bombeiros
- DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DE VISEU — Av. Alberto Sampaio, 52

Geral

MELO ANTUNES AO "BALUARTE"

Descolonização permitiu relações normais com inúmeros países

«A descolonização foi o factor determinante para o estabelecimento de relações normais com a esmagadora maioria dos países com os quais até então não tínhamos relações diplomáticas». Palavras do major Melo Antunes aos seus camaradas militares representantes de unidades da R. M. L. e que vêm transcritas no último número da revista «Baluarte».

«Este movimento», acrescentou Melo Antunes, «prosseguiu, consolidou-se, desenvolveu-se e podemos dizer que hoje em dia nós temos relações normalizadas com quase todas as nações do Mundo, que se exprimem pela existência de relações diplomáticas ao nível de embaixador com todos os países, embora nem todos esses países tenham embaixadores residentes em Lisboa, isto por razões económicas, o que é, aliás, o mesmo critério que nós seguimos relativamente a outros países.»

As actuais linhas da estratégia diplomática portuguesa partem da base que é necessário diversificar as nossas relações, ter em linha de conta a nossa inserção na Europa como membro da N. A. T. O. e manifestar-se Portugal como um país não-alinhado. Na exposição de Melo Antunes, foi feita a distinção entre a Europa superdesenvolvida do Norte e do Centro e a Europa da periferia Sul. Nesse sentido, reafirmou a importância estratégica do Mediterrâneo e a possibilidade de nos apresentarmos como um interlocutor válido com os países do Magrebe e do Médio Oriente já que não podemos (nem temos) veleidades neocolonialistas.

O MEDITERRÂNEO

Após revelar a existência de uma Itália meridional subdesenvolvida e campestre, e a subordinação económica e

política da Turquia e Grécia, salienta Melo Antunes: «Os países do Norte de África são também países que pertencem a esta zona do Mediterrâneo, são países que têm também características comuns com os países da Europa do Sul, e todo este conjunto mediterrânico tem de facto um peso e uma importância política enorme em toda a política europeia e mundial.»

Quanto às opções que é necessário fazer em matéria de política externa Melo Antunes sublinhou a necessidade de «privilegiar relações com o conjunto dos países do Terceiro Mundo» como primeiro sector. Por outro lado, sustenta como outros dos sectores fundamentais o estabelecimento e fortalecimento de relações com os países socialistas: «Mas», esclarece Melo Antunes, «devo dizer desde já que o desenvolvimento das relações económicas com os países do campo socialista faz-se a um ritmo que está longe de ser aquele que muitas pessoas julgam ser possível fazer-se.» Após sustentar a existência de um movimento irreprimível no Terceiro Mundo para a conquista de uma verdadeira independência nacional, inflectindo a problemática para o caso específico do nosso país, defendeu Melo Antunes, reiterados os nossos condicionamentos decorrentes de pertencermos a um bloco político-militar: «Em todo o caso, penso que, em muitos problemas fundamentais da nossa actividade internacional, Portugal pode perfeitamente e deve manifestar-se como um país de características de país não-alinhado por qualquer das grandes potências, o que é diferente de ser um país não-alinhado, isto é, de pertencer ao grupo dos não-alinhados, visto termos compromissos com a N. A. T. O.»

Decidido em Conakry

Assegurar triunfo de Moçambique

DAKAR, 17 (F. P.) — Fidel Castro, Agostinho Neto, Luís Cabral, e Sekou Touré, decidiram concretizar «de forma energética», a nível militar e político, a sua solidariedade com Moçambique, «de forma a assegurar o seu triunfo sobre todos os seus inimigos, sejam internos ou externos».

Esta decisão, tomada na Cimeira que reuniu em Conakry os presidentes de Angola, Guiné e Guiné-Bissau e o primeiro-ministro cubano, é revelada num telegrama enviado ao presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel.

«A ofensiva deve ser reforçada por todos os meios, tendo em vista a defesa da independência e da soberania de Moçambique, que se encontra actualmente em luta contra as maquinacões criminosas do imperialismo e dos seus fantoches africanos», indica o telegrama enviado a Samora Machel.

ONU PREPARA AUXÍLIO

NAÇÕES UNIDAS, 17 (R. F. P.) — Espera-se que o Conselho de Segurança aprove hoje, por unanimidade um programa de auxílio internacional a Moçambique.

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano, calculou ontem que a antiga colónia portuguesa necessitava de pelo menos 49 milhões de dólares por ano.

Benim, Guiana, Itália, Japão, Paquistão, Panamá, Síria, Tanzânia, Roménia, Reino Unido e Suécia, cujos 11 dos 15 membros do Conselho de Segurança, submeteram, ao fim da tarde de ontem um projecto de moção pedindo a todos os Estados que prestem a Moçambique assistência financeira, técnica e material para que possa levar a cabo o seu plano de desenvolvimento económico, aplicando ao mesmo tempo plenamente as sanções decididas contra a Rodésia. Além disso, o texto condena as incursões armadas do regime ilegal da Rodésia contra oçambique e felicita o Governo de Maputo pela sua decisão de cortar relações comerciais e económicas com aquela.

Também a Organização da Unidade Africana, OUA, pediu às Nações Unidas auxílio a favor de Moçambique e a condenação formal da agressão da Rodésia, adiando-se assim à própria reunião do Conselho de Segurança.



Vera Lagoa abona-se com testemunhas ausentes do País. Afinal são Spínola e Kaulza de Arriaga

Spínola e Kaulza

testemunhas de Vera Lagoa

Spínola e Kaulza de Arriaga figuram no rol das testemunhas de defesa de Vera Lagoa, que será julgada na próxima terça-feira, no Tribunal da Boa Hora, em Lisboa. Além dos dois generais, um em Genebra e outro em parte incerta, a directora de «O Diabo» terá a seu favor outros depoimentos, estando a defesa entregue ao dr. Francisco de Sousa Tavares, director de «A Capital».

Vera Lagoa será julgada, pelas 10 horas, no 10.º Juízo Criminal, por ter publicado, no editorial do segundo número do semanário «O Diabo», afir-

mações que podem ser consideradas como ofensas morais ao Presidente da República. O artigo em questão levou o Conselho da Revolução, reunido em sessão extraordinária, a suspender este jornal.

Vera Lagoa é acusada de desrespeito ao general Costa Gomes e, por extensão, ao Estado-Maior-General das Forças Armadas, ao Conselho da Revolução e às próprias Forças Armadas. De acordo com a acusação, a linguagem usada no artigo pode ser considerada como atentória à verdade, além de pretender denegrir a

imagem do Presidente da República.

O processo já se encontra no Tribunal da Boa-Hora, e foi movido à actual directora de «O Sol» (semanário aparecido após a suspensão de «O Diabo» e instalado no mesmo edifício) pelo Conselho da Revolução. Se Vera Lagoa não comparecer à audiência marcada para 23 do corrente, o julgamento terá lugar três dias depois (26) mesmo que a ré não esteja presente, salvo se motivos de força maior, devidamente comprovados, a impedirem de nele participar.

Gomes da Mota abandona

Secretaria da Cooperação

Apresentou a noite passada a sua demissão do cargo de secretário de Estado da Cooperação o dr. José Gomes Mota, que vinha desempenhando aquelas funções desde 18 de Outubro do ano passado, depois de ter ocupado o posto de delegado do Estado junto da Sacor. A demissão foi aceite pelo Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo.

A saída do dr. Gomes Mota do Governo parece inserir-se no rescaldo das recentes conversações havidas no Maputo com autoridades do Governo da República Popular de Moçambique e as quais terminaram sem que se conseguisse obter quaisquer resultados quanto às questões fundamentais da agenda de trabalhos, as quais foram remetidas, como última solução, para um encontro a mais alto nível entre os dois países. Aconteceu-se a hipótese deste encontro se vir a realizar ainda esta semana, traduzindo-se em conversações a travar directamente pelos ministros dos Negócios Estrangeiros de Lisboa e do Maputo, respectivamente Melo Antunes e Joaquim Chissano. O ministro português, contudo, no seu regresso ontem da Paqueta, declarou que nada estava previsto.

Em declarações prestadas a Anop após conhecimento da sua demissão, Gomes Mota afirmou que ela se não relacionava, «em especial», com Moçambique, sendo antes «mais uma confirmação do modo como as relações (com as ex-colónias) se têm processa-

do». O ex-secretário de Estado era normalmente tido como um elemento da «linha dura» face às ex-colónias defendendo que aquelas relações se não deveriam processar «em nome de uma solidariedade militante revolucionária», mas segundo objectivos mais pragmáticos.

«Acima de tudo, a questão está em saber se, em nome de uma perspectiva histórica das nossas relações externas, se podem aceitar atitudes de «cedência» no dia-e-dia das nossas relações internacionais», afirmou a Anop.

Estas «atitudes de cedência» são caracterizadas, segundo Gomes Mota, por um «pretensão complexo de culpa colonial», introduzido como uma das «questões de princípio» em que diverge das posições dos ministros Melo Antunes e Vitor Crespo. Ainda de acordo com as suas declarações a Anop, a política por si defendida conta com «o apoio das principais formações políticas representadas no Governo».

Entendendo-se por «principais formações» o P.S. e o P.P.D., e atendendo à linha defendida por estes partidos nas últimas questões relacionadas com a descolonização, «naturalmente quanto ao caso de Angola inferem-se mais alguns dos pontos que eventualmente poderão compor as divergências com Melo Antunes e Vitor Crespo.

Recorda-se que Gomes Mota, oficial de marinha na reserva, era considerado como elemento afecto ao «grupo dos 9»

ao qual, segundo as suas próprias palavras, «esteve muito ligado durante a crise do Verão passado».

Recorde-se ainda que o ex-secretário de Estado esteve intimamente relacionado com a última fase das conversações entre Portugal e a Guiné-Bissau e Cabo Verde, as quais se saldaram por um malogro nos seus pontos principais, tendo conduzido, no caso de Bissau, a um considerável agravamento das relações com Lisboa.

Ontem, no Conselho de Ministros, a última missão de Gomes Mota foi alvo de uma exposição do ministro Vitor Crespo que relatou a forma como decorreram os contactos da semana passada com a República Popular de Moçambique.

América

manda mais 30 milhões

No final do encontro efectuada hoje entre o secretário de Estado norte-americano, dr. Henry Kissinger, e o ministro das Finanças português, dr. Salgado Zenha, foi tornada pública a decisão dos Estados Unidos da América de acrescentar 30 milhões de dólares ao seu anterior programa de auxílio económico a Portugal que perfaz agora um novo total de 230 milhões de dólares, a processar nos próximos 12 a 18 meses, sujeito à aprovação do Congresso.

Este auxílio destina-se a apoiar a recuperação económica de Portugal enquanto o país continua a evoluir no sentido de um Governo democrático e da estabilidade económica.

A parte do auxílio dependente de aprovação foi já enviada ao Congresso em propostas orçamentais relativas aos anos financeiros de 1976 e 1977.

No total de 230 milhões de dólares estão já compreendidos empréstimos para o desenvolvimento e ofertas de assistência técnica, empréstimos ao abrigo da «Public Law 480», garantias de investimento no sector da habitação e para importação de produtos agrícolas através da Commodity Credit Corporation, bem como uma oferta de 35 milhões de dólares que se destina a auxiliar o acolhimento e reintegração dos retornados portugueses de África.

MOBÍLIAS

Se pretende comprar, visite a nossa exposição de mobílias e móveis soltos de vários estilos, jogos de mapas, lustres, quadros a óleo e enorme variedade de peças decorativas.

GALERIA ACTUAL

AV. DA REPÚBLICA, 12
(Detr. est. Metro Saldanha)

PUB

SINDICATO

DOS ELECTRICISTAS DO SUL

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

ORÇAMENTO/1976

Ao abrigo do Art.º 31.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral a reunir-se em sessão ordinária no dia 26 de Março (Sexta-feira), às 20.30 horas, na Voz do Operário (Rua Voz do Operário, n.º 13), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Único: Apreciação, discussão e aprovação do Orçamento do Sindicato proposto pela Direcção para 1976.

Lisboa, 16 de Março de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Antero da Silva Gabão

P.C.'s da Europa preparam cimeira

O Partido Comunista Português é um dos vinte e sete partidos comunistas do Ocidente e do Leste europeu que ontem reuniram delegações em Berlim-Leste a fim de preparar a cimeira dos partidos comunistas europeus — informa a agência noticiosa da R. D. A., num telegrama veiculado pela U. P. I. e pela Anop em Lisboa.

Segundo a agência, além de representantes do P. C. P. estavam presentes na reunião representantes dos partidos países da Europa Ocidental: Dinamarca, Finlândia, França, R. F. A., Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Áustria, San Marino, Suíça, Suécia, Turquia e Chipre. O telegrama não refere a presença do Partido Comunista Espanhol.

Trabalho

Serviços Municipalizados do Porto decidem novas formas de luta

Está a decorrer, nas instalações dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade do Porto, um plenário de trabalhadores daqueles serviços, que se encontram em greve desde o dia 1 de Março, «não para pedir aumento de salários, mas para impedir que

lhos reduzam».

A reunião tem por objectivo a análise das fracassadas diligências efectuadas em Lisboa, junto das instâncias oficiais e a definição de novas formas de luta a encetar, que, segundo se disse durante a contê-

tem à tarde por elementos do núcleo de promoção sindical e da comissão de luta «terão de ser mais duras, pois não vemos outra forma de sensibilizar os responsáveis».

Durante a reunião, os trabalhadores deram conta das infelizes diligências feitas, de

gabinete em gabinete, cheias de versões e contraversões, sem que qualquer dos seus objectivos — aplicação do Decreto-Lei n.º 506/75, igualização de vencimentos e desvinculação dos serviços da Câmara Municipal do Porto — tivessem sido concretizados. Referindo-se às duas fases de luta até agora desenvolvidas, um dos conferentes caracterizou a primeira como sendo a que decorreu até ao dia 10 com o conselho de administração dos serviços a diligenciar junto dos órgãos oficiais e a segunda do dia 10 até hoje, cujas diligências foram efectuadas por elementos eleitos em plenário. Uma e outra o fracassaram. A não ser aplicado àqueles trabalhadores o Decreto-Lei n.º 506/75, as reduções salariais ficam balizadas entre 600 e 1200 escudos, prejudicando de uma forma mais aguda os trabalhadores dos escalões inferiores que desde Maio de 1975, vinham recebendo os salários que hoje usufruem.

O Ministério da Administração Interna estriba-se na «situação privilegiada» dos trabalhadores dos S.M.G.E. do Porto (cujo salário mínimo actual é de sete mil escudos) em relação a outros funcionários públicos, considerando no entanto, aqueles trabalhadores que a situação não é bem essa e que segundo disseram, «não nos importa que os outros trabalhadores cheguem com o seu salário até nós — até apoiamos — o que não se pode permitir é que reduzam um salário que já usufruímos há dez meses».

A pretensão ministerial atinge cerca de 95 por cento dos trabalhadores daqueles serviços de um modo especial, os de categoria mais baixa. Por isso mesmo, consideram-se em «luta» pela sobrevivência como ontem fizeram sentir à opinião pública em camiões que percorreram a cidade precedidos de um carro de som.

Refira-se que a greve não tem afectado o público, uma vez que os trabalhadores têm vindo a assegurar os serviços mais ligados ao consumidor.



Caixeiros evocaram a concentração de 1971

«A grande lição a colher do 15 de Março de 1971 é a de que, face ao patronato e seus laiaos instalados no Poder, a unidade de todos os trabalhadores do Comércio, organizados e unidos à volta do seu Sindicato e noutras organizações de classe, é condição fundamental para resistirem e esmagarem a reacção e avançarem rumo a uma sociedade mais justa onde não haja lugar para a exploração do homem pelo homem». São palavras de António Malaquias Pinela, presidente ao tempo do Sindicato dos Caixeiros e actual secretário-geral da Federação dos Trabalhadores do Comércio.

Em 15 de Março de 1971, conforme aquele dirigente sin-

dical recordou na sessão comemorativa que decorreu na Voz do Operário, os caixeiros concentraram-se junto ao Palácio de São Bento para «protestar contra as medidas arbitrárias do Ministério das Corporações que lhes negara a semana de 44 horas decidida pelos tribunais arbitrais».

A concentração constituiu um dos momentos mais altos de todo o processo de luta sindical desencadeada por altura da chamada «Primavera» marcelista. Por todo o País, milhares de trabalhadores e dezenas de Sindicatos se solidarizaram então com os caixeiros e a sua organização de classe, vítimas de brutal repressão por parte das polícias fascistas.

MADEIRAS

Feriado é para se cumprir

Os delegados sindicais do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Madeira do Distrito de Lisboa estão dispostos a fazer respeitar o feriado do sector, no próximo dia 19, apesar do decreto-lei publicado em Dezembro do ano passado, que não reconhece aquele dia como feriado obrigatório.

Em plenário recentemente realizado, os delegados sindicais daquele sector de actividade decidiram repudiar o diploma, «que foi cozinhado e elaborado nas costas dos trabalhadores», já que não foram consultados os seus legítimos representantes. Ao estabelecer

os feriados obrigatórios, em prejuízo de outros que se encontram estabelecidos por via convencional ou que derivam da tradição, aquele decreto-lei consagrou uma medida que, segundo os delegados dos trabalhadores de madeira, se enquadrava na «política antiopeirária» que vem sendo praticada de «forma sistemática».

Por esta razão, os delegados sindicais «apoiam todas as acções que os trabalhadores unitariamente desenvolvam para fazer respeitar o que está consignado no nosso Contrato Colectivo de Trabalho».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

Sede: Avenida 5 de Outubro, 121-1.º — Telef. 22047 — SETÚBAL
Delegações: Rua Carvalho Serra, 38-B — ALMADA
Rua Miguel Pais, 172 — BARREIRO

**TODOS À
À MANIFESTAÇÃO
CONTRA A FALTA DE
GÉNEROS E OS
AUMENTOS DE PREÇOS
FRENTE AO MINISTÉRIO DO COMÉRCIO
INTERNO — TERREIRO DO PAÇO**

SEXTA-FEIRA 19 DE MARÇO - 19 HORAS

MEIC
SECRETARIA DE ESTADO
DA
ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
CONCURSO
PARA PROFESSORES
DO ENSINO SECUNDÁRIO
E CICLO PREPARATÓRIO

AVISO

O impresso a fornecer pelas Direcções dos Distritos Escolares estará à disposição do público a partir do dia 17 até 23, inclusive.

Trabalho

ENFERMEIROS

Plenário esta tarde vai decidir forma de luta

O futuro da greve dos enfermeiros será decidido, hoje, em plenário a realizar em local e hora a indicar — informou à Anop um porta-voz do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul que acrescentou «prever a agudização da luta».

Interrogado sobre o ponto

civil dos serviços de enfermagem, como também ficou previsto no Conselho de Ministros, caso se não encontrasse normalizada, até àquela hora, a prestação de trabalho no sector.

As notícias da possibilidade de agudização da greve, com

da Organização de Lisboa do P. C. P., num comunicado agora divulgado, acusam as «direcções sindicais oportunistas de abrir caminho à provocação, virarem a população contra os trabalhadores da enfermagem e retirarem assim, razão à sua luta», e repudiam o abandono dos serviços e dos doentes, bem como o aproveitamento reacçãoário que pode ser feito desta luta.

«Foi a unidade, espírito combativo e elevada consciência profissional dos trabalhadores de enfermagem revelada nos seus locais de trabalho, que deu até aqui à luta as características que tem assumido: respeito pela vida dos doentes (em clara oposição ao desprezo a eles votado pelo M. A. S.), grande coesão entre todos os profissionais, informação da população para a aceitação de uma greve que neste sector é sempre impopular», lê-se no comunicado.

Manifestando a sua solidariedade com todos os trabalhadores da enfermagem em torno das suas reivindicações, os enfermeiros comunistas apelam para a vigilância de todos os colegas «sobre todos aqueles que querem aproveitar-se da sua luta para criar o caos e a instabilidade propícios às forças reacçãoárias».



Sanimar: um despacho «resolveu» a questão

SANIMAR

Pedida audiência a Costa Gomes

A Comissão de Trabalhadores da Sanimar e dirigentes Sindicais dos Rodoviários, Metalúrgicos, Construção Civil, Madeiras e Cerâmica, vão tentar ainda hoje ser recebidos pelo Presidente da República, com o intuito de protestar contra a selagem das instalações e a tomada de posse de uma nova Comissão de Gestão, determinadas por despacho conjunto dos ministros da Indústria e Tecnologia, das Finanças e secretário de Estado do Trabalho.

Os trabalhadores encontram-se agora concentrados nos sindicatos, particularmente no dos Rodoviários. Foi precisamente um porta-voz deste sindicato que denunciou as agressões a dirigentes sindicais por parte de elementos da P.S.P., que carregou sobre os trabalhadores. A G.N.R. também participou na operação.

Enquanto a maioria dos trabalhadores manifesta a sua preocupação pela possível recuperação capitalista da Sani-

mar, o grupo de trabalhadores fiéis ao patrão desde o início da crise parece estar satisfeito com a selagem das instalações.

Assim, num comunicado em que se afirmam «a maioria dos trabalhadores», apenas com uma assinatura, apoia a destituição da Comissão de Gestão, pela selagem temporária das instalações, pelo inquérito à dita Comissão e pela nomeação de uma nova comissão.

Governador da Madeira tenta «furar» greve

O governador da Madeira e presidente da Junta Regional apareceu no «eclan» da TV regional para criticar a greve dos profissionais de enfermagem: «Não se podem tolerar meios desumanos», disse.

Na oportunidade, o brigadeiro Carlos Azeredo viria a fazer um apelo aos não profissionais com conhecimentos da profissão para que aparecessem junto dos hospitais e dessem a sua colaboração.

A atitude do governador foi entretanto repudiada pela Comissão de Greve do Sindicato dos Profissionais de Enfermagem, que a considerou «muito infeliz». Esta Comissão pergunta, entre outras coisas, por que apelou o brigadeiro para os não profissionais e não para os médicos?

REQUISICÃO CIVIL DOS ENFERMEIROS

Ao fim da manhã o Ministério dos Assuntos Sociais ainda não tinha tomado qualquer decisão no sentido de proceder à requisição civil dos enfermeiros ainda em greve, apesar desta continuar em certas zonas particularmente no Sul. A essa mesma hora segundo o porta-voz daquele Ministério, os enfermeiros retomavam já o trabalho nas zonas Norte e Centro, havendo notícias de que tinha sido retomado o trabalho na Madeira. Sobre a possibilidade de negociações entre o M. A. S. e o Sindicato dos Enfermeiros, foi-nos respondido um não «rotundo». De qualquer modo, o assunto estava a ser objecto de estudo.

Na Madeira, segundo informação colhida no Sindicato dos Enfermeiros, o governador local, destacam forças militares ou militarizadas, para os hospitais, com o objectivo de assegurar os serviços de enfermagem.

ENFERMEIROS COMUNISTAS: NÃO À PROVOCAÇÃO

Os enfermeiros comunistas

O plenário dos enfermeiros de Lisboa decidiu prosseguir a greve

da situação, o informador sindical esclareceu que «o pessoal foi reforçado em todos os hospitais, não há folgas nem descansos e que apenas atendem urgências, banco de sangue, pediatria e maternidade».

O mesmo informador adiantou que os delegados sindicais nos hospitais se mantêm nos estabelecimentos hospitalares a fim de organizar as formas de luta.

Recorde-se que o Sindicato dos Enfermeiros da Zona Centro deliberou já o fim da greve, enquanto o Sindicato da Zona Norte deixou à consciência cívica dos trabalhadores a opção do fim ou da manutenção da greve.

Entretanto, em Conselho de Ministros foi decidido «autorizar o ministro dos Assuntos Sociais a tomar as medidas que a lei faculta se os trabalhadores não tivessem retomado o trabalho até às nove horas de hoje». No entanto, e face à tomada de posição dos enfermeiros, pelo menos no que toca a Lisboa, ao fim da manhã, ainda não tinha sido dado conhecimento de qualquer decisão do ministro dos Assuntos Sociais, com vista a requisição

abandono dos locais de trabalho a partir das 22 horas de ontem, levou a que fosse difundido pelo Ministério respectivo um apelo a todas as pessoas com conhecimentos de enfermagem e dispostas a dar o seu auxílio, para que contactassem aquele departamento governamental. Na verdade, esse abandono dos locais de trabalho não se concretizou e, pelo contrário, os enfermeiros reforçaram a vigilância nos serviços, conforme decisão das bases, que ratificaram a ordem de greve total dada pelas direcções dos quatro sindicatos. Simultaneamente, o Sindicato dos Enfermeiros denunciava à Organização Mundial de Saúde o recrutamento «de pessoas não qualificadas para exercerem assistência médica», enquanto o P.C.P. tomava posição defendendo o princípio de que a justiça que está na base da luta dos trabalhadores de enfermagem não pode justificar o abandono de doentes.

vamento perigoso nos serviços hospitalares. Ao que parece, no entanto, as notícias que diversos sectores vinham tentando veicular junto dos mais altos responsáveis apresentariam um quadro demasiado negro da situação. A análise posterior de informações mais correctas e a evolução dos acontecimentos não justificaram, quaisquer medidas especiais até ao momento.

Esta reunião foi no entanto alvo de especulação e um correspondente estrangeiro, interpretando incorrectamente o que significava o termo mobilização militar, chegou mesmo a difundir a notícia de que o Presidente da República iria decretar o estado de sítio.

A tensão gerada pela greve dos enfermeiros, a que certos órgãos de informação directistas deram grande empenhamento, motivou uma reunião realizada ontem ao fim da tarde, em Belém, presidida pelo general Costa Gomes e na qual estiveram presentes os chefes de Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas, o Primeiro-Ministro almirante Pinheiro de Azevedo, o brigadeiro Vasco Lourenço, o chefe dos Serviços de Saúde Militares e o ministro dos Assuntos Sociais.

A reunião destinava-se, segundo apurámos, a estabelecer medidas de natureza militar, tais como eventual mobilização, para o caso de se verificar um agra-

Évora: fim da greve do comércio retalhista

Em plenário realizado ontem à noite, os trabalhadores do comércio retalhista do distrito de Évora decidiram terminar a greve que durava desde sexta-feira passada. Ficou no entanto criada uma comissão de luta à qual competirá desenhar uma campanha de «amplo esclarecimento aos sócios acerca das negociações em curso», conforme o texto da moção aprovada.

Um dos objectivos visados, ainda segundo a moção, é criar condições de «mobilização geral para a greve total em qualquer momento, no caso de o patronato não aceitar as justas pretensões dos trabalhadores». Finalmente, o documento

aprovado manifesta o descontentamento da classe ante a «posição passiva» do Ministério do Trabalho, tida como «absolutamente contrária às leis do Governo de que faz parte.»

BRAGA

Entretanto, pode vir a ser decretada, amanhã, paralisação total dos trabalhadores do comércio do distrito de Braga, se, até lá, o patronato não aceitar as condições que lhes são propostas. Reunidos em plenário, os trabalhadores repudiaram a contraproposta que lhes foi apresentada pelos patrões acerca do novo contrato colectivo de trabalho.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

ENCONTRO NACIONAL DE PREVIDÊNCIA RUMO À SEGURANÇA SOCIAL

DIAS 27/28 DE MARÇO EM COIMBRA NO SALÃO DA INATEL

PROGRAMA :

DIA 27 às 15 horas — ABERTURA
às 15.30 h. — ANÁLISE DA SITUAÇÃO FINANCEIRA REESTRUTURAÇÃO
às 22 horas — MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA
DIA 28 às 9 horas — PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES NA GESTÃO E CONTROLO
às 16 horas — CONCENTRAÇÃO ABERTA A TODOS OS TRABALHADORES PARA APRESENTAÇÃO E APROVAÇÃO DAS CONCLUSÕES.

Estão abertas as inscrições a todas as COMISSÕES SINDICAIS e todas as COMISSÕES DE TRABALHADORES (no máximo de 3 elementos por cada Comissão), até ao dia 24 de Março, na Sede do Sindicato — Rua da Barroca, 107-2.º, ou na União dos Sindicatos de Lisboa — Rua Vitor Cordon, 1-2.º

CAMARADA :

Sabes que a Previdência que os fascistas montaram em Portugal, sempre funcionou como uma empresa? Por isso contacta o SINDICATO para recolha de informações e efectuares a inscrição.

TODOS A COIMBRA, DIA 27/28

A LUTA CONTINUA

Nacional

1. Este livro é importante. Desde logo porque nos discursos, comunicações ao País, conferências de Imprensa, entrevistas, que nele se reúnem, está o pensamento do Primeiro-Ministro de quatro sucessivos Governos Provisórios da III República, desde o II ao V.

Vasco Gonçalves é chamado a formar o II Governo quando falha a primeira tentativa para afastar da cena política o Movimento das Forças Armadas. Discursando no acto de posse, em 18 de Julho de 1974, ele reitera «a decisão inabalável de cumprir escrupulosamente o Programa do Movimento».

Que Programa, porém? É que o Programa do Movimento, apesar de ser matéria constitucional, não era unívoco. Na verdade, propunha-se dois objectivos em larga medida inconciliáveis: de um lado, a instauração de instituições democráticas, feita a qual o exército regressaria aos quartéis, confinando-se à sua missão específica de salvaguarda da soberania; do outro lado, o lançamento das bases duma política económica antimonopolista e duma política social visando essencialmente a defesa dos interesses das classes trabalhadoras.

O primeiro objectivo traduzia-se no estabelecimento duma democracia política, isto é, duma democracia sem conteúdo ideológico, meramente formal; enquanto o segundo objectivo apontava claramente para o advento duma democracia socialista.

A democracia, como se sabe, não é compatível com a plena liberdade política (1). Não o é a democracia formal, pois que não pode consentir em actividades ou movimentos antidemocráticos que a ponham em perigo. Porque consentiu num movimento desses — o partido nacional-socialista, que conquistou o Poder em 1933 pela via eleitoral — é que a democracia Weimariana se condenou à morte a si mesma. Mas ainda menos compatível com a plena liberdade política é a democracia socialista, uma vez que não pode consentir nem em movimentos antidemocráticos, como a democracia formal, nem em movimentos anti-socialistas que ponham em risco a construção do socialismo.

Essas duas democracias assim tão diferentes, inseridas lado a lado no Programa do Movimento, exprimiam as concepções das duas grandes correntes do M. F. A., e que eram a corrente conservadora e a corrente progressista. Ora, sempre que se pretendeu afastar da cena política o Movimento, não foi por causa da sua corrente conservadora, mas da sua corrente progressista.

A segunda tentativa de afastamento veio com o 28 de Setembro. Gorada ela, Vasco Gonçalves forma o III Governo, e de novo sublinha no acto de posse, em 30 desse mês, o propósito de cumprir estritamente o Programa do Movimento. Curiosos, porém, é que ele próprio, apesar de ser um dos expoentes da corrente progressista, parece manifestar certa ambiguidade na interpretação do Programa.

Veja-se o discurso do 5 de Outubro, no Porto. Ai disse: «O Movimento das Forças Armadas só fixa um objectivo: lançar os fundamentos para que o povo português possa escolher livremente as instituições por que se quer reger. Depois recolherá aos quartéis para defender as conquistas democráticas». O que soa a democracia formal; mas também disse: «Na nossa democracia cabem todos, todos os que não sejam fascistas nem reaccionários». O que já não soa a democracia formal, pois, se é certo que nesta não cabem os fascistas, também o é que cabem à

vontade os reaccionários.

Só com o 11 de Março terceira tentativa falhada para afastamento da corrente progressista do M. F. A. a ambiguidade desaparece, ao nível do Poder. É, na própria noite de 11 de Março, a institucionalização do Movimento, por obra duma assembleia revolucionária de oficiais, sargentos e praças; é, no dia 14, a substituição da Junta de Salvação Nacional e do Conselho de Estado pelo Conselho da Revolução e a nacionalização dos bancos, e, no dia 15, a nacionalização dos seguros — é tudo isso que em poucos dias vem afirmar e consagrar a opção pela via socialista.

Vasco Gonçalves procede, então, a ajustamentos do elenco governamental, a fim de lhe dar maior operacionalidade e de o pôr em condições de dinamizar a actividade económica. A dinamização significa, como teve ocasião de esclarecer no acto de posse do IV Governo, em 27 de Março, a consolidação da política antimonopolista do Programa do M. F. A. e a defesa das classes mais desfavorecidas. Para tal, acrescentou, «é necessário pôr a funcionar uma nova economia que conduza a uma verdadeira democracia, política, económica e social. A crise que atravessamos será vencida na medida em que consolidarmos as conquistas já feitas num sistema económico mais avançado». Previo Vasco Gonçalves, para isso: a

reestruturação da banca nacionalizada; o controlo de empresas privadas pelo Estado; a criação



do sistema de planeamento; o prosseguimento da nacionalização dos sectores básicos, com clara demarcação do domínio da iniciativa privada, a qual o Estado apoiaria; a reforma agrária.

Seguiu-se a Plataforma do Acordo Constitucional do M. F. A. com os partidos políticos, a propósito da qual Vasco Gonçalves declarou, na conferência de Imprensa realizada na Gulbenkian em 8 de Abril, que ela visava a garantir a continuidade do processo revolucionário, tendo em conta dois elementos fundamentais; a acção do Povo, através dos partidos, das associações cívicas, dos sindicatos, conjugada com a acção do M. F. A., que era o

VASCO GONÇALVES: O HOMEM

Um livro im

J.J. TEIXEIRA RIBEIRO

motor e garante do processo revolucionário. A Constituição deveria institucionalizar, portanto, essa aliança Povo-M. F. A. No fundo, e com as suas próprias palavras: «não poderíamos (...) ir perder por via eleitoral o que tanto tem custado a ganhar ao Povo Português».

Veio depois o Plano de Acção Política, aprovado pelo Conselho da Revolução em 21 de Junho. Ai se proclama em termos incisivos a democracia socialista:

«O pluralismo socialista compreende a coexis-

ta-se, acabando por provocar a saída, em Julho, de alguns ministros, pelo que entra em crise o IV Governo; o Conselho da Revolução encarrega Vasco Gonçalves de os substituir, o que leva, ao cabo de longas diligências, à formação, em Agosto, do V Governo.

Este Governo, diferentemente dos anteriores, já não resulta de coligação dos principais partidos políticos. E nem sequer se baseia num entendimento entre eles. É um Governo de emergência, de duração breve (dois meses, no máxi-

conseguir que estes as aceitassem sem forte reacção. Entendeu-se a nível do Conselho da Revolução, então substanciado no Directório — que tal seria um Governo apartidário, presidido por Vasco Gonçalves e constituído por socialistas de várias tendências. Com esse espírito se formou o V Governo.

O seu carácter transitório foi devidamente focado no acto de posse, em 8 de Agosto, pelo Presidente da República. E Vasco Gonçalves, falando a seguir, teve oca-



tência, na teoria e na prática, de várias formas e concepções de construção da sociedade socialista. O M. F. A. repudia, portanto, a implantação do socialismo por via violenta ou ditatorial.

«O pluralismo partidário, tal como consta da Plataforma de Acordo Constitucional, implica o reconhecimento da existência de vários partidos políticos e correntes de opinião, mesmo que não defendam necessariamente opções socialistas. Admite, portanto, uma oposição, cuja crítica poderá ser benéfica e construtiva, desde que a sua acção não se oponha à construção da sociedade socialista por via democrática.» (2).

Entretanto, o infeliz caso «República» agudiza-

mo, previa-se), proposto a fazer face a problemas económicos de solução urgente para defesa da revolução, de solução tão urgente que não podia aguardar a solução, com certeza morosa, dos problemas políticos.

Tratava-se, sobretudo, do défice da balança dos pagamentos, do desemprego e da inflação contra cujo agravamento haveria que tomar medidas imediatas, sob pena de se criarem condições propícias à perda da revolução e da independência do País. Essas medidas, implicando sacrifícios para os próprios trabalhadores, tornaram-se necessariamente impopulares. Só um Governo, portanto, que merecesse a confiança dos trabalhadores poderia

sião de acentuar:

«Na tentativa de superação da crise económica que o País atravessa, empenhará este Governo todo o seu esforço, sendo a tônica dominante dirigida à execução de medidas imediatas e pontuais.

«A par de outras acções que se impõem para já e que estão na fase final de elaboração, serão imediatamente promulgadas algumas medidas moralizadoras e de austeridade, que o momento actual exige.»

Mas o V Governo, mercê da oposição de parte do M. F. A. e dos partidos políticos do centro e da direita, não conseguiu praticamente governar no curto período da sua duração, que foi de um mês. Em 11 de Se-

ter se m sit qu na me o gc fla Go ve 14 ra m pr nã so de co

vá to: pc so pa pc co da liz so II Ar ot us pr cr lo pe aç e rá m se fa N si

Nacional

É OS TEXTOS

Importante

Fotos de RUI PACHECO

embro cessava funções, sem ter podido tomar medidas urgentes que a situação económica requeria, o que implicou naturalmente o agravamento do défice externo, o aumento do desemprego, a persistência da inflação.

2. Esteve assim, Vasco Gonçalves à testa do Governo durante cerca de 14 meses. E como ele para lá foi levado e lá foi mantido pela corrente progressista do M. F. A., não admira que fosse sob a sua égide que se desenvolveu embora com erros e defeitos,

firme a posição de Vasco Gonçalves. No decurso, porém, do IV Governo, e sobretudo em consequência das eleições para a Assembleia Constituinte, que deram a vitória aos partidos do centro e da direita, Vasco Gonçalves começa a ser abertamente contestado dentro do M. F. A. Essa contestação culmina a publicação de dois documentos um, na véspera da tomada de posse do V Governo, o chamado Documento dos Nove; ou ro, cinco dias após aquela tomada de posse, o Documento do Copcon.

Pais, haveria que contrapor a estratégia de um amplo bloco social de apoio a um projecto nacional de transição para o socialismo.

A direcção política do País, a que se refere o Documento dos Nove, é desde logo, Vasco Gonçalves. Mas a verdade é que este, sempre que nos seus discursos aludiu à vanguarda revolucionária, o fez em termos de mostrar que a sua concepção não se confunde com a leninista.

Como se sabe, Lenine entendia que, dada a ten-

«Nós não podemos caminhar para o socialismo sem os trabalhadores estarem integrados na vanguarda deste processo. Há o Movimento das Forças Armadas e um movimento revolucionário autónomo composto pelos trabalhadores, quer do campo, quer da cidade. É a esta aliança, a esta união, que cabe o papel de vanguarda neste processo.

«Mas esta vanguarda revolucionária não pode caminhar isolada para a construção do socialismo. Ela necessita de alianças. (...) Nós quando falo em nós somos todos aqueles que fazemos parte da vanguarda nós temos que ter aliados. Esses aliados terão de ser a pequena industria, os pequenos industriais, os pequenos e médios agricultores».

E mais adiante, referindo-se aos partidos:

«Este processo tem uma vanguarda e tem aliados. É nessa fusão desta vanguarda com esses aliados que devemos caminhar para o futuro. É claro que isto tem uma transposição ao nível político, ao

mas todos estamos ligados a uma revolução que não queremos ver recuar e muito menos perder. Daí que não tenha sentido, e que cada vez o vá tendo menos, o centrar-se a presente crise à volta da figura do Primeiro-Ministro. Não é a figura do Primeiro-Ministro que se pretende abater, mas sim as ideias que ele defende. Com este ou outro Primeiro-Ministro empenhado na revolução, os nossos adversários não cessariam de mover os seus ataques à revolução e à democracia. Repito: não é uma questão de nomes que está em causa. O problema é outro e a sua compreensão, bem como a compreensão geral da crise que atravessamos, terá de ir buscar-se à intensa luta de classes hoje vivida neste País.»

Sim, o problema era outro, como o mostrou concludentemente o sucedido depois.

3. Mas este livro não é apenas importante porque nele se exprime o pensamento de Vasco Gonçalves, Primeiro-Ministro de quatro Governos Provisórios. Ainda o é porque nele algo transluz do jeito próprio de Vasco Gonçalves nas suas falas e dizeres.

Só algo, pois que uma coisa é o que a leitura dá, outra o que se colhe ouvindo e vendo. Mas transluz o bastante para serem apercibidas as principais facetas do orador.

Primeiro que tudo, a sua simplicidade. Vasco Gonçalves não tem preocupações de estilo, usa uma linguagem comezinha e directa, como que

em conversa desataviada com o auditório. São palavras dele, e algumas lapidadas, no dia 18 de Agosto, em Almada:

«Isto não é um trabalho literário. Toda a gente sabe que eu não sou um interato, nem interessado que haja aqui literatos. O que interessa é que haja homens transparentes que digam a verdade ao povo na linguagem que ele entende».

Não tem preocupações de estilo, e nem sequer de exposição ordenada, já que, na maior parte das vezes, ou não escreve os discursos, ou, quando os escreve, acaba por não os ler, ou por os entremear de reflexões e reparos adrede ocorridos, o que frequentemente origina desvios, retornos e repetições.

Depois, a sua sinceridade a sinceridade que ressalta de tudo o que Vasco Gonçalves diz, e com tanta força que não podem ficar dúvidas a quem o ouve sem preconceito, quer concorde ou discorde, de que de facto ele é sincero. Aos que têm o culto da franqueza, como eu, é este aspecto da personalidade de Vasco Gonçalves, tão pouco vulgar no mundo da política, o que logo mais impressiona. É um aspecto, aliás, que se compagina com a sua ideia de que «política e moral são inseparáveis», como igualmente afirmou em Almada, acrescentando:

«O socialismo que queremos consiste também na possibilidade de cada cidadão ser um homem de lisura, um homem limpo, um homem íntegro.

Continua na pág. 17



vários inevitáveis e muitos corrigíveis uma política de primeiros passos na via de transição para o socialismo: essa política que vai desde o congelamento das rendas urbanas e a nacionalização dos Bancos emissores, a que procedeu o II Governo, e a Lei do Arrendamento Rural, obra do II Governo, até as nacionalizações dos sectores-chave e da empresas monopolistas, decretadas quase todas pelo IV Governo e algumas pelo V, à reforma agrária, do IV Governo, e à Lei do controlo operário, aprovada pelo V, mas que não chegou a ser promulgada.

Ora, enquanto a facção progressista do M. F. A. se manteve coesa, também se manteve

Desses documentos, o que obteve maior, e até vasta, audiência e aprovação nos meios militares foi o dos Nove. Nele se defende a democracia socialista, pois que se propõe um modelo nacional de socialismo, a construir em pluralismo político com os partidos que o aceitarem. E expressamente se recusa tanto a social democracia, que só viria reforçar o capitalismo, como o socialismo ditatorial, que se julgava estar a pretender implantar-se entre nós, e isso contra a vontade da maioria dos portugueses, os quais se tinham nitidamente manifestado nas urnas por um socialismo pluralista. A teoria leninista da vanguarda revolucionária, perfilhada pela direcção política do

dência da generalidade do proletariado para o reformismo, a revolução não podia ser conduzida pelas massas trabalhadoras, tendo de o ser por aquele número restrito de intelectuais e operários revolucionários que, organizados em partido político, formariam precisamente uma vanguarda (3). Ora, para Vasco Gonçalves, a revolução portuguesa também teria de ser obra de uma vanguarda revolucionária. Simplesmente, essa vanguarda, seria muito mais ampla, uma vez que abrangia não só o MFA, como as classes trabalhadoras. Assim o disse com toda a nitidez, no discurso que proferiu em 27 de Julho no congresso dos sindicatos:

nível das organizações políticas. E nós devemos procurar que essa aliança seja feita também ao nível das organizações políticas.»

A concepção de vanguarda revolucionária de Vasco Gonçalves é, pois, muito diferente da concepção leninista. O que não impediu que frequentemente as tivessem confundido, na ânsia de amarrar Vasco Gonçalves a uma posição partidária, assim o comprometendo e atacando, não por si próprio, evidentemente, mas pelas ideias que representava. Ele o frisou em 20 de Agosto, na tomada de posse dos secretários de Estado do V Governo:

«Ninguém aqui, sr. Presidente da República, está agarrado ao lugar,

Estrangeiro

Frelimo quer estender luta de classes ao aparelho de Estado

MAPUTO (Por Alberto Neves, correspondente do «DL») — No dia 27 de Fevereiro terminou a 8.ª Sessão do Comité Central da Frelimo. Esteve reunida desde o dia 11 do mesmo mês, tendo-se realizado 26 sessões de trabalho em plenário e inúmeras outras em comissões. A sua agenda de trabalhos comportou nove pontos essenciais: 1) Análise sobre o desenvolvimento da luta entre a quinta e oitava sessões; 2) análise da situação política em Moçambique, no momento actual das relações de força na fase presente da luta de classes; 3) aprofundamento da base ideológica e política da nova sociedade; 4) estruturação do poder popular democrático no Estado moçambicano na fase actual; 5) materialização do papel da Frelimo como força dirigente do Estado e da sociedade; 6) análise da situação de conjunto na África Austral, na África e no Mundo; 7) elevação da unidade a uma nova fase; 8) convocação do terceiro Congresso da Frelimo; 9) diversos.

A sessão de encerramento foi iniciada pelo vice-presidente da Frelimo, Marcelino dos Santos, que solicitou ao presidente Samora Machel a sumarização e o significado daquilo que foram aqueles dias de trabalho do Comité Central da Frelimo alargado.

CRIAÇÃO DAS ASSEMBLEIAS POPULARES

Na sumarização de Samora Machel foi o ponto 5) aquele que mereceu uma exposição mais detalhada. Com efeito, foram definidas tarefas bem concretas, ao nível organizativo para que se materializasse o papel da Frelimo como força dirigente do Estado.

A determinada altura do seu discurso, Samora Machel afirmou: «Estamos agora prontos a desencadear a batalha do nosso poder ao nível do Estado. Entre o poder da aliança operário-camponesa, entre a nossa linha e o aparelho de Estado existe contradição antagónica: o aparelho de Estado existente, o seu funcionamento, as normas que o regem, a maneira de recrutar pessoal, a orientação que o dirige, o seu objectivo, tudo isso, corresponde, exclusivamente, aos interesses da burguesia colonial e capitalista em dominar, oprimir e explorar as massas trabalhadoras, pilhar as nossas riquezas e reprimir a nossa justa luta. O aparelho de estado existente é um instrumento da ditadura da burguesia colonial e capitalista contra o povo, em geral, e a classe trabalhadora em especial».

Foi salientado o facto de, apesar de se ter conquistado

o Poder Popular ao nível superior, isso não implicou a sua directa manifestação na medida em que as massas continuavam excluídas da prática do poder. Consequência directa do sistema de administração estatal existente, herdado do sistema colonial.

Impõe-se «escangalhar a es-



A luta da Frelimo não acabou com o fim da guerra colonial; agora, Samora Machel falou das tarefas que se impõem para materializar o papel da Frente de Libertação de Moçambique como força dirigente do Estado

trutura colonial do nosso país», afirmou Machel.

Para isso, resolveu o Comité Central criar um novo sistema onde «o princípio do centralismo democrático deve ser seguido escrupulosamente e aplicado de forma criadora».

Assim, em primeiro lugar, «o órgão supremo do Estado, em cada escalão, da província à base, é uma assembleia representativa das massas trabalhadoras, militantes e combatentes». Em segundo lugar, «numa fase provisória, até que eleições democráticas possam ser organizadas em todos os escalões, os membros da assembleia serão designados por diversas instâncias do Partido. «Todavia, embora designados, foi sublinhado que a composição social daquelas assembleias deverá reflectir o poder trabalhador, da sua vanguarda e do seu braço armado. Em terceiro lugar, os órgãos executivos deverão subordinar-se, em cada escalão, às assembleias do seu escalão. A nova orientação do aparelho de Estado, além de democratizá-lo, na sua essência, permite colectivizar a direcção».

Desta maneira, em todos os escalões, a direcção é colectivamente exercida por um órgão que, por sua vez, orienta o órgão executivo que, no seu funcionamento, integra os

órgãos subordinados.

Por conseguinte, o controlo do aparelho de Estado é considerado como peça fundamental para os objectivos propostos politicamente. Isto implica elevar a unidade a um nível superior, ideológica e politicamente. Foi apontado que os dirigentes deveriam adoptar uma

sociedade nova e na etapa da Democracia Popular».

Como teses particulares, o Congresso analisará: 1) Tese sobre a Democracia Popular, tarefas da fase actual; 2) teses sobre a edificação do poder da aliança operário-camponesa no campo, aldeias comunais; 3) teses sobre a materialização

linguagem comum, estudassem profundamente as leis do desenvolvimento da luta da sua classe.

Em certos meios causou estranheza o facto de o ponto 2) da agenda de trabalhos não ter merecido uma referência mais minuciosa da parte de Samora Machel. Isto significará que os conflitos de classe se manifestam com maior acuidade ao nível estatal, onde se notará mais abertamente a ascensão duma burguesia nacional que se infiltra pelas próprias estruturas do Partido, tentando desvirtuar o processo.

A adopção destas medidas deve ser enquadrada na perspectiva da batalha económica que se torna prioritária em Moçambique. Elas correspondem à palavra de ordem desencadeada pelo Comité Central, nesta 8.ª Sessão: «Ofensiva política e organizacional generalizada na frente de Produção».

CONVOCAÇÃO DO 3.º CONGRESSO

O último Congresso da Frelimo realizou-se nos dias 20 a 25 de Julho de 1968. Congresso histórico, onde foram rejeitadas as posições contra-revolucionárias do grupo chefiado por Urias Simango, modificadas certas estruturas da Frelimo e actualizados os Estatutos e o Programa.

«A nova batalha que se desencadeia em Moçambique exige um exame profundo da fase em que o país se encontra. É necessário um plano de desenvolvimento, de edificação da agricultura e da base industrial. Por outro lado, foi salientado nesta Sessão do Comité Central a necessidade duma revisão dos Estatutos da Frelimo em função do programa da nova fase».

Para a análise destes problemas essenciais decidiu-se convocar o Terceiro Congresso Ordinário da Frelimo que terá como tese geral: «Tarefas da Frelimo na fase de edificação da

do poder Popular Democrático, organização do Estado e do Poder económico; 4) Programa da Frelimo; 5) primeiro plano de desenvolvimento económico-social; 6) estatutos da Frelimo».

Este congresso será preparado por uma comissão preparatória que compreenderá os membros do Comité Central, os membros do Comité Executivo e quadros da Frelimo. Cinco subcomissões funcionarão no seio da Comissão Preparatória. Em princípio, o Congresso realizar-se-á em Dezembro deste ano.

A PROPÓSITO DA FUGA DE GENTE

Ao referir-se às várias manobras utilizadas pelo imperialismo, a nível interno e externo, Samora Machel referiu directamente certas manobras de subversão política como tentativas deliberadas de provocar uma destruição do capital científico e tecnológico, através da fuga de técnicos e cientistas.

Ultimamente têm circulado vários boatos na capital moçambicana que têm provocado verdadeiras reacções de pânico em certos sectores populacionais, especialmente na comunidade portuguesa. Alguns deles, habilmente explorados pelos meios mais conservadores, perfeitamente ridículos, como a «nacionalização das crianças».

Fazendo alusão a este tipo de reacção Samora Machel afirmou: «fogem, finalmente os que não têm convicções, os que se deixam tomar de pânico pelo boato mais ridículo, mais absurdo, mais estúpido. Fogem, porque o único privilégio que nós queremos, o único privilégio que nós aceitamos e anelamos, é o privilégio de servir o povo». E mais adiante, «fica o povo que não tem raça, nem cor, o povo que tem pátria. Os outros, não têm pátria. O povo que tem a sua inteligência e os seus braços, que constrói a sua determinação, a sua imensa capacidade criadora».

PUB

GRUPO SOUSA MACHADO

COMUNICADO

CONVOCATÓRIA

A Sindicância do Grupo Sousa Machado (mais de vinte empresas) em Portugal, Angola, Brasil e Panamá, terminou ao fim de oito meses. Os trabalhadores tinham razão. O capital praticou das mais graves irregularidades fiscais da história portuguesa, apoiado nos seus melhores cérebros. Milhares de contos roubados ao povo português. Suborno, política e chantagens de vários tipos e ao mais alto nível, são uma constante das irregularidades apuradas.

As Direcções dos Sindicatos signatários, bem como a Comissão de Delegados Sindicais, convidam todos os órgãos de Comunicação Social (rádio, televisão, jornais, etc.) que eventualmente não tenham recebido as Convocatórias que lhes foram dirigidas, a comparecer nas instalações do Sindicato dos Profissionais de Escritório do Dist. de Lisboa, na Rua do Alecrim, 46-1.º — Lisboa, pelas 15 horas do dia 18 do corrente para uma Conferência de Imprensa onde serão denunciadas não só as irregularidades apuradas, bem como os entraves que as diversas entidades têm movido ao processo de luta dos trabalhadores do Grupo Sousa Machado.

Lisboa, 16 de Março de 1976

- SINDICATO TÉCNICOS DE DESENHO
- SINDICATO RODOVIÁRIOS
- SINDICATO PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DISTRITO SETUBAL
- SINDICATO PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DISTRITO LISBOA
- SINDICATO DO COMÉRCIO
- SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE SETUBAL
- SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETUBAL
- SINDICATO DA INDÚSTRIA HOTELEIRA
- SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS SERVIÇOS DE PORTARIA, VIGILÂNCIA, LIMPEZA E ACTIVIDADES SIMILARES
- COMISSÃO DE DELEGADOS SINDICAIS DO GRUPO SOUSA MACHADO.

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

ENCONTRO NACIONAL DE PREVIDÊNCIA

Dias 27/28 de Março em Coimbra

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — ANÁLISE DA SITUAÇÃO FINANCEIRA
- 2 — REESTRUTURAÇÃO
- 3 — MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA
- 4 — PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES NA GESTÃO E CONTROLO

Estão abertas as inscrições durante 15 dias, até ao dia 20 de Março, a todas as COMISSÕES DE TRABALHADORES, COMISSÕES SINDICAIS, UNIÕES e DIRECÇÕES SINDICAIS e COMISSÕES ADMINISTRATIVAS das Caixas de Previdência.

As inscrições e os trabalhos sobre os temas indicados devem ser enviados até dia 20 de Março de 1976, para União Sindicais ou para a sede da Intersindical, sita na Rua Victor Cordon, 1 — 3.º, LISBOA.

quarto HOJE. ESTREIA ÀS 21 h. e 23 h.

Ternos
SWEET HUNTERS
Caçadores
de
Ruínas
de Guerra
o realizador de OS CAFAJESTES e OS FUZIS



Não é permitido a menores de 12 anos

Estrangeiro

Jornais anunciam:

Separação ou divórcio da princesa Margarida

LONDRES, 17 (R.) — Os jornais britânicos publicam hoje na primeira página notícias de que a rainha Isabel tinha concordado com uma separação ou divórcio entre a sua irmã a princesa Margarida e Lorde Snowdon.

Um informador do Palácio de Buckingham confirmou que a rainha tinha discutido a situação do casamento com outros membros da família real mas recusou fazer comentários sobre as notícias dos jornais.

O «Daily Express» diz que a notícia da separação está iminente e talvez surja hoje.

O «Daily Express» diz que os preparativos para o divórcio já começaram entre o casal.

Notícias sobre um estado de tensão no casamento da única irmã da rainha e quinta na linha de sucessão ao trono começaram a surgir o

mês passado quando a princesa Margarida foi fotografada em férias na ilha de Mustique, nas Caraíbas, com Roddy Llewellyn, de 27 anos de idade.

A princesa, de 45 anos de idade, regressou a Londres há duas semanas, e não era esperada por seu marido de 46 anos. O par casou-se em 1960 e tem um filho de 14 anos e uma filha de 12.

Desde o casamento em Maio de 1960 tem havido frequentes rumores de problemas conjugais mas tais histórias foram sempre desmentidas.

O «Daily Express» declarava que as «primeiras sementes de descontentamento» começaram durante as férias da princesa em Mustique.

Roddy Llewellyn, filho do cavaleiro olímpico Harry Llewellyn, passou férias com a princesa na ilha.

Pedidas eleições gerais após a demissão de Wilson

LONDRES, 17 (ANOP e FP) — A súbita resignação do primeiro-ministro britânico Harold Wilson, pela importância que reveste, não tardou em causar, ontem uma série de reacções a todos os níveis políticos e sindicais na Grã-Bretanha.

No sector da oposição registou-se o pedido de eleições gerais por parte da senhora Margaret Thatcher, dirigente do Partido Conservador.

«A melhor forma de resolver a incerteza e dar ao novo primeiro-ministro a autoridade requerida seria colocar a questão ao povo para que este votasse», disse a senhora Thatcher a Harold Wilson, na Câmara dos Comuns, desejando-lhe simultaneamente as melhores felicidades para o seu afastamento.

Edward Heath, antigo chefe conservador, prestou tributo a Wilson por este ter conseguido unir o Partido Trabalhista durante quatro eleições, mas observou que a incerteza deixada pela sua resignação poderá prejudicar a imagem internacional da Grã-Bretanha, já que surge numa ocasião difícil.

O chefe do Partido Liberal, Jeremy Thorpe, prestou também homenagem a Wilson pela sua energia e talento e pelos serviços prestados ao país, reiterando todavia a sua imagem «controversa» como primeiro-ministro.

A nível de sindicatos, cujo aval a qualquer Governo é fundamental, regista-se um certo pesar pelo abandono de Wilson, que sempre procurou estimular a cooperação entre o Governo e as estruturas sindicais.

Joe Gormley, presidente da Associação dos Trabalhadores Mineiros, declarou-se «chocado» com a notícia e disse não ver neste momento qualquer sucessor de Wilson que possa «assegurar a completa unidade do partido».

Len Murray, secretário-geral da central sindical T.U.C. prestou também tributo à forma como Wilson conduziu o país nos últimos dois anos.

PRIMEIRAS REACÇÕES FORAM DE SURPRESA

As primeiras reacções internacionais à resignação do primeiro-ministro britânico foram de surpresa e especulação quanto aos motivos que terão levado o dirigente trabalhista a tomar tal atitude.

Willy Brandt, presidente do Partido Social-Democrático (S.P.D.) da Alemanha Federal, elogiou Wilson e recordou que foi com ele à frente do Governo britânico que o Reino Unido ingressou na Comunidade Económica Europeia.

Outros políticos socialistas presentes na cimeira que decorreu no último fim-de-semana na cidade do Porto fizeram declarações a propósito da demissão do primeiro-ministro britânico.

O secretário-geral do Partido Socialista Português, Mário

Soares, falando para a Televisão francesa, disse apenas que a atitude de Wilson constituiu para ele «uma surpresa total».

O primeiro-ministro trabalhista da Noruega, Odvar Nordli, também presente na cimeira do Porto, não considerou surpreendente a demissão.

«Harold Wilson tem ocupado o lugar de primeiro-ministro do Reino Unido há muito mais tempo que qualquer dos seus predecessores recentes e conhecendo a tensão — tanto mental como física — que esta posição comporta, é difícil fi-

Seis possíveis candidatos à sucessão

LONDRES, 17 (F.P.) — Os nomes apontados em Londres para a sucessão de Harold Wilson são todos eles membros do Governo trabalhista instalado desde Setembro de 1974:

JAMES CALLAGHAN

Ministro dos Negócios Estrangeiros, completa 64 anos na próxima semana. É figura marcante do Partido Trabalhista desde a sua entrada no Parlamento em 1945 como representante da circunscrição de Cardiff (País de Gales), é considerado um moderado chegado a Wilson. É actualmente o favorito.

DENIS HEALEY

Tem 58 anos. Chanceler do Tesouro, exerce altas responsabilidades no seio do grupo parlamentar trabalhista desde 1959. Foi ministro da Defesa deputado de Leeds (norte da Inglaterra) desde 1952. É considerado um moderado.

ROY JENKINS

Tem 55 anos. Ministro do Interior, mais à direita do que Healey e Callaghan e pró-europeu convicto, circunstância que poderá constituir um «handicap» num partido que se pronunciou a favor do Mercado Comum com grandes reticências. «Leader» adjunto do partido de 1970 a 1972.

ANTONY CROSSLAND

Tem 57 anos e é ministro do Meio-Ambiente. Exerceu funções governamentais em todos os Governos de Wilson, em domínios tão diversos como a Economia (1964), a Educação e a Ciência (1964-1967) e a descentralização e o Planeamento Regional (1969).

MICHAEL FOOT

Tem 62 anos. Pasta do Emprego. Membro eminente do grupo «Tribuna», a extrema-esquerda do partido. Só exerce responsabilidades governamentais desde Março de 1974.

WEDGWOOD BENN

Tem 50 anos. É a «estrela» da esquerda trabalhista. Adversário da entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum. Renunciou ao seu título de nobreza (visconde de Stansgate). Ministro da Tecnologia (de 1966 a 1970) e ministro da Indústria a partir de Março de 1974. Foi «retrogrado» para o posto de ministro da Energia por Wilson em 1975.

car surpreendido pelo facto de Wilson pretender resignar».

QUATRO RAZÕES PARA A DEMISSÃO

Wilson forneceu quatro razões para se demitir, num comunicado oficial difundido pelo n.º da Downing Street.

«Fui dirigente deste partido durante mais de treze anos estimulantes e turbulentos, oito dos quais no Governo» declara em primeiro lugar — «e o meu período de primeiro-ministro durou mais tempo do que o período de qualquer dos meus predecessores em tempos de paz».

O primeiro-ministro dá depois como segunda razão o seu «dever para com o país e para com o partido, de não ocupar esta função de modo a impedir outros de se candidatarem à eleição para este posto».

A terceira razão da minha demissão — acrescenta Wilson — «é a minha convicção de que o meu sucessor deverá assumir as suas funções agora, de maneira a impor o seu estilo e elaborar a sua estratégia para os anos que medeiam até às próximas eleições».

«Estou certo», diz ainda Wilson «de que a nova administração revelará a mesma vontade e a mesma vocação na defesa da nossa política contra a inflação».

O primeiro-ministro demissionário dá depois como quarta razão a necessidade de se recorrer a um homem com uma óptica nova, «nos tempos de mudança rápida».

«Insisto, que fique absolutamente claro, com a concordância de todos os meus parceiros do gabinete, que estas razões representam a explicação total da minha decisão».



O trabalhista Harold Wilson que se demite do cargo de primeiro-ministro e a conservadora Margaret Thatcher, que pede eleições gerais

Segundo Washington:

Desanuviamiento em perigo por causa de Angola

WASHINGTON, 17 (R.) — A administração Ford indicou que a «detente» está em perigo ao adiar três reuniões da comissão conjunta soviético-americana sobre alojamento energia e comércio devido ao envolvimento soviético em Angola.

Conversações sobre a aquisição americana de 200 000 barris de petróleo por dia à União Soviética também se frustraram ontem numa disputa sobre taxas de frete.

Embora oficialmente não relacionados, os dois acontecimentos sublinham a determinação do presidente Ford de tornar a «detente», uma palavra que recentemente retirou do vocabulário oficial, um processo de dois sentidos.

«Acções como as da União Soviética em Angola têm as suas punições», declarou aos jornalistas um informador do Departamento de Estado quando anunciou ontem os adiamentos.

A decisão de adiar as reuniões foi tomada porque «em face da situação em Angola, pensamos que não podíamos conduzir as nossas negociações com a União Soviética como habitualmente», disse o informador.

O secretário de Estado Henry Kissinger, ao comparecer perante a Comissão de Relações Externas do Senado, não fez qualquer referência aos adiamentos.

Disse que os Estados Unidos resistiriam ao «aventurismo soviético» mas «devemos manter aberta a possibilidade de relações mais construtivas». Estamos dispostos a manter a perspectiva de uma crescente cooperação bilateral nos sectores económico, técnico e outros para dar a ambas as partes um crescente papel em relações políticas positivas».

Kissinger, que a semana passada avisou que a «detente» não podia suportar mais Angolas, disse esperar que um novo acordo de limitação de armas estratégicas pudesse ser elaborado numa base de estrita reciprocidade.

A escolha das palavras «estricta reciprocidade» parecia identificar a política que a administração Ford deseja adoptar nas suas relações com Moscovo.

lutando pela nomeação presidencial republicana, Ford tem sido criticado pelo seu rival Ronald Reagan e por eminentes adversários democráticos por actuar com demasiada brandura nas relações soviético-americanas.

Entretanto, o presidente declarou a noite passada que tinha conquistado uma «grande vitória» sobre Ronald Reagan na eleição primária de ontem no Illinois e classificou-a como um verdadeiro êxito na sua luta pela nomeação presidencial republicana.

Polyansky substituído

MOSCOVO, 17 (R.) — Dmitry Polyansky, outrora considerado como possível futuro primeiro-ministro soviético, foi substituído no cargo de ministro da Agricultura, após ter sido afastado do Politburo.

A agência noticiosa oficial Tass anunciou que o novo ministro da Agricultura e Valentin Mesyats, figura pouco conhecida, que anteriormente ocupou o posto de segundo secretário do Partido Comunista da República do Cazaquistão na Ásia Austral.

O dólar fortalecido em detrimento da libra

LONDRES, 17 (ANOP) — A inesperada declaração de que o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, tencionava demitir-se assim que for designado o seu sucessor como secretário-geral do Partido Trabalhista britânico, contribuiu para fortalecer o dólar norte-americano em detrimento da libra inglesa moeda que se encontra bastante debilitada.

Assim a libra esterlina foi cotada em 1.9150 dólares contra 1.9230 apenas 24 horas antes.

Os corretores do mercado de câmbios revelaram que a actividade no sector se tornou «caótica» na sequência das declarações de Wilson.

Esta queda ocorreu não obstante a intervenção de apoio à libra, efectuada pelo Banco de Inglaterra.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES

da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIAS

Secção do CPES e ES

1) Plenário — concurso de efectivos

Convocam-se os professores sindicalizados das escolas do CPES e ES dos distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal para o plenário a efectuar sábado, dia 20 de Março, às 21.30 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico em Lisboa, para continuação do debate e definição da posição sobre os concursos de efectivos.

2) Assembleia de Delegados — horas extraordinárias e outras questões constantes nas circulares n.ºs 78/76 e 79/76 enviadas às escolas do CPES e ES da Grande Lisboa.

A CDP informa que a resposta da Secretaria de Estado da Administração Escolar sobre o pagamento das horas extraordinárias foi a seguinte: «Aguarda-se o parecer da Direcção-Geral da Função Pública sobre a questão do pagamento de horas extraordinárias a docentes».

Na sequência do conteúdo da circular n.º 78/76 referida, a CDP convoca os delegados sindicais dos NSB do CPES e ES dos distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal para uma assembleia de delegados a realizar no dia 22 de Março pelas 21.00 horas, na Escola Preparatória Manuel da Maia.

A COMISSÃO DIRECTIVA
Secção do CPES e ES

Espectáculos

"O Grande Cidadão" (de Virgílio Martinho) enfrenta esta noite o público

Grupo de Teatro de Campolide: esta noite às 21 e 30, estreia da peça "O Grande Cidadão" de Virgílio Martinho. Tratando-se da segunda peça inédita daquele escritor e dramaturgo, a ser levada à cena pelo grupo de teatro "Campolide", este grupo de teatro apresenta uma recente adaptação da obra de Virgílio Martinho, feita a partir de um romance seu com o mesmo título. A peça, que coloca o problema da degenerescência humana do fascismo e do carácter humanista da resistência que lhe é oposta, é na actualidade uma fábula de aviso e prevenção contra malefícios que nos podem voltar a afectar. Actores: Carlos Alberto, Eduardo Brasão, Fernando Cardoso, Fernando Louro, Herminio Fernandes, Isabel Bahia, João Lourival, José Balé, José Barata, Manuel de Brito, Manuel Pinheiro, Maria Dulce, Maria Henriqueta, Pedro Artur, Teresa Gafeira e Vítor Marques. A direcção musical é de Carlos Paredes, as máscaras de Teresa Dias Coelho, os figurinos e cenários de José Froufe. Encenador: Joaquim Benite.



Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

Podemos considerar, este ano, teatralmente falando, como o ano Brecht. O Grupo Seiva Trupe, do Porto, com "Luz nas Trevas"; o Centro Cultural de Évora, com "O Sr. Puntilla e o Seu Criado Matti"; a Cooperativa de Comediantes Rafael d'Oliveira, com "A Mãe"; o Grupo 4, com "O Circulo de Giz Caucasiano"; o Teatro Experimental de Cascais, com a "Ópera de Três Vinténs" (os dois últimos a estrear em breve) são a prova do que afirmamos.

Além disso, na sequência da Semana de Bertolt Brecht, organizada em Setembro passado por iniciativa da Associação Portugal RDA, e integrada na Semana da RDA, vai realizar-se de 20 a 25 do corrente, num "auditorium" da Fundação Gulbenkian, na sede da Sociedade Portuguesa de Autores e no Teatro da Trindade, um seminário sobre a obra de Bertolt Brecht. O seu orientador será Werner Hecht que trabalhou durante muitos anos com o dramaturgo alemão e é neste momento director do Instituto Brecht fundado no ano passado em Berlim Leste.

O seminário obedecerá ao seguinte esquema:

1.º — O trabalho de Brecht no Berliner Ensemble; infor-

mações sobre os princípios seguidos por Brecht no teatro entre 1949 e 1956.

2.º — O arranjar de cenas, segundo as exigências de Brecht; o «arranjo narrativo» do palco. Teorias de Brecht. (Será apresentada uma cena de "A Mãe", sendo exibido o filme.

3.º — O pormenor realista; discussão do «pormenor realista». Projecto do filme "A Mãe Coragem e os Seus Filhos". Discussão de uma cena para debate dos pormenores realistas que a intérprete emprega para tornar clara a situação.

4.º — O realismo nas canções de Brecht; exercícios práticos com actores sobre quatro canções da "Ópera de Três Vinténs".

5.º — O significado político do teatro de Brecht; apreciação crítica dos temas apresentados. Discussão sobre as experiências dos vários grupos que já representaram Brecht. Discussão do tema — como apresentar Brecht, aqui e agora?

Além destes debates, em que participarão apenas profissionais do teatro, haverá no dia 25, no Teatro da Trindade e com início às 16 horas, um recital público pela cantora e actriz de Brecht Sonja Keller, se-

guido de debate. A entrada será livre.

Para este seminário estava prevista a participação de quarenta pessoas, entre actores, encenadores, autores e críticos. No entanto, dado o interesse manifestado pela nossa gente de teatro foi necessário elevar esse número para o dobro, e podemos dizer que outros tantos não terão acesso ao seminário.

Não podemos deixar de nos congratular com esta participação entusiástica dos profissionais do teatro (as sessões iniciam-se às 9 horas da manhã) e, por isso, queremos alertar as entidades competentes (Secretaria da Cultura, Gulbenkian) para a necessidade de repetir este seminário. Mais ainda impõe-se fazer com regularidade seminários deste tipo (não só dedicados a Brecht, claro, porque é necessário estudar a obra e a teoria de Stanislavski, de Meyerhold e dos soviéticos dos anos 20, de Piscator e dos expressionistas alemães, de Artaud, de Grotowski, do teatro social norte-americano, etc.). E fazer esses seminários não apenas em Lisboa mas também noutros pontos do País. Estivemos quarenta anos separados de tudo. É tempo de começarmos a aprender e a debater tudo.

OS ENCANTOS DE MEDEIA

António José da Silva, o judeu, que morreu na fogueira ateadada pelo obscurantismo português da época dos jesuítas, é o autor da peça "Os Encantos de Medeia", que o Grupo de Trabalhadores de Teatro da Casa da Comédia tem em cena.

A peça, encenada por Norberto Barroca, é apresentada todas as noites de terça a

sábado, às 21.30 h. e aos domingos às 21.30 h. As segundas-feiras é dia de descanso da companhia.

EXPOSIÇÃO NA ESBAL

Uma exposição sobre «restauro de monumentos na Roménia» encontra-se aberta ao público na galeria da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:

Titulo original: Sbatti il mostro in prima pagina
Realização: Marco Bellocchio
Itália/França 1972
Argumento: Marco Bellocchio
Guião: Fofi sobre um argumento original de Sergio Donati

Fotografia: (Eastmancolor) Ugo e Roberto Verrini

Montagem: Ruggero Mastroloni

Música: Ennio Morricone

Som: Tonino Testa

Interpretação: Gian Maria Volonté, R. Bizzanti, Laura Betti, Rita Zingales, e Le. Stecco
dono do jornal "Corriere", a mulher de Bizzanti: Carla
Maria Boni, F. F. F.

Distribuição em Portugal: ...

Cinema Nacional
Classificação: Não classificado
Idade: 15 anos
Duração: 90 minutos

Introduzir Bellocchio em Portugal através de "O monstro na primeira página" não é o melhor que se poderia desejar. Primeiro, porque este não é um filme totalmente imputável a aquele realizador (os curiosos poderão, a este respeito, documentar-se na entrevista publicada em "Ecran 73", n.º 12 de Fevereiro daquele ano), depois porque, ao que consta, o seu nome não cresceu propriamente à custa de filmes «políticos», voga desgostosa de uma dita esquerda cinematográfica italiana.

O monstro na primeira página é mais um exemplo dessa euforia, pelos vistos rendível em termos de crítica. Quer

"O monstro na primeira página" de Marco Bellocchio



A imprensa numa (falsa) primeira página do cinema

isto dizer que é ainda uma obra orde o fenómeno político, os ataques do sistema, são tratados numa óptica de excessos desse sistema e iamais como algo que a ele é intrínseco. Antes de tudo este filme é totalmente construído na esteira (americana) do «sofrível» policial e é a partir daí que se prende o público ao écran. «Quem é o assassínio?» é queiramos ou não, a pergunta que conduz o fio do discurso.

O mundo é dividido, subitamente, em dois campos: os honestos e os desonestos. Estes personificados num director de jornal que manipula a opinião (crime este, portanto, não ser «isento»), aqueles um jornalista em busca da verdade para

bem informar os leitores. A este maniqueísmo clássico que enquadra o filme um só personagem escapa e, talvez por isso, o mais interessante, Rita Zingales, a que não é certamente estranho o facto de ser Laura Betti a sua interprete.

Sabemos para que serve este esquema filmico, cem vezes visto e denunciado: para ocultar o fundamental. Para dizer, no fundo, que a tragédia do sistema é não serem os honestos a estar no Poder. E que se, um dia, os «bons cidadãos» a ele ascenderem tudo se modificará. Discutir o que é isso de informação isenta, o que é isso de honestidade e desonestidade, atingir o cerne essencial da sociedade, tal está mui-

to longe dos propósitos desta obra, deste cinema.

O que, finalmente, acaba por ser mais uma profissão de fé nos fundamentos da sociedade em que vivemos, na democracia burguesa. E, ainda, um apaziguamento de uma certa má consciência que, do autor ao público, se sente com este filme um pouco mais sossegada.

«A violência destrói-se com a democracia» lê-se num cartaz algures no gabinete do patrão neofascista do jornal. Este filme, ao que parece, dá-lhe inteira razão. Junta ao vocabulário «democracia», talvez, o adjectivo «verdadeira». O que, de facto, não altera um milímetro o essencial.

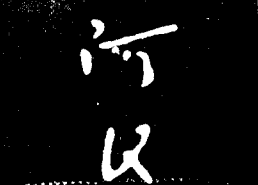
teatro do bairro alto

Inte Raul Cascais
1.ª A (ao Rato)
Tel. 661515

Bilhetes a venda
Proibida a entrada após
início do espectáculo



Teatro da Comédia



[Ah Kiu]
tragedia chinesa
baseada em Lu Sun
de
B. Chartroux
e
J. Jourdeuil
3.ª e 4.ª noites, às 21.15
domingo, só às 18.00h.
(Não acons. a men de 13 anos)
Bilhet. abre às 17.00h.

MARIA VITÓRIA

Todos
os
dias
2
sessões

(Não aconselhável
a menores de 18
anos) 20.30
e 22.45

A PLURAL REVISTA
DO POVO PARA O
POVO

FORÇA, FORÇA,
CAMARADA ZÉ!

SAVEDOR

HENRIQUE SANTANA
VITOR MENDES
CARLOS GONÇALVES

A fonte de um grande
elenco e de um corpo de
baile internacional

Atracção nacional.
CIDÁLIA MOREIRA

Aos Domingos e Feriados:
«Matinês» às 16 h.
2.ª feiras:

Descanso da Companhia

Aos Sábados:
TEATRO INFANTIL
às 16 h. (para todos)

«O PRÍNCIPE DAS
ORELHAS DE BURRO»
Entradas a 10\$00, 15\$00
e 20\$00 (só!)

Canal da Crítica

AMIGOS DA DEMOCRACIA OU AMIGOS DA ONÇA?

«Portugal e a Europa» foi título de programa ao serão. Europa, conforme vimos, era a Espanha, a Itália, a França, a Alemanha Federal e a Bélgica, a Noruega e ainda o secretário da Segunda Internacional Socialista que deve ter saído do museu da História para vir ao Porto.

Trata-se, como se vê, de um certo tipo de Europa. Europa do capitalismo avançado, em certos casos, de uma Europa dominada pelo capitalismo ainda ou submetida ao fascismo, noutros casos. Claro que ha outra Europa — aquela que se libertou do capitalismo, aquela onde os trabalhadores já são senhores do seu destino. Essa não esteve no Porto. Dessa não se falou na Televisão.

A nota dominante destes depoimentos consistiu na idealização de um Partido Socialista como representando a própria alma, a própria essência da democracia. Também não faltaram os ataques ao comunismo. Claro que longe de mim insinuar qualquer ingerência na vida política nacional. Longe de mim insinuar que as afirmações dos chefes «socialistas» europeus, praticamente dentro da campanha eleitoral, possam querer dizer apenas isto: o caminho para o auxílio dos países europeus passa pela vitória do Partido Socialista. Longe de mim insinuar que a direcção do Partido Socialista se presta a esse jogo com os países do capitalismo avançado, com os países do imperialismo. Credo, longe de mim. Os suecos, os alemães, etc., vieram aqui apenas atraídos pela fama do vinho do Porto e desejosos de ajudar a democracia que tal néctar produz.

Foi isso e nada mais. A solidiedade justifica-se.

AMIZADE COM O VENENO DE FORA

Apenas como material informativo, vou transcrever afirmações de alguns intervenientes na mesa-redonda.

Disse o italiano Martino: *Pensamos que é necessário dar todo o apoio às forças democráticas e em particular aos socialistas que são as forças progressistas do novo Portugal.*

Disse o secretário-geral da Segunda Internacional Socialista: *Nunca houve até agora um grupo de tão importantes chefes socialistas que dedicassem tanto tempo e energia para agir em favor de um partido socialista. Mas também nos deram Portugal e o Partido Socialista com Mário Soares a dirigir-lo nova inspiração, novas*

esperanças e nova confiança no futuro do socialismo democrático, socialismo democrático que é esperança não apenas do povo de Portugal e dos países que temos a honra de representar, mas de todas as nações que desejam viver em paz, fora do capitalismo e do comunismo.

Por sua vez, Willy Brandt: *Nós sentimos que um perigo muito sério podia desenvolver-se o perigo de Portugal voltar a uma nova ditadura embora com uma cor diferente.*

Teria sido um perigo muito sério para a Europa, poderia ter destruído as oportunidades de cooperação para encontrar uma evolução pacífica e nós pensamos que foi muito importante que o povo português fosse capaz de caminhar para um desenvolvimento responsável com vista à estabilização da democracia.

Fim de citação. Reparemos na simpatia destas nações, mergulhadas em plena crise, desejosas de ajudar a nossa jovem democracia. Na terra deles, aumenta o desemprego, cresce a inflação; baixa, em valores que vão de 5 a 12 por cento, a sua produção industrial; e apesar disso, querem ajudar-nos! Com mil diabos, se a social-democracia não resolve os problemas deles, como há-de resolver os nossos? A Inglaterra, ajuda-nos denunciando ajudados contratos comerciais. A Alemanha, faz empréstimos com hipoteca de ouro. Uma intoxicação tenebrosa, nesses países, prejudicou gravemente os interesses do nosso país. Assim são os «amigos».

...Amigos da democracia ou amigos da onça?

POIS, A PROPÓSITO DE PAÍSES «AMIGOS»

Paulo Jorge, adjunto do ministro das Relações Exteriores da República Popular de Angola, deu uma breve entrevista ao *Telejornal*. Justificava-se uma conversa mais demorada não só pelos assuntos importantes, como também Paulo Jorge e um político que fala para ser ouvido pelos outros — ao contrário de tantos e tantos políticos nossos conhecidos cá do burgo que falam para se ouvirem a si próprios. Ah, é um prazer ouvir pessoas que têm alguma coisa para dizer...

Como não podia deixar de ser, o atraso no reconhecimento pelo VI Governo Provisório da República Popular de Angola veio ao de cima. Paulo Jorge não deixou de reconhecer que se tratava de uma questão interna do nosso país, a braços com certas dificuldades: *Mas não deixou de ser surpreendente verificar que países houvesse, ou partidos que exerceram uma pressão clara, nítida sobre o Governo português e viessem esses países, certas potências imperialistas que fizeram essa pressão viessem a reconhecer primeiro que Portugal...*

Já cá se sabia. Mas sempre é bom ouvir a confirmação de fonte tão autorizada.

ESQUERDA TRAVESTI

A certa altura da entrevista, o repórter trouxe à baila a «in-

tervenção, soviético-cubana». Fê-lo, porém, de maneira assaz curiosa.

Forças da direita, disse ele, empenhavam-se em dizer que o Governo angolano, o M. P. L. A., Angola estavam nas mãos dos soviéticos e cubanos.

Até aqui, esta certo ou quase. Aquela expressão «forças da direita» é um eufemismo de água-de-rosas. Mas enfim...

Por outro lado acrescenta o repórter *há críticas da Esquerda, e essas merecem algum respeito, que...etc, etc...*

Ou seja: as forças de «esquerda» que «merecem algum respeito, estão de acordo, no essencial, com as forças reacionárias. Como é que, nesse caso, o repórter lhes reconhece carácter de esquerda? E se tais forças fomentam a intriga e a intoxicação como modo de vida política, onde diabo está o tal «respeito que merecem?»

Malabarismos... Será bom, já agora, registar, breve passagem da resposta clara de Paulo Jorge: *Quando as forças regulares da África do Sul invadiram Angola, em nítida violação da soberania nacional, em convívência com grupos fantoches — nenhuma dessas forças se pronunciou, ninguém se preocupou, porque essa invasão visava unicamente aniquilar o M. P. L. A., aniquilar a independência de Angola.*

Ja agora foi pena o repórter não dizer o nome das tais forças. Ao menos para ficarmos a saber a habilidade com que a direita sabe travestir-se de «esquerda»...

Hoje



Futebol: Bayern-Benfica

I PROGRAMA

- 18.45 Abertura e «David» série filmada.
- 19.15 Vamos Jogar no Totobola prognósticos para o próximo concurso
- 19.25 Telejornal 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro.
- 19.55 Reportagem do Exterior Futebol Bayern-Benfica.
- 21.45 Noite de Cinema «Encantamento» um filme de grande metragem produzido em 1949, com David Niven, Tereza Wright, Farley Granger e Evelyn Keyes. Realização de Irving Reis.
- 23.30 Telejornal 3.ª edição
- 23.45 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e «Lua de Papel» série filmada.
- 20.25 Ver antinazismo retrospectiva de fotomontagens de John Heartfield. Coordenação e apresentação de João Rocha de Sousa. Autoria e realização de Jose Elyseu.
- 20.55 «Pesquisa» série filmada o episódio de hoje: «Perseguição».
- 21.55 Expedição
- 22.25 Telejornal em diferido a edição transmitida no I Programa as 19 e 25.
- 22.55 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período 13.15: Abertura e Telejornal 1.ª edição. 13.30: «O Golfinho Branco» série filmada. 14.00: Logo a Noite cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto e da TV. 14.10: Língua Portuguesa (1.º ano). 14.35: Matemática (2.º ano). 15.00: Francês (1.º ano). 15.25: Ciências da Natureza (2.º ano). 15.50: Educação visual (1.º ano). 17.10: Matemática (1.º ano). 17.35: Língua Portuguesa (2.º ano). 18.00: Trabalhos Manuais (1.º ano). 18.25: Francês (2.º ano). 2.º Período 19.00: Abertura e festival de coros juvenis de Celje, Jugoslávia. 19.35: «A Flecha Negra» série filmada, baseada na conhecida obra literária de Robert Louis Stevenson. 20.00: TV Palco actualidades teatrais, por Igrejas Caetano. 20.30: Telejornal 2.ª edição noticiário do País e do estrangeiro. 21.05: Momento Político 21.40: Tema e Variações um programa por António Vitorino de Almeida. 22.10: «Os Thibault» série realizada para a Televisão francesa por André Michel e Alain Boudet e inspirada na famosa obra com o mesmo título da autoria de Roger Martin du Gard. Prémio Nobel da Literatura. 22.55: Telejornal 3.ª edição. 23.10: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e «O Golfinho Branco». 20.30: Festival Prémio Itália «Dias e Noites da Comunidade Portuguesa». 22.00: Telejornal 22.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

directo!

LISBOA → PARIS
PORTO → PARIS

- SEM TRANSBORDO NO COMBOIO SUD-EXPRESS
- CARRUAGENS-BELICHES DE 2ª CLASSE COM EIXOS INTERMUTÁVEIS
- MAIOR COMODIDADE
- SUPLEMENTO MODICO
- INFORME-SE NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS OU NA C.P.

SNCF CAMINHOS DE FERRO FRANCESES
Av. José Antonio, 57 - Tel 2472020 - MADRID

COMUNA
Teatro de Pesquisa

NOVO HORÁRIO
Às 5.ª, 6.ª e SÁBADOS
ÀS 21.30

FOGO!

Domingos — Só às 18 h.

PRAÇA DE ESPANHA
METRO - PALHAVA
Tel. 762624

— ÚLTIMAS —
SEMANAS

FAÇA COMO NÓS

EXTERNATO CONTINENTAL

CONSULTE RUA DO ARSENAL, 100, 1.º — T. 364272 — LISBOA

E TIRE UM CURSO DE DACTILOGRAFIA OU MECANOGRÁFIA EM SISTEMA IBM E UNIVAC. AUTORIZADOS PELO MEC. EM REGIME DE CO-EDUCAÇÃO. INÍCIO DOS CURSOS, 19 DE MARÇO, AS INSCRIÇÕES SÃO LIMITADAS

Desporto

Benfica não receia Munique

Os dados estão na mesa e Bayern não deve ganhar

MUNIQUE. 17 — E hoje (às 20 horas) a poucas horas do primeiro pontapé na bola no Estádio Olímpico permanece a incógnita: ganha ou não a dúvida. Quem vencerá o encontro? Quem perderá o «combóio europeu» ou em termos futebolísticos de importância, quem ficará pelo caminho esbarrando assim acenos de chorados contratos? A porta estão as meias-finais da mais almejada prova europeia de clubes, objectivo que não parece preocupar o técnico Wilson. O treinador do Benfica, alias, tem sido prodigioso na forma como contorna todos os «trunfos psicológicos» do adversário, e ainda ontem, ao enviado especial do «DL», afirmava muito a sério detestar a balança, a «intriga» Foreman-Clay.

Calculista como Wilson, talvez mais expansivo, Dieter Cramer, o seu homólogo do Bayern, também não lança foguetes, e ainda ontem, em reunião com alguns dos jornalistas portugueses, foi peremptório ao afirmar que é a dúvida que domina este «match», e que tanto o Benfica como a sua equipa, que lhe parecem muito iguais, podem triunfar.

Esta e outras declarações foram feitas após o treino do Bayern (o seu último apronto) no Estádio Olímpico, por onde os encarnados também passaram, para constatar que a iluminação era excelente e a relva estava pelas «ruas da amargura».

Em função do referido apronto a que Mário Wilson assistiu, os encarnados descerão ao terreno com uma formação diferente da que inicialmente era mais ou menos conhecida, jogando com dois homens em «cunha» (Nené e Jordão), quatro centrocampistas (Toni, Vitor Martins, Vitor Baptista e Shéu), enquanto na retaguarda alinhará Bastos Lopes, a lateral esquerdo, Artur do lado direito, e Messias e Barros na faixa central defensiva. Vê-se, portanto, que Wilson rodeará

este embate das maiores cautelas nos primeiros minutos sem esquecer que terá V. Baptista para uma emergência ou necessidade atacante. Toni e

que não nos parece gratuito se se pode inserir num conjunto de «choques» alemães destinados a cortar o moral encarnado: faziam parte do espectáculo

ragens, ao que se afirma, a procura «de mercados de inverno», turisticamente, está claro.

ANSIEDADE E EXPECTATIVA

De negócio em negócio souhamos também que o Benfica e o Sporting se tornarão «matrimonialmente» proprietários de imóveis para alugar, passando a construir prédios nos terrenos que lhes pertencem. Garantiram-nos que o objectivo não era o de fazer flutuar esta «negociata» que para muitos tem sido a habitação e sua imprescindível especulação (mesmo nos IV e V Governos provisórios), e que os empreendimentos a levar a cabo se inserirão em planos mais sociais das duas equipas.

Parece ser ponto assente que Barros não sairá do Benfica, com quem revalidou por três épocas. Isto, não esqueçamos, apesar de ter assumido um compromisso verbal com o Boavista, o que também foi negociado. Os resultados estão à vista. Igualmente assente parece estar a presença, neste encontro, de António Garrido, que ontem, em Francoforte, actuou brilhantemente no jogo que a equipa local, o Eintracht, efectuou contra o Stuttgart (Estugarda). Garrido já prometeu à caravana que aqui se encontra que chegará esta tarde para ver o Benfica.

E pouco mais há para dizer deste «match», rodeado por enorme expectativa e ansiedade, quase já no seu ponto rubro, com encarnados e os futebolistas de «München» em bom momento, e estes, segundo os seus prosélitos, preparados para ganhar pela terceira vez consecutiva a Taça dos Campeões Europeus (ganhou as duas edições anteriores derrotando o At. Madrid, em Bruxelas, e o Estrela Vermelha), e garantir a aparente superioridade de que disfruta o «association» germânico na Europa.

Por NEVES DE SOUSA
(nosso enviado especial)

V. Martins para «cuidarem da casa» no meio do campo, Shéu para o choque e a resistência, e, o que também nos parece de salientar Bastos Lopes para se adiantar quando Andersson (que parece substituir Dunberger, ligeiramente tocado num tornozelo) flectir para dentro das quatro linhas em direcção a Muller, equilibrando, assim, um eventual atrevimento ofensivo de Baptista.

«GUERRA PSICOLÓGICA»

Em entrevista dada ao «Bild Munchen», que fazia uma chamada na sua primeira página para as declarações do técnico português, Mário Wilson afirmava que o «Kaiser» era incapaz de lhe roubar o sono, enquanto Dieter Cramer, que nos pareceu excessivamente preocupado com este Benfica, apontava Toni, Vitor Martins, Nené e Jordão como «excelentes futebolistas», e capazes em qualquer momento, de individual ou colectivamente resolverem um «desafio transcendente». Toni vai avisando que «nada está perdido com o empate da Luz, bem pelo contrário», e ao enviado do «DL» confessou as suas esperanças num empate com golos, o que sobriaria para o Benfica passar à fase posterior.

Aos receios de Cramer ripostou Vitor Martins muito surpreendido com as afirmações do técnico do Bayern, e preocupado (?) com a possível mordida que Dieter lhe trame por forma a «contestar-lhe» o rendimento. Este e outro lance,

psicológico e publicitário que este gerou, e que poderá ter o seu termo, se tudo marchar como se prevê deseja, logo, as 22 horas.

E assim e por isso que se fala de Jordão, que estaria na agenda do Bayern, da esquisita bronquite (simulada) de Beckenbauer, que alinhará durante todo o encontro de hoje à noite, da dúvida entre Dunberger e Andersson (um sueco com muita imaginação que joga na ala-direita do ataque bávaro), e de uma «bolsa de transferências» em que Toni terá recebido duas propostas internacionais muito mais sedutoras que a do Red Star. Desconhecemos qual possa ser a decisão que o centro campista Mogofores possa tomar, mas podemos, isso sim, adiantar que três dos chutadores do Benfica (V. Martins, Nené e Jordão) se encontram muito perto de revalidar o contrato com o clube. Se assim acontecer os três «tocarão» mensalmente em 270 pacotes, que é quanto rendem os «bons ofícios» de Martins, o negociante em questão e representante dos seus dois colegas nestas «campanhas de aquisição de fundos».

E já que estamos a referir-mo-nos a pessoas importantes (o «pastel» dá confiança e importância às pessoas), vai já uma: o embaixador português em Bona recusou o convite que os dirigentes encarnados lhe dirigiram para assistir ao encontro. Razão: tinha que ir esperar Jorge Campinos, que se encontra nestas pa-



O presidente do Benfica, dr. Borges Coutinho, conversa com o nosso enviado-especial

Receita: 13 mil contos

O Bayern de Munique é incontestavelmente um clube rico. Nem é propriamente pelo facto de hoje arrecadar cerca de um milhão e 110 mil marcos (qualquer coisa como 13 mil contos) com os cerca de 85 mil adeptos do couro que presenciarão a partida. É um clube rico por esta e outras razões.

De acordo com declarações feitas pela gerência do clube aos representantes dos órgãos especializados

em assuntos desportivos que não se recusam a fazer luz sobre a economia dos clubes, a equipa tem depositada num dos mais importantes bancos da RFA, algo que se aproxima dos 17 milhões de marcos.

Mas isto tem outros aspectos: o desenvolvimento das reivindicações, a luta que cada um e todos estabelecem para ver subir a sua maquia mensal.

N. D. S.

Portugal

SANTA IRIA

É em 21 do corrente que em Santa Iria de Azoia se efectuarão as provas de marcha anualmente promovidas pela AAL, e naquela freguesia em colaboração com a Comissão Dinamizadora de Desporto. Aquela comissão apela, porque pretende que a prova constitua um sucesso a atletas de outras bandas para não perderem esta extraordinária oportunidade de participar, conviver e fazer desporto.

São estas as provas: às 9 e 30, marcha para pré-infantis e infantis (para os dois sexos); meia hora depois, teremos em cena os iniciados e juvenis e, às 10 e 30, os seniores, às 15 e 30 teremos em liça seniores e veteranos.

CAPARICA

As CMs da Costa da Caparica decidiram incrementar a prática das actividades desportivas e criar um Conselho Desportivo de freguesia e um órgão coordenador do desporto local. Após o aparecimento deste corpo especializado, ia no decorrer de 75 foram varias as centenas de crianças que beneficiaram de salutar pratica desportiva, nomeadamente ginstica, mini-andebol, minifutebol, e minivoleibol.

Agora esta em questão o equipamento do pavilhão local, que esta mesmo a exigir ser coberto e adequado aos fins a que se destina, sobretudo o recinto, o que não invalida que o Conselho Desportivo tenha programado para 3 do próximo mês uma aliciante jornada desportiva, pensando fomentar, ainda, modalidades como o rãguebi, o badminton e o atletismo.

RÂGUEBI

Abertas, até ao fim do mês corrente, as inscrições para

frequência de um curso de aperfeiçoamento de árbitros de rãguebi, previsto para Vichy (França) entre 13 e 18 de Setembro.

CAMPISMO

O Clube de Campismo de Lisboa iniciou as suas actividades desportivas e de ar livre, inaugurando o acampamento de abertura no parque de Almornos.

FUNERAL

António Damas Santos era até ontem jogador da equipa junior do Torriense. Não o será mais, porque ontem, em consequência de um acidente de viação, perdeu a vida. António Damas Santos guiava a sua motoreta, e na curva do Souto dispistou-se para a morte. Tinha 19 anos e era uma promessa local no futebol. Efectua-se hoje o seu funeral.

Manoel era a "peça" Marcou dois golos contra o Estoril

Manoel (com o, pois claro), que vinha do Brasil credenciado como goleador e atacante que dá bem no couro, parece ter confirmado, pelo menos ontem e provisoriamente, os méritos que lhe eram atribuídos. Marcou dois golos em dois minutos (dos 44 aos 46), com o

intervalo a servir de instante retemperador. Ferro não teve «tenazes» e não logrou deter as suas duas intervenções. o que prova que Manoel é «madeira» que dá no (ou deu)... Ferro.

Alvalade teve muito público, para o dia de ontem, que

nem estava assim ameno interessado em verificar o que poderá valer Manoel, decerto igualmente interessado que não era nenhum produto de encomenda, daqueles que se fabricam com delicadeza e se despatcham numa mala norte-americana, o que há muito lá para o seu país. As pessoas que presenciaram o embate não devem ter dado por perdido todo o jogo, especialmente na metade complementar do bolo, que foi quando a partida teve instantes mais quentes.

Para estreia, numa noite que pecou (para Manoel) por ter sido menos tropical que um Paçambu ou um Maracanã em período normal, não esta nada mal, não senhor. E, pelo menos, teve uma (primeira) virtude: galvanizou os seus novos adeptos. Mas a sua actuação não foi espectacular, fulgurante. Temos para nos que esteve boa, razoável, e coroada com dois golos. Por isso o «brazuca» correspondeu a expectativa, porque o golito e a sua «especialidade». E os leoninos, adeptos do clube, precisam de muitos golos.

Manoel da bem na bola, sabe, de facto, acariciar a «menina», trata do couro com requintado gosto, demarca-se bem,

não recusa o choque, e é muito oportuno. Dá no «racha» (aparece no momento oportuno), demonstra engodo e agradece as palmas da «plateia». Não é um craque, mas mais ambientado poderá ser, sem favor, o complemento atacante do despojado Manuel Fernandes.

Sob a direcção de Santos Ruivo (Lisboa), as equipas que evoluíram perante as 10 mil almas de Alvalade formaram:

SPORTING Matos: Tome, Zezinho, Laranjeira (Quaresma) e Da Costa; Paulo Rocha (Barão), Valtier e Chico (Libanio); Vitor Gomes, Manoel e Pulhares (Garcês).

ESTORIL Ferro (Ruas), Vieira (Toze), João Carlos, Bira e Peixoto; Eurico, Nelson Reis (Jose Joao) e Simoes; Norberto, Clésio e Cepeda.

No intervalo do encontro o Sporting homenageou o seu atleta Carlos Lopes, recente vencedor do Cross das Nações. Diante da bancada principal aquele atleta seria delirantemente aplaudido, enquanto um sectionista leonino lia uma mensagem da direcção, informando que Lopes ia ser galardoado com o título de Sócio de Mérito Desportivo.

fora

ÂNDALO ESPANHA

Estalou ontem como uma bomba, um Espanha, um Espanha arbitral cujas dimensões e alcance estão por enquanto longe de se prognosticarem. Ignora-se a quantidade de vítimas que o evento possa provocar.

A suposta corrupção de alguns árbitros de futebol espanhol de categoria nacional (Primeira, Segunda e Terceira Divisões), está prestes a vir à baila uma vez que já foram feitas varias denúncias neste sentido, no Comité Nacional de Árbitros e na Federação Espanhola de Futebol.

No futebol espanhol, no qual estão envolvidos milhões, os pontos que as equipas disputam cada domingo, têm um va-

lor incalculável. Porém, até agora, não se dispunha de denúncias escritas e, por consequência, baseada em provas.

Entre as denúncias apresentadas, encontra-se a de Mariano Medina Iglesias, arbitro da Primeira Divisão, contra o seu companheiro António Camacho. Os feitos que Iglesias denuncia referem-se aos encontros que ele próprio arbitrou, em 1972 e 1973, entre Dezembro e Fevereiro daqueles anos (Burgos-Barcelona e Barcelona-Béti). Segundo afirmou, ao terminar o segundo dos ditos encontros, Iglesias recebeu a visita do director do Barcelona, o qual lhe perguntou se Camacho lhe tinha entregue um subscrito contendo 100 mil pesetas. Iglesias afirmou não saber nada a esse respeito!

Totobola nas ex-colónias

O Ministério dos Assuntos Sociais autoriza a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a celebrar acordos de cooperação com os organismos que em cada um dos novos países de expressão portuguesa, venham a ser criados ou designados para assegurar a continuação da exploração de concursos de apostas mútuas desportivas.

A autorização assumiu a forma legal do Decreto 603/75, e foi agora publicada em suplemento ao «Diário do Governo» n.º 251, de 29 de Outubro de 1975.

Vasco Gonçalves: um livro importante

Continuação da pág. 10

um homem transparente».

Por último, o seu entusiasmo, o calor que põe na expressão das suas ideias, a vida que lhes dá, patentemente convicto de que a facção por ele encabeçada é que encarna o espírito da revolução rumo ao socialismo. Daí que, nesse entusiasmo, até pareça, por vezes, um iluminado ou um eleito do carisma revolucionário.

Pois é principalmente isso — a simplicidade, a sinceridade e o entusiasmo —, tudo, junto em doses extremas, que faz de Vasco Gonçalves um caso à parte na nossa oratória política.

4. Em 29 de Agosto, na véspera de o Presidente da República anunciar a sua decisão de substituir Vasco Gonçalves, no cargo de Primeiro-Ministro, escreveu de França, sobre ele, Eduardo Lourenço (4):

«Não se pode negar ao actual Primeiro-Ministro nem coragem física, nem coragem moral, nem coerência política e ideológica. Os que substituíam o homem que é humanamente estimável ou os que negam coerência ao seu projecto político, mais não fazem que reforçar a estatura moral do primeiro e ampliar as «chances» de sobrevivência do segundo. De um homem vulnerável fazem um mito e de um projecto político, objectivamente desastroso e inaplicável à situação portuguesa actual, a única bandeira identificável ao mesmo tempo com a Revolução e a defesa intransigente da independência nacional.»

A verdade, porém, é que os factos acabaram por dar razão aos que temiam que o afastamento da facção Vasco Gonçalves viesse a implicar a própria derrota do projecto socialista, o abandono da via de transição para o socialismo.

O que parece, aliás, os adversários desse projecto bem sabiam, já que foram mestres no encarniçamento, no ódio e, tantas vezes, na falta de escrúpulos com que combateram Vasco Gonçalves.

O processo conheceu várias fases, algumas das quais não estão por agora suficientemente esclarecidas. Mas na primeira, que foi a formação do VI Governo, ainda Pinheiro de Azevedo, novo Primeiro-Ministro, pôde afirmar no acto de posse, em 19 de Setembro:

«Uma revolução socialista constrói-se, dia-a-dia, com a participação de todos os que se encontram num horizonte comum de liberdade, de dignidade humana, de justiça social.

«Como o senhor Presidente da República, também eu rejeito a social-democracia, como objectivo final da revolução.

«Pretendo incluir-me num esforço conjunto, num esforço conjunto, consciente e responsável, centrado na edificação da República Socialista Portuguesa.

«Defendemos a via do socialismo e da democracia pluralista, para atingirmos a sociedade socialista, o que exige uma clara e firme direcção política

«Admitimos partidos que defendam a social-democracia, com os quais consideramos ser necessário e útil colaborar, sem no entanto lhes permitir tomar a direcção política do processo revolucionário.

«Permitimos outros partidos capitalistas, definindo-os, desde já, como oposição ao socialismo que pretendemos, e não transigindo com acções contra-revolucionárias».

Como essas palavras estão perto no tempo caindo e longe no tempo vivido!

5. É por isso que este

livro surge na sua altura.

Uma revolução, já o escreveu David Caute (5), não pode ficar parada, tem de avançar ou recuar. Ora, em Agosto de 1975, reconhecia-se a necessidade não só de vencer a crise económica (e para isso a crise social, que resultava da falta de autoridade, de disciplina e de confiança) como de fazer uma pausa no processo revolucionário. Era preciso, porém, que tudo isso se traduzisse em avanço, e não em recuo. Assim o pensava Vasco Gonçalves, como largamente o documentam as páginas deste livro.

Afinal, foi o recuo que veio, e na própria ideologia. O projecto de democracia socialista, que remontava ao Programa do MFA, fora seguidamente consagrado no Plano de Acção Política, subsistira no Documento dos Nove e ainda estivera presente, atra-

vés das palavras de Pinheiro de Azevedo, no acto de posse do VI Governo, aparece agora substituído, a todos os níveis do Poder, pelo projecto de democracia formal. E o facto é que, entre os responsáveis por este novo curso, se contam militares e civis que são partidários da democracia socialista.

O livro de Vasco Gonçalves é publicado, pois, na altura em que o devia ser — na altura em que já se torna patente o erro que cometeram.

J.J. TEIXEIRA RIBEIRO

- (1) Vide, por todos, Julien Benda. *A grande epreuve des démocraties*. Nova Iorque, 1942, pags. 149 e segs.; Benda. *La démocratie*. Neuchâtel, 1944, pags. 96 e segs.
- (2) Sublinhado meu.
- (3) Estas ideias foram defendidas por Lenin desde os princípios do século, em *Que Fazer?* (1902) e *Um passo adiante, dois passos atrás* (1904), e então criticadas não só por alguns dos mais destacados socialistas russos (Plekhanov, Martov, Axelrod) como por Rosa Luxemburgo.
- (4) O *Camarada Vasco*, publicado no *Jornal Novo* de 4 de Setembro.
- (5) *La gauche en Europe depuis 1789*. Paris, 1966, pag. 172.

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL CONVOCATÓRIA TRABALHADORES DESEMPREGADOS DA APPLIED

A Comissão de trabalhadores da APPLIED convoca todos os trabalhadores desempregados para um Plenário no próximo dia 19 (sexta-feira), às 15 horas, na Cave da Igreja de Moscovide, com a seguinte

ORDEN DE TRABALHOS

- 1 — Marcação do dia para entrega do dinheiro oferecido pelos trabalhadores da Lisnave.
- 2 — Informações.

Não faltes!

A tua presença é necessária!

Lisboa, 15/3/76.

A COMISSÃO DE TRABALHADORES

SINDICATO DOS AJUDANTES DE FARMÁCIA DO SUL E ILHAS

Sede: Rua Almeida e Sousa, 21-23-Dt. — LISBOA - 3

Telefone 60 01 68/69

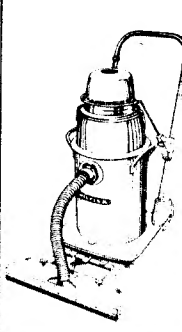
CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os filiados do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas, a reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, no próximo dia 20, sábado, pelas 21.30 horas, no Anfiteatro de Minas do Instituto Superior Técnico (com entrada pela Rua Rovisco Pais), em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

§ ÚNICO — Greve dos Ajudantes de Farmácia.

Lisboa, 15/3/76.

Pe'l'O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Custódio Pereira

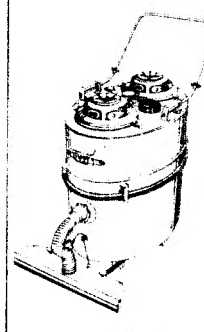
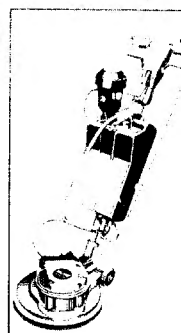


ASPIRADORES INDUSTRIAIS NILFISK

NA HIGIENE INDUSTRIAL E INSTITUCIONAL

- DAS INSTALAÇÕES
- DAS MAQUINAS
- DOS MOVEIS
- DOS PRODUTOS

UTILIZE NILFISK

NO ESTUDO DAS SOLUÇÕES

CONSULTE

NILFISK

ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.

LISBOA — R. FELIX CORREIA, 8 — TEL. 78 83 31/78 99 55
PORTO — RUA DA CONSTITUIÇÃO, 2371 — TEL. 69 34 23

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

FAUSTO DA SILVA MALVAR, AJUDANTE DESTE CARTÓRIO:

CERTIFICO

Para efeitos de publicação que por escritura de dezoito de Fevereiro do corrente ano, lavrada de folhas oitenta e três verso a oitenta e sete verso do livro de notas para escrituras diversas número E-sessenta deste Cartório, foi constituída uma associação denominada AEFA-ASSOCIAÇÃO DE ESPECTADORES DE FILMES ANIMATOGRÁFO, com sede nesta cidade, a qual se rege pelos estatutos constantes da fotocópia dos artigos seguintes.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, vinte de Fevereiro de mil novecentos e setenta e seis.

O Ajudante

Primeiro:

É constituída uma associação sem fins lucrativos denominada AEFA-ASSOCIAÇÃO DE ESPECTADORES DE FILMES ANIMATOGRÁFO, com o objectivo de utilizar culturalmente os filmes distribuídos por «Animatógrafo-Produção de Filmes, Limitada.»

Segundo

Esta associação cultural, de duração ilimitada, tem a sua sede Escadinhas da Achada, dez, primeiro, direito, em Lisboa, e deleg em todo o País.

Terceiro:

A AEFA tem como objectivos prioritários:

- a) Defender a criação de uma legislação com condições propícias à existência em Portugal de um cinema com interesse cultural;
- b) Promover a difusão dos filmes do Animatógrafo em todas as localidades e centros de trabalho do País;
- c) Organizar periodicamente sessões especiais destinadas aos associados com os filmes do Animatógrafo, sendo estes apresentados, pendemente da sua exibição comercial, nas salas de cinema da respectiva localidade;
- d) Promover a realização de debates, e elaboração de textos e a organização de outros trabalhos sobre os filmes a apresentar, procurando a sua efectiva utilização cultural;
- e) Desenvolver actividades complementares de natureza cinematográfica através de:
 - Primeiro: Edição de livros sobre cinema;
 - Segundo: Criação de uma biblioteca de empréstimo;
 - Terceiro: Cursos de iniciação ao cinema;
 - Quarto: Viagens de estudo cinematográficas;
- f) Adquirir ou alugar filmes para sua utilização e de outras associações culturais;
- g) Produzir filmes experimentais;
- h) Outras actividades culturais susceptíveis de interessar os seus associados.

Quarto:

A qualidade de sócio da AEFA obtém-se por simples inscrição do próprio, beneficiando o mesmo imediatamente de todas as regalias inerentes, ficando a sua admissão definitiva, no entanto, pendente da decisão da direcção. A falta de pagamento de quotas corresponde à perda provisória de direitos por parte do sócio, que se tornará na perda da sua qualidade de membro da Associação se o período de falta de pagamento for superior a três meses.

Quinto:

Há três categorias de sócios:

- sócios fundadores;
- sócios impulsionadores;
- sócios ordinários.

Os sócios fundadores são os que estão na origem da criação da AEFA e que têm, além das mesmas regalias dos sócios ordinários, o direito de nomear um elemento da direcção. Os sócios impulsionadores são aqueles que, para impulsionarem a existência da AEFA, aceitam pagar as suas quotas mensais adiantadamente no início de cada ano, tendo as mesmas regalias que os sócios ordinários. Os sócios ordinários são os que têm os deveres e regalias estabelecidas nestes estatutos.

Sexto:

A quota a pagar é mensal e será estabelecida pela direcção para cada ano civil, podendo variar em função da localidade, bairro ou fábrica.

Sétimo:

As deliberações dos sócios serão tomadas em Assembleia Geral, que se reunirá sempre que para tal seja convocada:

- a) pela Direcção;
- b) por metade dos sócios fundadores;
- c) por um quinto dos sócios ordinários.

Em cada ano, haverá uma assembleia geral, que se realizará até quinze de Abril, para apresentação e discussão do relatório de actividades e de contas do ano anterior e deliberação acerca da actividade futura.

De três em três anos terá lugar uma assembleia geral para eleição da direcção, que tomará posse no início do ano seguinte. As alterações aos estatutos só podem ser efectuadas por assembleias gerais convocadas especialmente para o efeito e os projectos de alteração deverão ser previamente enviados a todos os sócios e aprovados pelo Conselho Geral.

Oitavo:

Os trabalhos da assembleia geral serão dirigidos por uma mesa constituída por um Presidente e dois vogais eleitos pela Assembleia.

Nono:

A Direcção é constituída por cinco elementos escolhidos da seguinte forma:

- Dois eleitos pelos sócios ordinários entre si;
- Um eleito pelos sócios fundadores entre si;
- Dois eleitos pelos trabalhadores do Animatógrafo sócios da AEFA entre si.

Décimo:

Os membros da Direcção elegerão entre si os elementos que desempenharão as funções de Presidente, Secretário, Tesoureiro e Vogais.

Décimo primeiro:

As decisões da Direcção serão tomadas por maioria simples.

Décimo segundo:

Os cargos da Direcção não são pagos, mas podem ser atribuídos. Os membros da Direcção não recebem remunerações fixas ou variáveis, mas os membros da Direcção que não sejam sócios da AEFA terão direito de remuneração de tarefas que exercem para a AEFA.

Décimo terceiro:

Os filmes ou quaisquer outros meios materiais pertencentes a «Animatógrafo-Produção de Filmes, Limitada», que a AEFA venha a utilizar serão pagos a esta distribuidora nas melhores condições que forem possíveis à AEFA, de forma a que a actividade do Animatógrafo possa desenvolver-se.

Décimo quarto:

Em cada localidade, bairro ou fábrica onde houver sessões de cinema promovidas pela AEFA, constitui-se em redor de cada núcleo de exibição uma assembleia local.

Décimo quinto:

A Assembleia Local elegerá entre si um secretariado de três elementos, que estabelecerá com a Direcção os contactos que se revelarem necessários para o adequado prosseguimento das actividades locais da AEFA.

Décimo sexto:

O conjunto de todos os Secretariados de Assembleia Local constitui o Conselho Geral da AEFA, que aconselhará a Direcção nas suas decisões e será obrigatoriamente ouvido em projectos de alteração de estatutos.

Geral

Gabinete do Cunene

O decreto-lei que transfere para o Estado de Angola o Gabinete do Plano do Cunene foi publicado, em suplemento ao «Diário do Governo» 251, de 29 de Outubro de 1975.

O decreto, dimanado do Ministério da Cooperação, tem o n.º 602/75, e entrou já em vigor.

PEANUTS

"AMAS-ME?" PERGUNTOU ELA. "CLARO QUE SIM" RESPONDEU ELE.



"AMAS-ME, REALMENTE?" PERGUNTOU ELA. "CLARO QUE SIM" RESPONDEU ELE.



"MAS TENS A CERTEZA DE QUE ME AMAS?" PERGUNTOU ELA. "NÃO", RESPONDEU ELE.



"AMAS-ME?" PERGUNTOU ELA. "CLARO QUE SIM" RESPONDEU ELE. ELA NUNCA MAIS TORNOU A PERGUNTAR.



Portugal e Mauritânia assinaram acordo de pesca

Após demoradas e difíceis negociações entre Portugal e a República Islâmica da Mauritânia conduzidas pela Secretaria de Estado das Pescas sobre a concessão de licenças de pesca aos arrastões portugueses para operarem na zona do Cabo Branco em águas territoriais daquele país, foi finalmente celebrado, entre os dois Governos, um acordo de pesca que permite a continuidade da

actividade dos navios nacionais naqueles pesqueiros. Pelo lado português assinou o acordo o encarregado de negócios de Portugal em Dakar, que chefiou uma delegação integrada por técnicos da Secretaria de Estado das Pescas.

Foi garantido o interesse fundamental do país, dos pescadores e dos armadores, ao conseguir-se autorização de continuidade de pesca nas águas daquele Estado africano, embora as contrapartidas exigidas pelo Governo mauritânico alterem substancialmente o quadro em que se desenvolvia até então a actividade dos ar-

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vidigueira em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/57207, arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Vila de Frades e Vidigueira, concelho de Vidigueira, de uma linha aérea a 15 kV com 604 m do poste 75 da linha Cuba-Portel ao 2.º Poste de Transformação da Vidigueira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 11 de Março de 1976.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

BARES • BOITES

RESTAURANTES TÍPICOS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859/368197. Rosy Striptease

CASINO ESTORIL — logo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264946

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEQ.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %		275\$	280\$
Cons. 3 %	310\$	310\$	
Cons. 3 1/2 %		350\$	
Centenários	805\$	800\$	
Tes. 5 %		835\$	
Tes. 10 %	545\$	545\$	550\$
Extern. 1.ª - s.	450\$	450\$	
Extern. 1.ª - c.		450\$	
Extern. 3.ª - s.		460\$	
Extern. 3.ª - c.	460\$	460\$	
Caut. 3.ª - s.			
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %		750\$	
C.M.L. 5 3/4 %		830\$	
C.P. 5 1/2 %	67	720\$	
C.P. 5 1/2 %	68	720\$	
C.P. 5 1/2 %	69	720\$	
Corr. 5 3/4 %		810\$	
Metr. 5 3/4 %		810\$	
Tur. 5 3/4 %		810\$	850\$
C.P. 6 3/4 %		835\$	
ELÉCTRICAS			
G. 5 %		700\$	700\$
G. 5 %			
G. 5 %			
G. 5 %			
G. 5 %			
G. 5 %			
G. 5 %			
G. 6 %			
G. 6 %		820\$	
G. 7 %		900\$	
H.E.A.A. 5 %		610\$	
H.E.C. 5 %	770\$	680\$	770\$
H.E.C. 6 %		610\$	
H.E.D. 5 %		610\$	780\$
H.E.D. 6 %			
H.E.N.P. 5 %		700\$	
H.E.S.E. 5 %			
H.E.S.E. 6 %			
H.E.Z. 5 %			780\$
H.E.Z. 6 %			
N. Elec. 5 %		670\$	
N. Elec. 6 %		690\$	
Termoelec. 5 %			600\$
U.E.P. 5 %		60	
U.E.P. 5 %		63	
U.E.P. 6 %		760\$	
U.E.P. 7 %		790\$	800\$
DIVERSAS			
A.P.T. 5 %	56	710\$	
A.P.T. 5 %	58	700\$	
Lisnave 6 %			
Nitratos	60		
Pet. 2.ª e 3.ª			
Sacor 7 %		835\$	840\$
Sacor 5 %	54		
Sacor 5 %	60	850\$	
Sid. 5 %	2.ª		
Sid. 5 %	3.ª		
Sid. 5 %	4.ª		750\$
Socel 5 %			
R. Fabril	67	845\$	850\$
R. Fabril	68	820\$	820\$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %			
Rev. 5 %	57		
Rev. 5 %	59-60		
Mocambique 5 %			
Sonefe 5 %			
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico			
F.I.D.E.S.			

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado no litoral a norte do rio Mondego e pouco nublado nas restantes regiões e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 17,8°

P.DA SAÚDE
Mínima 02,5°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Nas regiões a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, céu geralmente pouco nublado; vento fraco. Períodos de chuva fraca; a sul do referido sistema: céu geralmente pouco nublado; períodos de chuva, chuvisco ou chuva fraca. Aumento gradual de nebulosidade e vento fraco.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO 8°
P. DOURADAS 8°
COIMBRA 10°
PORTALEGRE 10°
LISBOA 10°
FARO 15°
FUNCHAL 14°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
4.55 4.4 m	10.37 0.5 m
17.18 4.3 m	22.54 0.5 m

Dia 18

5.38 4.4 m	11.19 0.5 m
18.01 4.3 m	23.38 0.6 m

Dia 19

6.23 4.3 m	
18.45 4.2 m	12.02 0.7 m

ANANHA

NAScer AS 7.44

OCASO AS 19.47

DIA 22 DIA 30 DIA 7 DIA 14

palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11322

HORIZONTAIS

- Aquele que. Atado.
- Gênero de aves galináceas do Brasil. A mais velha de determinadas mulheres. Nome de astro.
- Prefixo de privação. Estado de quem possui uma coisa ou a goza. Boro (s.q.).
- O mesmo que ion. Item. Levantar.
- Pureia (pl). Sufixo que designa estado.
- Rio de França. Classes.
- Cerume. Plural.
- Ave pernalta. Leitões de viagem.
- Raça. Pequeno simio do Brasil. Artigo definido.
- Remar para trás. Fome.
- Duna na Suécia. Rolos de cabelo.

VERTICAIS

- Pronome relativo. Construção que rodeia um terreno.
- Caixão funerário. Espalha.
- Pronome pessoal. Executuras.
- Ligue. Atmosfera.
- Disfarça (fig.). Actínio (s.q.).
- Nascente. Atravessa.
- Seguias. Pula.
- Hospedaria oficial na China. (inv.) Nome comum de qualquer guisado ou ensopado.
- Carta de jogar. Apanha. Preposição latina que designa movimento.
- Enovelara o fio de uma meada. Inércia.
- Perfume. Isolado. Sadias.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7482

HORIZONTAIS

- Cidade da África ocidental sobre o Niger. Experimentar.
- Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Personagem do «Otelo» de Shakespeare.
- Eliminar.
- Passada. Velhacas.
- Moderato. Miriáde. Um dos estados da América do Norte.
- Aluga. Senhores.
- Caminhar. Gosta muito de
- Pacífico.
- Uma das mais antigas divindades da Índia, deus da justiça e da morte. Unida.
- Brisa. Quinto filho e Jacob. Lançar o arpejo a.
- Camponês. Arara.

VERTICAIS

- Batráquio. Magnet natural. Seguias.
- Amante. Um dos estados do Brasil.
- Cidade da Alemanha. Escarneçam.
- Sapo do Amazonas. Centro de comércio.
- Prefixo de privação. Nesse lugar.
- Piedosas. Dose (fig.).
- Invulgar. Achatas.
- Neste ano (anti). Distar.
- Pronome possessivo (pl). Protecção (fig.).
- Freguesia do concelho de Barcelos. Oferecer.
- Da Rússia. Cidade do Japão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11321

HORIZONTAIS:

- Asco. Galgas.
- NÃO. Aam. ONU.
- Or. Abria. Há.
- SERAMÃO. Suor.
- Amãiana. Sa.
- Imã. Sud.
- Melar. Anãs.
- Ar. Ris. Trio.
- Sr. Aa. Modos.
- SEM. Sai. Obã.
- Asas. Cassas.

VERTICAIS:

- Anosa. Massa.
- Sarem. Erres.
- Co. Rail. Ma.
- Amimara.
- Abanarias.
- Garoa. Ac.
- Ami. Sa. Mia.
- ASSUNTO.
- Go. Dardos.
- Anhos. Siobã.
- Suaram. Osas.

HORIZONTAIS:

- Iglu. Tremas.
- Meã. Trela.
- Al. Sua.
- Narrariamos.
- Aias. Assomas.
- Coa. Ras.
- Levai. Roer.
- Alara. Aas.
- Rara. Nu.
- Grainhas. Al.
- Aa. Soa. Musa.

VERTICAIS:

- Imana. Larga.
- Gelai. Elara.
- La. Raivara.
- Srs. Arais.
- Tua. Cia. Nô.
- Trarão. Chã.
- Re. Isara.
- El. As. Oo. Sm.
- Mármore.
- Omar. Nas.
- Sonsas. Pula.



Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO J-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA
Infante Santo, Rua do Oli-
val, 290 (Tel. 661003)

ALVALADE
Lusitana, Avenida de Roma,
18-A (Tel. 725443); Rio de
Janeiro, Avenida Rio de Ja-
neiro, 4-C (a Avenida dos
Estados Unidos da Ameri-
ca), (Tel. 721409)

AVENIDAS NOVAS
Sã da Bandeira, Avenida
Marquês Sã da Bandeira 36-
42 (Tel. 41961-54672)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ancenso, Praça Norte, 11-A
(Tel. 311216)

BAIXA
Frazão, Rua Portas de Santo
Antão, 70 (Tel. 328180)

CAMPOLIDE
Ronil, Rua Rodrigo da Fon-
seca, 153 (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva de Car-
valho, 145-F (Tel. 663643)

ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de
Melo, 90 (Tel. 44438)

LAPA
Neves, Rua da Bela Vista a
Lapa, 37 (Tel. 661251)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas
de Torres, 93-A (Tel.
791131)

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de
Freitas, 10-A (a Igreja da Pe-
nha de França) (Tel.
842518)

PICHELEIRA
Marieux, Calçada da Piche-
leira, 140-A (Tel. 720703-
728395)

SÃO VICENTE
Santo António, Rua Leite de
Vasconcelos, 72-C (Tel.
862333)

XABREGAS
Conceição, Calçada de D.
Gastão, 30 (Tel. 381279)

TURNO J-2

TODA A NOITE

ALVALADE
Zil, Avenida da Igreja, 9-D
(Tel. 711780)

AMEIXOIRA
São Bartolomeu, Vila Paulo
Jorge, 1 (Galinheiras-Char-
neca) (Tel. 790969)

ARROIOS
Nunes, Rua Ângela Pinto, 32
(Tel. 49756)

AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Avenida 5 de
Outubro, 283 (a Feira Popu-
lar e Avenida 28 de Maio)
(Tel. 763016)

BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim,
125 (Tel. 323443-323446-
322328)

BELÉM

Gomes, Rua da Junqueira,
326 (Tel. 638193)

BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfi-
ca, 444-A (Tel. 782606)

CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide,
297-C (Tel. 687475)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de
Ourique, 131 (Tel. 686640)

CONDE REDONDO
Salutar, Rua Conde de Re-
dondo, 9-B (a Gomes Freire)
(Tel. 533411)

LAPA
Eduardo César, Rua das Tri-
nas 102 (Tel. 662631)

OLIVAIS
Olivaís, (dps), Rua Alves
Gouveia, 19 (Tel. 311237)

SÃO MAMEDE
S. Mamede, Rua Escola Polí-
técnica, 82-B (Tel. 660280)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C. G. Guer-
ra, 64 (Tel. 2112070)

PACO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Pa-
trão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
Toda a noite

OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira,
29 (Tel. 2430058). Até às 22 ho-
ras

NOVA OEIRAS
Leal, Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central, Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silva, Av. Sa-
boia, 29-B (Tel. 260085). Até
às 22 horas

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-
C (Tel. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24
(Tel. 263052). Toda a noite

AMOREIRA
Amoreira, Até às 22 horas

MONTÉ ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1
(Tel. 260391). Toda a noite

CASCAIS
Cordeiro, Av. C. G. Guerra,
40 (Tel. 280170). Até às 22 ho-
ras: A. Costa, R. Freitas Reis,
24-C (Tel. 280214). Toda a noi-
te

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A
(Tel. 935518); Carmelo, R. Elias
Garcia, lote 28 (Tel. 933303);
Helénica, R. Elias Garcia, 2
(Tel. 933613); S. Jorge, R. Pe-
dro do Negro, 5. Reboleira
(Tel. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A
(Tel. 971121)

QUELUZ
Correia, L. do Mercado, 3
(Tel. 950906)

CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos
Bons Amigos, lote 5-D

MEM MARTINS

Miranda Garcia, E. de Mem
Martins, 173-B (Tel. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila
(Tel. 293039)

COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa,
8 (Tel. 204250)

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo
Rei, 31-A (Tel. 2766498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fatima, E. Nacional,
244-A (Tel. 2040141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta
Gomes, do Arco, 12
(Tel. 2073443)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, 1 (a. O-
utubro, 62 (Tel. 270121)

MOITA
Silva Racha, R. da Republi-
ca, 16 (Tel. 239029)

MONTUJO
Moderna, R. Bulhão Patro, 60
(Tel. 231015)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis,
21 (Tel. 2233028)

SETUBAL
Costa, Lda Misericórdia
(Tel. 227601); Brasil, P. do Bra-
sil (Tel. 24788)

SEIXAL
Godinho, Lda Igreja, 51
(Tel. 2218580)

PORTO

TURNO 25
Foz, R. Senhora da Luz, 380.
Foz, Alirio de Barros, R. de
Costa Cabral, 240. Maga-
lhães, R. de Serralves, 566.
Nova de Monsanto, R. de
Monsanto, 148. Correia,
P. Mousinho de Albuquerque,
78. Corujeira, R. d.
S. Roque da Lameira, 1473.
Couto, R. de S. Domingos,
106. Luso-Francesa, R. Sã da
Bandeira, 140

ATÉ ÀS 22 HORAS
Foz, R. Senhora da Luz, 380.
Foz, Alirio de Barros, R. de
Costa Cabral, 240. Maga-
lhães, R. de Serralves, 566.
Nova de Monsanto, R. de
Monsanto, 148. Correia,
P. Mousinho de Albuquerque,
78. Corujeira, R. d.
S. Roque da Lameira, 1473.
Couto, R. de S. Domingos,
106. Luso-Francesa, R. Sã da
Bandeira, 140

TODA A NOITE
Lapa, R. Antero de Quental,
211. Gomes Carneiro, R. de
Cedofeita, 348. Central,
R. de Santo António, 203

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil,
70. Telef. 26046. Higiene,
Rua Fernandes Tomás, 41.
Tel. 22634. Santa Cruz, Rua
das Padeiras, 94. Tel.
23569.

Cinemas

cinemas

CINEMAS

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30 e 21.15
Int. a men. 18 anos

DELÍCIAS FRANCESAS

Um filme de Jean-Claude
Laureaux

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

Glenda Jackson, Michael Caine

A INGLESA ROMANTICA

Um filme de Joseph Losey
Hoje às 18.30
Não acons. a menores de 18 anos

Sessão clássica

«A CIASSE DOMINANTE»

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. men. de 18 anos

As orgias e excessos sexuais

CAMILLE

6.ª Semana de encontros

VOZ

T. 720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a men. de 13 anos

A QUADRILHA DOS DOBERMAN

ROMA

T. 727778 Estreia às 21.15
Interdito a menores de 18 anos

O ASSASSINO DE SAIAS

com Florinda Bolkan e Irene Pápas

S. LUÍS

T. 327172 21.30
Para maiores de 13 anos

BRANDOS COSTUMES

de Sôxas Santos
Excepto às 2.ªs-feiras



1.º Programa

15.00: Pánel da tarde; 18.00: Temas sobre a condição de retornados; 19.00: Cultura e actualidade, por Luis Pereira de Sousa; 19.30: Música variada; 20.00: Jornal da noite; 20.15: Futebol relato, em cadeia, dos quatro jogos da Taca dos Campeões Europeus; 22.00: 20.ª e último episódio do folhetim «A Noite e a Madrugada», de Fernando Namora, numa adaptação de Judith Navarro; pánel da noite; 00.00: Último jornal; 00.30: Retrospectiva; 01.00: Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta; música na noite; 02.00: Música na noite.

2.º Programa

16.00: Sonatas; 17.05: Árias de óperas, por tenores; 17.35: Sereñata op. 44, em re menor, de Dvorak; 18.00: Música do século XX; 19.05: Pequenas obras de grandes compositores; 19.30: Poemas sinfónicos; 20.00: O violonista Rugiero Ricci; 20.30: Música de câmara, de Mozart; 21.00: As grandes obras corais sinfónicas; 22.50: As pianistas Geneviève Joy e Jac ueline Robin-Bonneau; 23.00: Canções de Schubert; 23.14: Intercâmbio musical; 00.00: «Fogo de Artificio», suite de Haendel; 00.24: Solos de piano; 00.36: Música coral contemporânea; 01.00: Fecho.

3.º Programa

16.00: Emissão nacional, pela por elas, casos ao acaso, de Orlan-
do Dias Agudo (repetição); 18.00: Emissão regional, contacto tea-
tro trágico, dos Parodiantes de Lis-
boa; 19.45: Felhetim, «Lisboa em Ca-
misa» (repetição); 20.00: Futebol
relato, em cadeia, dos quatro jogos
da Taca dos Campeões Europeus;
22.00: Quando o telefone toca; 23.00:
A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apenas música;
19.00: Em órbita; 20.00: Orquestras;
21.00: Concerto; 22.00: Jazz; 00.00:
Prisma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

Emissão contínua. Onda Média
(Lisboa), 233.2 m. - 1286 KHz; Modu-
lação de Frequência (Lisboa), 93.2
MHz.

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
Para os escravos a coragem não
conhece algemas. Para os senho-
res o desejo não conhece a cor!

ESCRAVOS

Um filme de Herbert Biberman

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Lino Ventura-Isaac Haves Fred
Williamson

TRES TIPOS DUROS

Um face a face explosivo!

ODEON

T. 326283 Hoje às 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

Estreia maravilhosa!

Um filme sublime dirigido a todas
as mulheres

A OUTRA MULHER

com Mauricio Garces e Saby
Kamaliç

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

**A HISTORIA DE FERNÃO
CAPELO GAIVOTA**

12.ª Semana

Hoje às 24 h (Grupo D - M/18 anos)

O MONTE DOS VENDAVAIS

de William Wilder

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O PROFESSOR NUDISTA

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

COM JEITO VAI NA FARRA

3.ª Semana

c/Elke Sommer e Kenneth
Williams

RESTELO

T. 610375 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

CONFISSÃO DE UM COMISSÁRIO

AVIS

T. 47163 21.15

Int. a menores de 18 anos

13.ª Semana

O RALLY DAS GOZONAS

Este filme cont. cen. event.
chocantes

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.45

Não acons. a menores de 13 anos

Jean Louis Trintignant

O HOMEM QUE MENTE

Um filme de Alain Robre-Gillet

ESTÚDIO 444

T. 779095 14.30, 16.45, 19 e 21.15

Interdito a men. de 18 anos

DELÍCIAS FRANCESAS

Real Jean-Claude Laureaux

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

AMOR, NÃO FAÇAS MAL!

Talvez um pouco picante mas
pode trazer a família

UNIVERSAL

T. 774402 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

DEUS PÁTRIA AUTORIDADE

de Rui Simões

4s 17 e 23 h

Para todos

MAO TSE TUNG

de Nagira Oshima

CONDES

T. 322523 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

COM ENCONTRO MARCADO

c. Richard Conte e Carla Gravina

BERNA



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
 RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
 TEL. 654531/2/3/4
REDAÇÃO SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
 RUA LUZ SORIANO, 44
 TEL. 321154/5, 320271/2/3
 RUA DA ROSA, 75
 END. TEL. DIBOA TELEX 12363
 LISBOA-PORTUGAL

Ferreira da Cunha visitou o "D.L."

O secretário de Estado da Comunicação Social, tenente-coronel Ferreira da Cunha, visitou ontem as oficinas da Renascença Gráfica e assistiu à saída da edição do «Diário de Lisboa».

A visita, que decorreu na companhia dos administradores e da direcção, permitiu ao tenente-coronel Ferreira da Cunha informar-se dos problemas do jornal e dos aspectos técnicos da produção.

Neto em Bissau

Dar aos trabalhadores a propriedade dos meios de produção

DAKAR, 17 — (F.P.) — O dr. Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola, declarou que se está a estabelecer o Poder Popular em Angola.

O chefe de Estado angolano, actualmente em visita à Guiné-Bissau, afirmou que «é preciso acabar com o neocolonialismo, o racismo e a exploração». Informou, além disso, que o M.P.L.A. se empenha em criar condições favoráveis a uma redistribuição das riquezas angolanas a fim de que os que trabalham se tornem os proprietários dos meios de produção.

TROPAS AMIGAS FICAM EM ANGOLA

BISSAU, 17 (do correspondente da ANOP, Daniel Reis) — A «cimeira» quadripartida que reuniu na capital da Guiné-Conakry os presidentes Agostinho Neto, Sekou Touré e Luís Cabral, e o primeiro-ministro cubano Fidel Castro, «decidiu manter os contingentes de tropas de países amigos que ajudaram o M.P.L.A. a defender a integridade territorial e a independência de Angola, até que o Governo angolano deixe de o considerar necessário» — anunciou o presidente da Guiné-Bissau, Luís Cabral, ao regressar de Conakry, aonde foi pessoalmente convidado pelo presidente da vizinha República Democrática da Guiné, Sekou Touré.

RAUL DE CASTRO RESPONDE A FORD

HAVANA, 17 — (R.) — O ministro cubano da Defesa, Raul Castro, declarou que o seu país aplicou o princípio de não intervenção ao ajudar a expulsar «a agressão imperialista» em Angola.

O major Castro, número dois na hierarquia cubana e irmão do primeiro-ministro Fidel Castro, declarou à comissão preparatória do Festival Mundial da Juventude de 1978: «Contribuindo para pôr em debandada a intervenção, apenas aplicámos o princípio da não intervenção».

O seu discurso foi considerado por observadores como resposta ao presidente Ford, que disse, num discurso da campanha eleitoral na Florida, o mês passado, que Cuba era culpada de intervenção.

RELAÇÕES COM A ZÂMBIA

LUSAKA, 17 — (F.P.) — José Eduardo dos Santos, ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular de Angola, chegou ontem a Lusaka, à frente de uma delegação do M.P.L.A., para negociações com o Governo zambiano, tendo em vista uma normalização das relações bilaterais.

Na verdade, a Zâmbia é um dos poucos países africanos a não reconhecer o Governo de Angola.

Contagem decrescente para golpe na Argentina

BUENOS AIRES, 17 (R) — O ministro da Defesa Jose Deheza, declarou a noite passada que o comandante-chefe do exército, Jorge Videla o informara de que tinha começado uma contagem decrescente para um golpe de Estado militar na Argentina.

Deheza disse a congressistas

Soltos chefes de Brigada da ex-P.I.D.E.

Foram esta manhã postos em liberdade mais dez elementos da ex-P.I.D.E./D.G.S.

Segundo um elemento da Comissão de Extinção daquela organização, «entrou-se na fase dos chefes de brigada».

Assim, alguns dos elementos

que o aviso foi dado durante conversações que teve com o general Videla sobre a crise política e económica do país.

Afirmou que o general Videla lhe disse que as forças armadas não alimentavam qualquer desejo de tomar o poder, mas seriam forçadas a actuar se o país fosse colocado à beira do caos absoluto.

hoje soltos desempennavam «efectivamente aquelas funções».

Quanto aos militares e civis detidos devido aos acontecimentos do 25 de Novembro, foi-nos dito que «nenhum mandado de soltura tinha sido recebido nas últimas horas».

Prevê Gabinete do B.P.A.

Ano económico difícil

As previsões referentes à economia portuguesa para o ano corrente não permitem que se enfrente com optimismo a situação do País nos tempos mais próximos. É esta, pelo menos a conclusão a que chegam os membros do Gabinete de Estudos Económicos do B. P. A. no número 8 de «Conjuntura», boletim periódico que bem merece a classificação de exemplar pela desenvoltura e pela honestidade com que os seus autores examinam a problemática económica portuguesa.

Datado de Dezembro, este número do boletim assenta as suas previsões referentes ao ano de 1976 no exame da evolução que teve lugar em 1975 e as suas conclusões carecem, por isso, ser corrigidas em função dos números referentes ao primeiro trimestre do ano corrente, embora tudo leve a crer que essas correcções não venham a afectar grandemente as conclusões dos técnicos do B. P. A.. Isto porque os empréstimos externos obtidos, este ano, como é o caso do acréscimo de 30 milhões de dólares anunciado hoje, têm mais o carácter de uma injeção destinada a aliviar as dores do que de um remédio, destinada a aliviar as dores, e porque os acordos celebrados ultimamente só a longo prazo poderão contribuir para atenuar uma crise profundamente enraizada no clima de incerteza e de instabilidade política em que temos vivido.

De acordo com as previsões dos técnicos do B. P. A. podemos contar com um acréscimo de 10 por cento na perda da produção nacional em 1976. Isto, evidentemente, em relação à verificada em 1975. A perda da produção nacional em 1976, tomando por base a produção de 1973/74, será de cerca de 25 por cento o que é francamente assustador.

O desemprego, por outro lado, poderá atingir proporções

alarmantes, ultrapassando no final do ano corrente, cerca de 800 000 pessoas, ou seja 25 por cento da população activa total.

No final de 1975, o défice estadual era de 33 milhões de contos e muitas empresas privadas e nacionalizadas encontravam-se também numa situação de défice que os técnicos do B. P. A. atribuem a um conjunto de razões em que sobressaem aumento das despesas correntes e a quebra das receitas das vendas.

Outro motivo de preocupação é, certamente, o agravamento das despesas correntes em detrimento dos investimentos. De acordo com os técnicos do B. P. A., a prosseguir o Governo na política que tem seguido neste campo, o défice do Estado poderá atingir valores ainda mais alarmantes provenientes das despesas não produtivas. Note-se, a este respeito, que em 1975 os investimentos privados devem ter sido insignificantes e que nem sequer se deve ter investido na substituição de equipamentos velhos o que nos coloca numa situação de desinvestimento que nada leva a crer ter sido alterada no decorrer do primeiro trimestre do ano corrente.

O panorama acima descrito não é completo, na medida em que não toma em linha de conta alguns factores importantes que o boletim aponta para se fazer uma ideia da situação económica do País, nomeadamente no que se refere à situação das reservas de ouro e do comércio externo, mas é suficientemente esclarecedor para justificar o receio com que os técnicos do B. P. A. encaram o futuro.

Vale a pena, para terminar mencionando que os autores do estudo a que nos vimos referindo consideram que as medidas a tomar — austerizar a vida económica, criar postos de tra-

balho, financiar os investimentos e as poupanças efectivas e auxiliar as pequenas e médias empresas, embora em termos especiais — são conhecidas, mas que nunca foram preenchidas as condições políticas minimamente necessárias a uma governação anticrise económica por parte dos sindicatos dos partidos das Forças Armadas e dos próprios Governos.

Júlio Martins (Reforma Agrária) no Estefânia

Por iniciativa do Grupo Antifascista de Arroios, efectua-se hoje pelas 21 e 30, no Clube Estefânia (Rua Alexandre Braga, 24-A), uma sessão de esclarecimento sobre a Reforma Agrária com a participação do eng.º Júlio Martins, um elemento da CRARA e um elemento do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Santarém.

Agricultores de Coruche pressionam ministro

CORUCHE, 17 — Alguns milhares de seareiros e rendeiros da região de Coruche vão concentrar-se amanhã, às 15 horas, junto ao Ministério da Agricultura e Pescas, se o ministro Lopes Cardoso não lhes der entretanto uma resposta sobre a devolução das terras que cultivam e que agora estão ocupadas por cooperativas agrícolas.

A medida foi anunciada em conferência de imprensa dada ontem pelos agricultores, na Associação de Agricultores de Coruche. Segundo um dos agricultores presentes na conferência, o ministro prometeu a devolução das terras ocupadas, até ao montante de 50 mil

AS VIRTUDES E OS DEFEITOS

O arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva, num artigo publicado no «Diário do Minho» em que toma posição sobre as recentes declarações do bispo do Porto acerca da posição da Igreja face ao 25 de Abril, escreve a certa altura: «A Igreja não se identifica, nem com o 25 de Abril, nem com o 28 de Maio. De um e de outro reconhece as virtudes e reprova os defeitos».

Assim, o arcebispo de Braga não só se opõe ao pensamento do bispo do Porto como contraria afirmações do Cardeal-Patriarca, D. António Ribeiro, que em recente entrevista afirma: «A Igreja continuará a saudar e a acolher com alegria os autênticos valores da Revolução de Abril».

pontos, tendo-se acertado o prazo que amanhã termina para Lopes Cardoso confirmar a devolução. «Se o ministro nos der uma resposta ainda hoje, não iremos a Lisboa», esclareceu o agricultor.

Entretanto, e ainda relacionado com a ocupação de terras, foi mandado selar, pelo Ministério da Agricultura e Pescas, o Centro Regional da Reforma Agrária de Coruche, sobre cujas actividades foi mandada instaurar uma sindicância.

A Associação de Regentes, cujas instalações se encontram no mesmo edifício, continua entretanto a funcionar.

Polícia cerca "cubanos" e encontra cinema

Por denúncia de que cubanos tinham transportado um grande número de armas para um prédio da Carlos Mardel, a Polícia cercou a zona, subiu para o telhado e esperou que os cubanos saíssem. Passou-se ontem às 17 horas nesta cidade de Lisboa. Um transeunte viu duas moças e um jovem saírem de um carro com espingardas, fardas e capacetes e entrar num edifício.

Os 3 «cubanos» em causa pertencem à Cooperativa Cinequanon que realiza neste momento o filme «A Confederação» de Galvão Teles, com um subsídio do Ministério da Comunicação Social e, para efeitos de enredo, com necessidade de utilizar armas, fardas e capacetes que ontem foram buscar ao Ralis. As armas, sem culatra, saliente-se.

No meio do burburinho, uma

das moças saiu à rua e perguntou a um polícia o que se passava. O polícia respondeu que havia armas no prédio.

«Somos nós que as temos» — esclareceu a moça que convidou o polícia a subir.

Um outro agente ao lado, alertou de imediato: «Isso é capaz de ser uma armadilha. Não podes subir».

Mais tarde um novo elemento da Cinequanon quis entrar no edifício. Transportava bobinas. Foi interceptado pela Polícia e utilizado como refém. Feita uma minuciosa busca à casa, encontraram fardas, casacos de bombeiros (dos antigos), armas sem culatra e mais roupas de todos os feitios que estão a ser utilizadas no filme «A Confederação». Os polícias reconheceram «in loco» o terrível perigo dos «cubanos».

Livro português na URSS. (e vice-versa)

Encontram-se em Lisboa editores soviéticos — e ontem, na Novosti, num encontro com jornalistas e escritores, foi anunciado o incremento, tão rápido quanto possível, do intercâmbio de livros entre Portugal e a União Soviética.

Presentes ao encontro Vasili Moldavan, membro do Conselho Executivo do Comité Estatal de Editores e Tipografias da U. R. S. S.; Anatoli Starostin, chefe de Redacção da editora «Progress»; e Marina Kostitsina, redactora científica da editora «Mir».

Nomes de autores portugueses mais traduzidos na U. R. S. S.: Eça de Queirós, Soeiro Pereira Gomes («Esteiros»), José Gomes Ferreira («Contos de João Sem Medo»), Herculano («Narrativas»), Camões, Fernando Namora («Clandestinos»), Aquilino Ribeiro («Quando os Lobos Uivam») e Ferreira de Castro («A Lã e a Neve»).

Polícia morto

na Via Rápida

Continuação da pag. 1

O carro com a matrícula IM-78-05, que seis indivíduos ocupavam, foi ainda perseguido por pessoas que se encontravam no local. Em vão. Do facto foi dado conhecimento imediato à Brigada de Trânsito da G. N. R. e alertadas todas as brigadas dispersas pelo País. Até ao princípio da tarde ainda não tinha sido detectada a viatura.

Segundo informação recolhida no Hospital Geral de Santo António, onde o agente já chegou sem vida, foram dois os tiros que vitimaram mortalmente o polícia José Fernando da Rocha.

Vasco Lourenço

Continuação da pag. 1

mas com outros indivíduos à frente.»

«Os factos foram já de tal maneira dissecados — continuou — que só a convicção de alguns elementos que continuavam a insistir que o 25 de Novembro veio justificar o 11 de Março é que torna possível o aparecimento de documentos daqueles com a larga difusão que tiveram.»

«Perante isso, como vê a presença do ex-general no nosso País?» — perguntámos.

«Se ele vier, como dizem que está para vir, será preso e julgado de acordo com as faltas que pendem sobre ele. Mas duma coisa estou certo: será preso» — respondeu o brigadeiro.

Canadiano tinha o haxixe mais puro

Conforme referimos na edição de ontem, uma rusga realizada pela Polícia Judiciária em vários hotéis de Lisboa levou à apreensão de grande quantidade de haxixe (mais de cinco quilos). Esta «Resina Cannabis L.» estava na posse de Jean François Joseph Benet, um canadiano de 22 anos, hospede do Ritz. Informações obtidas junto da Judiciária fa-

zem supôr que se trata do haxixe «mais puro» jamais apreendido por agentes da P. J. «É um haxe da melhor qualidade», disseram-nos. Entretanto desconheciam-se, ainda, qual a procedência da droga. A possibilidade de Joseph Benet ser o «caixeiro viajante» de uma ampla rede de traficantes internacionais é quase uma certeza.